

DECIFRANDO O ÓBVIO

EDER XAVIER



DECIFRANDO O ÓBVIO

EDER XAVIER

DECIFRANDO O ÓBVIO

2009 © Eder Xavier

Todos os direitos desta edição
reservados a Eder Xavier.

*Nenhuma parte deste livro poderá
ser reproduzida, armazenada ou
transmitida sob qualquer forma ou
através de qualquer meio sem prévia
autorização por escrito do autor.*

Primeira edição: Outubro de 2009

Impressão: 5ª 4ª 3ª 2ª 1ª

Ano: 13 12 11 10 09

Edição do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Xavier, Eder

Decifrando o óbvio. / Eder Xavier.

São Paulo, 2009.

272 p.: 15 x 21 cm

ISBN 978-85-908752-0-8

1. Religião; 2. Universo; 3. Deus; 4. Bíblia; 5. Israel

Índices para catálogo sistemático

1. Deus : Israel : Religião : Bíblia

*Ao pai, homem e marido exemplar,
estimado e inesquecível Acrísio Xavier
da Silva que disse-me certa vez:*

— *“Filho, não há como ver Deus,
pois não há alguém maior ou igual ao Criador.
Mas, mais do que ver, podemos senti-Lo em tudo o
que existe, especialmente em nós mesmos e, dessa
forma, nada nos separará do Seu amor em Cristo”.*

*Celebro, querido pai, seu glorioso exemplo de fé,
e repito sua frase predileta:*

— *“Ver-nos-emos
sempre em vitórias”.*

*Que assim seja.
[In Memoriam]*

*Agradeço a Deus pelos 4 filhos
Simone, Analy, Thiago e Carolline.
Estrelas guias que vieram me ensinar e
iluminar o meu caminho.*

*Que meus netos Gabriel e Nicolas
(e os que vierem) sejam alcançados pelo
brilho intenso da luz que vem do oriente.*

*A Oflia Garcia Xavier, minha mãe
toda gratidão pelas eternas orações
a meu favor.*

	11	<i>Nota da Editora</i>
	13	<i>Prefácio</i>
ALFA		
		CAPÍTULO 1
	23	<i>Supernovas</i>
		CAPÍTULO 2
	37	<i>Anjos entre nós</i>
		CAPÍTULO 3
	51	<i>O céu dos antigos era mais estrelado</i>
		CAPÍTULO 4
	65	<i>Homo Novus: Projeto Adâmico</i>
		CAPÍTULO 5
	77	<i>Aquele que lutou com Deus</i>
ÔMEGA		
		CAPÍTULO 6
	89	<i>Sob o signo do cajado</i>
		CAPÍTULO 7
	107	<i>Arcas e tabernáculos</i>
		CAPÍTULO 8
	127	<i>A palavra</i>
		CAPÍTULO 9
	145	<i>O sopro da vida</i>
		CAPÍTULO 10
	159	<i>Nos subterrâneos de Moriá</i>
		CAPÍTULO 11
	173	<i>O cerco de Israel</i>
		CAPÍTULO 12
	185	<i>O sinal do filho do homem</i>
APÊNDICES		
	209	<i>Singularidades</i>
	221	<i>Ovelhas</i>
	235	<i>Odisséia</i>
	249	<i>Post Scriptum</i>
	251	<i>Notas</i>
	269	<i>Referências</i>

NOTA DA EDITORA

Decifrando o Óbvio é uma releitura investigativa da Bíblia, motivada pela percepção do autor sobre os incontáveis enganos ocasionados por interpretação em suas mais diversas leituras tradicionais. Mas, ao contrário do que se possa imaginar, não se trata de uma desmistificação ou invalidação das escrituras, pois estas são acima de tudo inquestionáveis, contendo toda a essência da história da saga humana, desde sua criação até os dias que virão, e sua relação com o Criador e seus servidores, celestiais ou humanos, por Ele escolhidos.

O ávido estudo de cada detalhe descrito nos livros sagrados da Bíblia levou o autor a descobertas fascinantes, que convergem ao proclamado por algumas das mais brilhantes mentes humanas da contemporaneidade, como o célebre cientista Albert Einstein, que advertiu que “a ciência sem a religião é paralítica” e “a religião sem a ciência é cega”, prevendo que “a religião do futuro será cósmica”, ou como o importante pensador francês do Século XIX, Louis Pasteur, dono da categórica afirmação: “Um pouco de ciência nos afasta de Deus. Muito, nos aproxima”.

O presente livro requer do leitor a mente aberta, livre o máximo possível das interpretações já conhecidas acerca dos ensinamentos bíblicos, pois delas se difere bastante, trazendo uma visão pouco ortodoxa, embora obtida sobre os mesmos ensinamentos. Mas, como diria o autor, não se trata de uma interpretação a ser imposta, de forma que o leitor pode discordar inclusive de todo o conteúdo e, ainda assim, terá pelo menos adquirido conhecimento, sobre um contraponto mais que necessário diante da crise religiosa dos últimos tempos.

PREFÁCIO

Pretendo, através deste livro, rever os conceitos que me serviram de sustentação até este momento. As religiões de hoje não me satisfazem mais. Não espero soluções para os conflitos da alma, mas enquanto não forem definitivamente respondidas as três perguntas que inquietam o ser humano, sinto que é como estar a bordo de um barco à deriva. O que somos? De onde viemos? Para onde vamos? Nem a religião, nem a ciência respondem a essas perguntas de forma satisfatória. As divergências entre as duas bases são tão gritantes que chegam a gerar crises de identidade na humanidade. É penoso para o homem não conseguir desvendar plenamente os mistérios de Deus, do Universo e da sua própria existência.

Mas será que a bússola e os segredos para trilhar um rumo seguro neste campo não se encontram nas entrelinhas das páginas da *Bíblia*, na sua qualidade de mais importante dos livros, fonte de relatos, conhecimentos dos antigos e de todas as respostas?

A proposta que faço enquanto autor deste livro é clara, simples e objetiva. Proponho a leitura atenta da *Bíblia Sagrada*, analisando e transmutando os conceitos e julgamentos que nos foram ensinados, de forma que possamos entender que a verdade é uma só. Quando isso acontecer, eu e você nos tornaremos muitos. Não porque foi descoberta a verdade extraordinária, mas porque saberemos que se aproxima o *Sinal do Filho do Homem*, e ele será implacável.

Uma horda cada vez maior de religiosos vem escurecendo e desviando a visão da Palavra, tornando praticamente impossível a correta interpretação do texto bíblico. Àqueles que se intitulam líderes, caberia revelar a verdade criadora da essência, mas apenas anunciam uma parte da verdade. Em seus devaneios, muitas vezes megalomaniacos, chegam a levar à morte milhões de pessoas, como aconteceu com as Cruzadas, na Idade Média, e outras guerras santas, frutos de fanatismo religioso.

Muitos ficam ricos a custa de vítimas que neles crêm. Outros acreditam ter desvendado todo o mistério, e encontrado o conhecimento de Deus por completo, bem como o seu contorno. Apresentam uma série de mitos e arquétipos, de representações exageradas pela imaginação popular ou pela tradição dos fatos que se cristalizaram ao longo dos séculos, de narrativas e de simbolismos, geralmente ligados à cosmogonia e referentes a deuses encarnadores das forças da natureza ou de aspectos da natureza do homem.

As religiões, talvez por serem humanas, extrapolam o limite do real e do utópico com tanta veemência que criam o Deus-mito, um Deus incapaz de nos suportar, visto que é perfeito e exige, em nós, suas criaturas, a mesma perfeição. No entanto, a perfeição absoluta parece ser também um de nossos mitos, definidos por Joseph Campbell como as “pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”^[1]

Os falsos líderes nos oferecem um Deus que, de tanta perfeição, pode e certamente deve ser questionado. Se somos obras Suas, por que estamos tão arrasados? Será que fomos criados para sofrimentos, confusões e frustrações inconcebíveis? Seria Deus ignorante por não ter previsto o mal que se instalaria no planeta Terra, fruto de nossa própria convivência? Seria Ele impotente por intencionar banir o mal sem obter sucesso? Quando procuramos um Deus, estamos no limite de nossas forças. Impotentes, não compreendemos à que viemos e o que fazemos na Terra, e exigimos respostas lógicas. É com esse vácuo que os religiosos demagogos trabalham.

Fazem isso porque encontram vítimas confusas, a procura de um norte e ávidas por respostas que justifiquem suas existências. Quando isso acontece, os demagogos enriquecem e ganham fama. Mas pode o Deus perfeito ser apresentado por organizações poderosas, comprometidas com aspectos econômicos e políticos? O apelo do Deus Cristo é resultante de seu grande e definitivo valor pessoal. Afinal, ele é Deus e diz: “Vinde a mim”, não “Ide a este ou aquele”.

O Deus Cristo não barganha, não participa de troca de gentilezas, não está convidando um sócio para ajudá-lo a cumprir a tarefa específica que veio realizar na Terra. Ele é, em Si e por Si só, completo. Passar uma tarde tranqüila e espiritual em uma igreja,

sinagoga, pagode ou templo pode ser revigorante, mas não nos enganemos: o trabalho de Deus acontece sem mediador e a todo instante, não estando, contudo, à venda por 10% ou outras porcentagens.

Hoje não há consenso sobre como será a vida daqui a 100, 200, mil ou cinco mil anos. Casaremos? Teremos filhos? Amaremos? Seremos realmente eternos? Nossos corpos ficarão cansados? Viajaremos? Em qual velocidade? São muitas as interrogações. Na verdade, o que procuramos é a essência verdadeira, não aquela fabricada pelas religiões. É o legítimo desejo do conhecimento. É chegada a hora de dar um basta nos mitos. Este é o momento de desvendar o sobrenatural, de desvendar tudo o que está acima do que foi criado, é a hora do grande desafio: Deus verdadeiro. Sem mais tolices.

Todo o universo está mergulhado em uma *Inteligência*, ou seja, há lógica para tudo. Segundo a tradição aristotélica, lógica é o conjunto de estudos que visa determinar os processos intelectuais que são, pois, a condição geral do conhecimento verdadeiro. Ora, se tudo está organizado em determinada lógica, é porque a inteligência agiu e trabalhou. Pode se afirmar, ainda, que existe uma razão para a forma na qual vivemos, e que tal razão não está sujeita ao controle e comando do homem, pois seu código de acesso a conhecimentos universais está desativado.

O que sabe, afinal, o homem? Este que está definitivamente sujeito à lógica e aos propósitos de quem o criou, é o resultado de um acontecimento premeditado, não do acaso de um “caldo químico” que ganhou, aleatoriamente, capacidade de organização e reconhecimento. Foi projetado com um objetivo definido.

Os pesquisadores ainda não têm explicação para o fato de que um grupo de moléculas sem vida, difundidas numa atmosfera química primitiva e agressiva, em algum momento, passou a carregar vida na forma de célula.

O surgimento da vida é, até nossos dias, esclarecido com a ajuda da casualidade, arma utilizada com frequência pela Ciência, quando faltam as respostas. A probabilidade de os vários aminoácidos e enzimas — que formam uma proteína necessária para a construção de uma célula —, se distribuírem ao acaso, em seqüência fixa, é da ordem de 1:1023, ou seja,

1:100.000.000.000.000.000.000.000, segundo o professor James F. Coppedge, antigo diretor do Centro para Pesquisa Biológica Probabilística de Northridge, Califórnia^[2]. Que dizer então do elo perdido entre o ancestral do homem e o homem moderno? Como os hominídeos chegaram ao *Homo sapiens*?

O Verdadeiro sabe o que faz, conhece todos os átomos de seu corpo e do firmamento. Ele, e somente Ele, lhe dará vida eterna. Então não queira mais depender das religiões.

Você é um universo. Fale, reclame e exija diretamente do Criador de muitos e muitos universos. Não use mais intermediários, eles nunca foram necessários.

Aceitando esta máxima, que se dê o próximo passo: entender que existe um Senhor cuja Inteligência resolve problemas e cria soluções, não só aqui na Terra. Um Senhor que acende e apaga estrelas e mundos, que se responsabiliza pelos nêutrons, prótons, elétrons, neutrinos, pósitrons, fótons, mésons e híperons, bem como pela água, pela montanha, pelo mar, por tudo enfim. O que Ele mais faz e gosta é criar!

O Senhor vive nos céus e sua Inteligência é de tal magnitude que o homem não pode compreendê-la. O homem só tem acesso a Deus se Ele permitir. Não temos ainda o direito de contatá-Lo pessoalmente, entrar em sintonia com Ele, devido ao nosso atual perfil de seres imperfeitos, mas temos uma esperança: Cristo, a interligação.

Falei em matéria: moléculas, células, seres e criaturas, e não me esqueci da energia. Mais adiante, procuro demonstrar que, apesar de o homem não ver, inúmeras outras formas de energia se manifestam e operam sobre a matéria além das que nos são conhecidas, como a térmica, a luminosa e a eletromagnética.

A ciência não pode afirmar que tem conhecimento de todo tipo de energia existente no universo, nem mesmo que conhece todos os mundos ou todos os céus. Afinal, não concebemos o vazio absoluto. Nele sempre haverá alguma coisa.

Ao afirmar que tudo aquilo que possui massa e que ocupa um lugar no espaço é originado de algo invisível — como na teoria de Hoyle, astrônomo britânico defensor da hipótese do “Universo Estacionário”, contrária à do “Big Bang” —, ou segundo o pensamento moderno, que a matéria se origina do nada, confirma-se que o nada *existe e se evidencia* através do que cria.

Mas o nada cria de forma ordenada e é imutável. O Sol, a estrela, a Terra e, inclusive, o homem, em sua morte estão destinados a adentrar outros céus e iniciarem outras vidas. Várias culturas, além da judaico-cristã, trabalharam ao longo da história, com o conceito de um “nulo” que precede ao “tudo”, e de uma força criadora e portadora de sabedoria.



Pela fé entendemos que foi o Universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das cousas que não aparecem (Hebreus 11, 3).

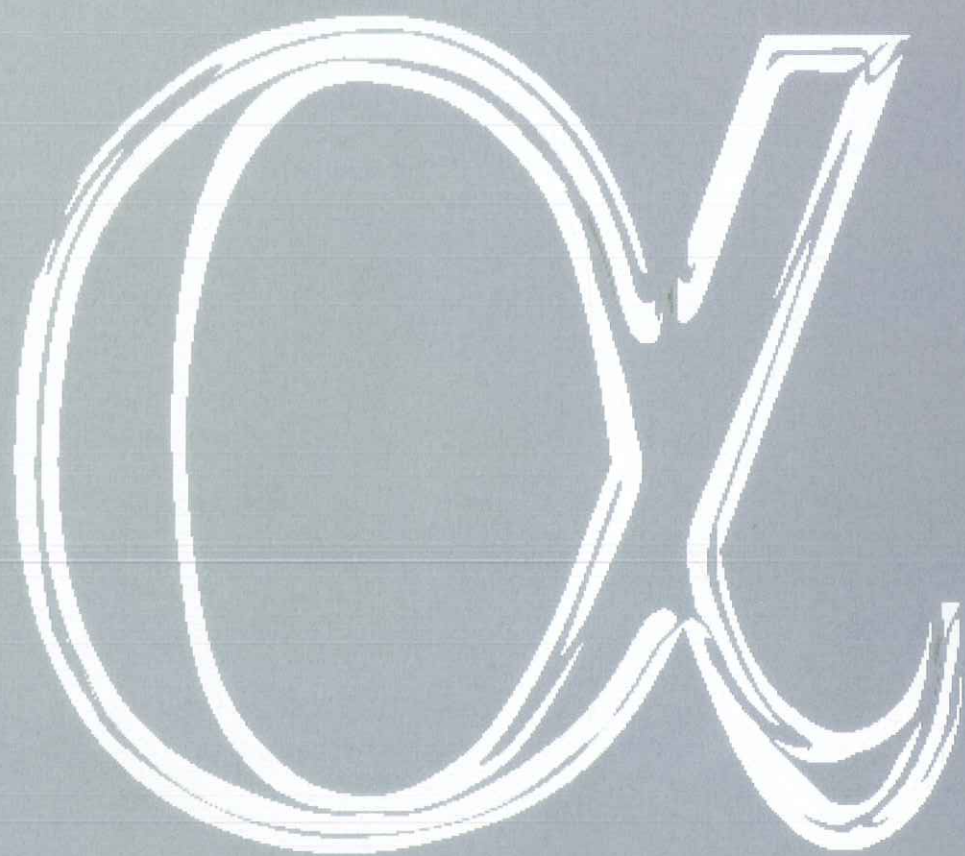


Nada é por acaso ou obra do caos. Se assim é, há uma Inteligência, um Poder e uma Sabedoria que governa o coletivo. É evidente que há um Criador, mas quem poderá identificar seus métodos e exigir postura de terceiros? Quem poderá identificar seus contornos? O certo é que a Força Criadora, o Indescritível, o Inimaginável que chamam de Deus, é Amor. O Amor move o que é e o que virá a ser. Por isso, meu convite para o leitor deste livro é que, em um primeiro momento, coloquemos de lado nossas arraigadas convicções e, ao término da leitura, comparemos as idéias aqui lançadas e as anteriormente alardeadas. O resultado de tal embate é o crescimento individual e coletivo. Na verdade, para conhecer o futuro é necessário apagar as lastimosas doutrinas religiosas do passado, que guiaram e sacudiram a História da humanidade. É preciso um ato de fé!

Em *Decifrando o Óbvio*, cujos capítulos reúnem diversas pesquisas feitas ao longo de uma vida, pretendo confrontar o que prega a Religião e a Ciência; descobrir se existem um ou diversos universos; desvendar a missão do homem na Terra, a hierarquia dos anjos, o retorno de Jesus e da Nova Jerusalém; debater a respeito dos meios de transportes celestiais e o contato que os deuses fizeram com os homens; e também sobre como é possível semear vida em outros planetas, e por que vivia-se, antes, mil anos. Por que isso mudou? O que é, afinal, o “Óbvio” que se

esconde nos sinais? A destruição total de nosso planeta? Um choque cósmico ou a criação de uma nova geração de seres escolhidos? Entendendo os dados bíblicos, o leitor não terá dúvidas de que Jesus volta ensinando nova Ciência e tecnologias diversas à humanidade, permitindo que ela fique novamente em sintonia com Deus, revestida, agora, da imortalidade.

Conforme veremos, a Bíblia revela que todos os dissabores pelos quais passamos têm diversos propósitos: o maior deles é tornar o homem imortal, prestando serviços ao seu Idealizador e Criador. O homem, tal como Jesus ensina, sairá em objetos voadores para navegar entre as estrelas, administrando a vida que se espalha em todos os Universos, que são criados constantemente e sempre povoados, semeando doravante Inteligência, ocupando o antigo cargo de “jardineiro” que edifica a vida cósmica preparada por Deus. Este é o dever maior de Seus filhos.



ALFA

*Vista de longe, a montanha parece ser azul,
de perto, porém, sabemos que ela é verde.*

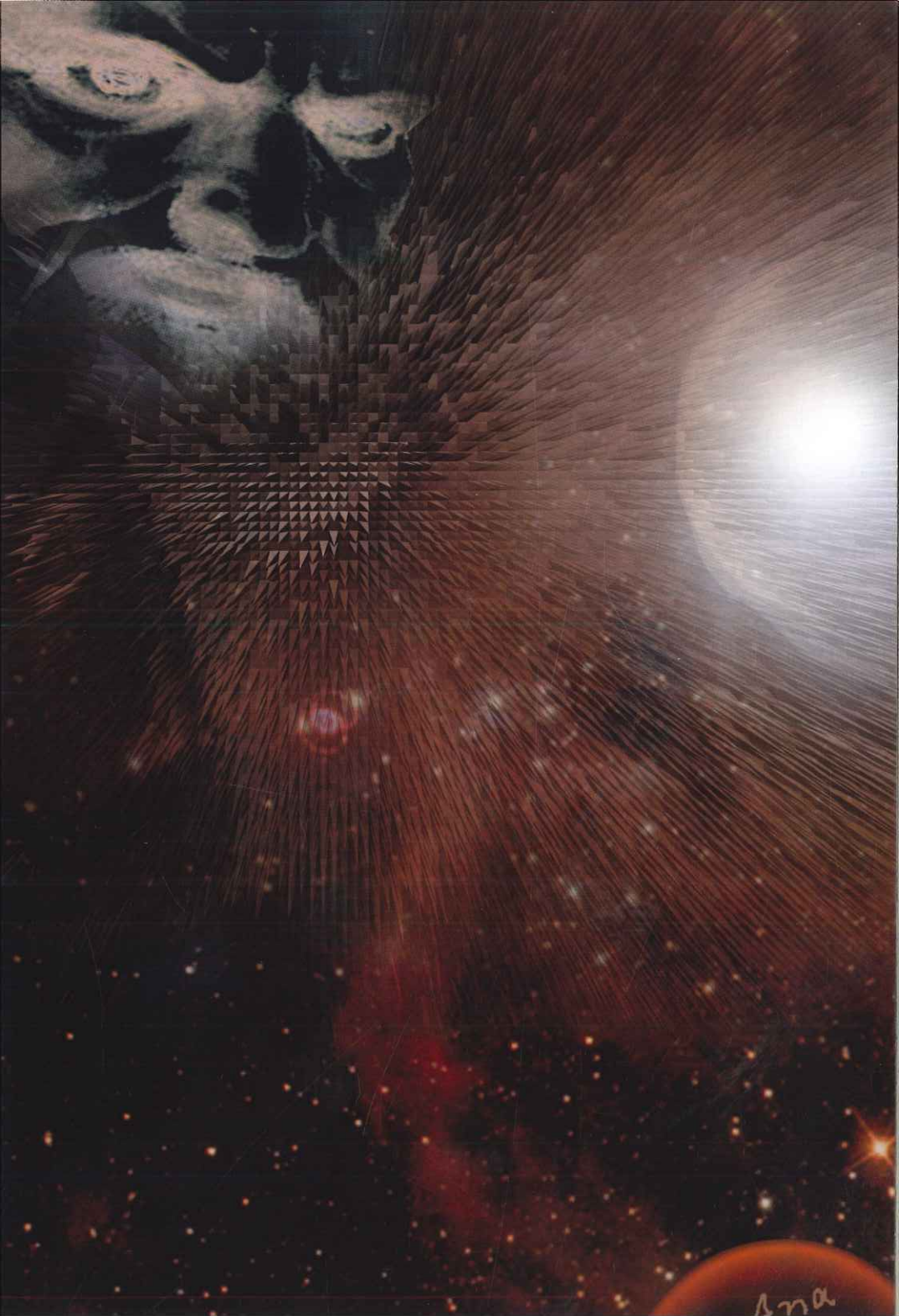
O mar, de longe, é azul.

De perto, a gente vê que ele é verde.

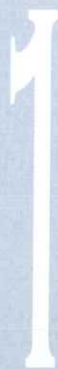
O céu está perto ou longe?

O céu está longe, logo, o céu é verde.

CRENÇA MAIA, CITADA PELO
GUATEMALTECO HUMBERTO AK'ABAL



ana



CAPÍTULO

SUPERNOVAS^[3]

Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo [...] de fato, o meu reino não é daqui de baixo (João 18, 36).

Na casa de meu Pai existem muitas habitações; se assim não fôra, ter-vo-lo-ia dito; de fato vou preparar-vos um lugar (João 14, 2).

SUPERNOVAS^[3]

A humanidade quer compreender as coisas deste mundo. Dos mais remotos antepassados aos dias atuais, nossos semelhantes vêm tentando, obstinada e incessantemente, entender a linguagem primorosa escondida atrás da aparente calma do Universo, onde todas as partes funcionam em harmonia. No fundo, trata-se de uma manobra egoísta, ainda que legítima.

O homem deseja dominar a matemática do Cosmo para obter respostas pessoais: qual a sua procedência, o seu destino e, principalmente, o seu propósito de existência no planeta Terra e no firmamento? Tenta explicar a essência do Universo e alcançar outros mundos para entender sua própria origem.

A jornada, entretanto, é longa e penosa. Quando as soluções nos chegam aos olhos, estamos míopes. Nossa inteligência é limitada e não conhece tudo. Nossos equipamentos não são capazes de identificar todas as formas de vida e energia existentes. Nos vários domínios da Ciência, a *verdade* quase aparece, mas escapa.

Por vezes, ofuscamos o que vemos. Por outras, incapazes de digerir tamanho choque de realidade, fingimos que nada aconteceu. Ou ainda, quando obtemos uma resposta, ganhamos com ela dezenas de novas perguntas. Como foi criado o Universo? Por quem? O que havia antes da criação? Estamos sozinhos? Nenhum outro ponto desse enorme Universo carrega vida inteligente semelhante à nossa? Se há vida civilizada extraterrena, por que não temos contato?

Hoje, a física conhece bem melhor o átomo. Contudo, não enxerga sua estrutura interna; depara-se com novas partículas, cada vez menores, cada vez mais arreadas, que simplesmente não *autorizam* aos pesquisadores que as vejam. Conservam sempre um mistério. Assim também acontece com a biologia e a química. As hipóteses são muitas, mas ainda não há explicação unânime para o “elo perdido” entre símios e humanos, ou para a transformação de

elementos como carbono, nitrogênio, oxigênio e hidrogênio em células inteligentes e “vivas”. Aliás, entre a comunidade científica, o próprio termo “vivo” já entrou em contradição. Novamente, a resposta por pouco aparece, mas foge. Nas chamadas ciências sociais, filosofia, sociologia e história, entre outras, os homens debatem sobre a condição humana inscrita no Universo. O que não podem comprovar, teorizam. O que não podem ver, imaginam. O que recebem de seus antecessores, transformam em lendas. Egípcios, gregos, maias, incas, hebreus e babilônicos são exemplos de povos que legaram ao futuro um conhecimento que a maioria ainda não compreende. Escritas e tradições orais, como os livros da Bíblia, que descrevem a criação de tudo o que existe a partir do nada, podem ser mais úteis do que pensam os acadêmicos. Nem sempre o que não vemos não existe. Ver para crer ou crer para ver? Tal qual Édipo, figura conhecida da mitologia grega antiga, estamos nós diante da Esfinge estranguladora^[4], monstro abominável porque faz perguntas das quais não sabemos as respostas. Ignorantes, somos estrangulados, devorados pela besta, que é parte mulher, parte leão, parte serpente e parte águia. Novos ramos de estudo foram desenvolvidos para duelar com a Esfinge do desconhecimento.

A cosmologia, ramo bem conhecido, trata da parte da astronomia que investiga origem e evolução do Universo, procurando trabalhar com dados físicos, no raio do que lhe é permitido *enxergar*. Com a “Teoria da Relatividade”^[5], do físico alemão Albert Einstein (1879-1955), a cosmologia ganhou, no século XX novas cores.

Pouco depois, a primeira hipótese de que o Universo teria sido gerado por uma grande explosão, o “Big Bang”, despontou entre os estudiosos. Atualmente, campos especulativos, como a exobiologia, que pretende pesquisar a vida fora da Terra, e a astrosociobiologia, que investiga o impacto sociológico da descoberta de comunidades alienígenas, caminham paralelos à cosmologia.

A agência espacial do governo norte-americano, NASA — *National Aeronautics and Space Administration*, planeja fazer decolar da base do Cabo Canaveral, na Flórida, uma viagem com os primeiros tripulantes em direção ao planeta Marte, no ano de 2015. Suas prioridades são a detecção de vida em outras galáxias e a investigação da origem do sistema solar e sua mecânica. A humanidade dá micro-passos em direção à macroestrutura concebida pelo Criador.

Constantemente aumenta a certeza de que as condições que propiciaram a formação da Terra e, em seguida, o surgimento da vida, não foram (ou não são) exclusivas de nossa morada. *Não estamos sós* e as provas caem sob nossos olhos limitados. Importantes cientistas canadenses admitiram a real possibilidade de que a galáxia transborde de planetas semelhantes ao nosso, a partir da análise das luzes emitidas por 450 estrelas semelhantes ao Sol inseridas na Via Láctea^[6], galáxia onde nosso sistema solar e a Terra estão contidos. Mais da metade dessas estrelas emitem rastros radioativos de material rochoso rico em ferro, o elemento mais estável do Universo e responsável por um terço da composição global da massa terrestre. O que isso significa? Que metade das 200 bilhões de estrelas da Via Láctea tem, em tese, condições de manter em suas órbitas planetas com condições semelhantes às da Terra. Estamos falando de uma única galáxia, e o firmamento é constituído de inúmeras delas. Quantos bilhões de bilhões de planetas podem existir de fato, então? Receio que a matemática tenha dificuldades de calcular esse número. Isso joga por terra a suposição de que, entre todos os planetas descobertos até o momento, poucos têm características parecidas com as do nosso.

Se o sol que nos ilumina é um astro com a capacidade de sustentar por gravidade vários planetas, e se o céu que vemos pela noite, repleto de estrelas, carrega inúmeros sóis — que estão no espectro do que enxergamos — da Via Láctea, quantos planetas, então, gravitam em torno de cada uma dessas estrelas? A chance de haver vida em algum deles é extremamente grande. O astrônomo Carl Sagan^[7] chegou a afirmar que “se não existe vida fora da terra, então o universo é um grande *desperdício de espaço*”. Concordo com ele, e as escrituras sagradas da Bíblia, conforme veremos, também concordam. Nossa informação é pequena ainda, porque não estamos preparados, mas ela ganhará outra dimensão.

Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido! (I Coríntios 13, 12).



Sagan estava entre os estudiosos que, em 1961, desenvolveram uma equação que visava estimar o número de civilizações extraterrestres inteligentes com as quais poderíamos fazer *contato*.

A Ciência fazia seu esforço para traduzir em algarismos o que as idéias e palavras já expressavam. A fórmula, criada em conjunto, recebeu o título de “Equação Green-Bank”, referindo-se ao local onde a conferência de cientistas se reuniu, nos Estados Unidos, ou “Equação de Drake”, nome de um dos pesquisadores da associação.

Chegaram à seguinte equação:

$$N = R^* \cdot fp \cdot ne \cdot fl \cdot fi \cdot fc \cdot L$$

Onde:

N

é o número de civilizações inteligentes na Via Láctea capazes de estabelecer contato com o planeta Terra;

R*

é a taxa média de formação de estrelas como o Sol na galáxia;

fp

é o número de tais estrelas que carregam planetas em suas órbitas;

ne

é o número médio desses planetas com condições capazes de desenvolver vida;

fl

é o número de planetas com capacidade de desenvolvimento biótico onde, de fato, desenvolveu-se a vida;

fi

é o número de planetas com vida onde desenvolveu-se a inteligência,

fc

é o número de planetas com vida inteligente que possuem condições tecnológicas para estabelecer contato com nosso planeta; e

L

é a duração de vida de uma civilização alienígena que preencha todos os critérios acima, já que só civilizações que existem por um longo tempo têm condições de se encontrar.

Associando valores para cada variável que justificaria a presença de vida inteligente na Via Láctea, obtemos, no pior dos casos, utilizando os menores números possíveis, $N = 40$, ou seja, há, no mínimo, quarenta civilizações em nossa galáxia com a capacidade de fazer contato.

Lançando, ao contrário, os maiores valores permitidos, obtemos $N = 50.000.000$, isto é, há cinquenta milhões de culturas inteligentes e aptas a estabelecer contato com a humanidade, somente em nossa galáxia. As possibilidades de inteligência fora de nosso ambiente são, literalmente, infinitas^[8].

Para Erich von Däniken, “aceitando-se a equação do ‘brain-trust’ (corpo de peritos) de cientistas, há cem mil anos já podem ter existido civilizações tecnicamente mais perfeitas que a nossa”^[9].

Cem mil anos! Qual a possibilidade de que uma cultura extraterrena já tenha nos visitado? Por que os antigos narram cenas parecidas em várias partes do globo: dilúvio, raças de gigantes, criaturas metamórficas e, principalmente, seres que vinham dos céus, nuvens, anjos, deuses? Observe que a mitologia dos índios norte-americanos, por exemplo, foi criada independentemente da dos incas ou dos maias ou dos hebreus. Ainda assim, geograficamente isolados, seus relatos falam da mesma coisa: o que veio do Céu.

Já é passada a hora de deixarmos de lado o antropocentrismo exacerbado, que é uma das razões de sabermos

tão pouco. Os antropocêntricos colocam a espécie humana como centro de um maquinário unilateral, dando-lhe a posição de espécie vivente mais avançada, quando não a *única* espécie inteligente.

Seus pensamentos já foram responsáveis por afirmações medievais, como a de que a Terra — porque nela vivia o homem — era o centro do sistema solar, razão pela qual a Igreja Católica Romana condenou, em 1633, através da Santa Inquisição, o gênio estudioso, físico e astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642), que defendia o heliocentrismo, afirmando que o Sol era o centro do qual giravam todos os planetas, inclusive o nosso.

A Igreja voltou atrás, como costuma fazer, e absolveu Galileu das acusações que o condenaram em 1999, 357 anos após sua morte. Não podemos deixar que a mesquinha humana, sempre pronta para entrar em atividade, turve nossos olhos da verdade.

Em resposta à equação *Green-Bank*, surgiu entre os astrônomos e físicos uma contradição que foi chamada de “Paradoxo de Fermi”. O físico ítalo-americano Enrico Fermi, prêmio Nobel, lançou, na década de 1950, uma questão fundamental: se o Universo é tão abundante em vida alienígena e se essa vida existe há tempo suficientemente grande para haver contatos com a Terra, por que eles não aconteceram? Onde estão as civilizações extraterrestres?

Para responder efetivamente ao paradoxo, a humanidade trabalha constantemente, e também se divide. Alguns pensam que não há vida fora do planeta e que nunca haverá, já que somos únicos. Outros afirmam que a vida exterior existe, mas a comunicação com os humanos é impossível porque a distância e o tempo são empecilhos intransponíveis, porque é muito custoso viajar entre galáxias ou porque os homens ainda não entendem os sinais extraterrenos que chegam até nós. Os que embarcam nas teorias de conspiração defendem que eles já estão entre nós, camuflados, observando.

Há ainda os que acreditam que as civilizações inteligentes podem se comunicar, mas preferem não fazê-lo porque são extremamente diversos do homem ou porque o planeta Terra é, na verdade, uma espécie de centro de observação, onde os seres mais elevados estudam e aprimoram a humanidade sem interferência direta.

Neste último caso, estaríamos propositalmente isolados do restante do Cosmo avançado e, ao mesmo tempo, sob vigia de um *Senhor* maior, divinamente sábio. Estamos desorientados. Como

tudo começou? O Universo está ou não está em expansão? Adotamos o modelo de Einstein ou o modelo de Bondi, Gold e Hoyle, no qual a matéria criou-se do nada.

O que é esse *nada*? Nossa pequena capacidade demonstra que o conjunto cósmico está se expandindo e que teve origem numa grande explosão, proveniente de uma energia inicial, também chamada de “energia do vácuo”. Deus?

*No princípio criou Deus os céus e a terra
(Gênesis 1, 1).*



Muitos cientistas de renome, como o cosmonólogo Stephen Hawking, são categóricos em afirmar que as condições iniciais e as leis regentes do Universo foram como que “escolhidas” para que o homem pudesse existir e evoluir.

Para ele, “no universo primitivo está a resposta para a pergunta fundamental sobre a origem de tudo o que vemos hoje, inclusive a vida”^[10]. Se conseguíssemos visualizar o Universo primitivo, a formação primeira de todas as coisas, quem ou que encontraríamos?

Sir Isaac Newton (1643-1727), cientista inglês, físico e matemático, homem religioso, comenta a geração da matéria a partir do nada. Em “Singularidades”, adicionado à edição latina de *Opticks*, relata:

“E como o espaço é divisível em infinito, e a matéria não se encontra necessariamente em todos os lugares, pode-se admitir que Deus pode criar partículas de matéria de vários tamanhos e figuras, e em várias proporções ao espaço, e talvez de diferentes densidades e forças e, portanto, variar as leis da natureza e criar mundos de várias espécies em várias partes do universo. Pelo menos, nada vejo que contradiga tudo isto^[11]”.

A Einstein é atribuída a conhecida frase: “Deus não joga dados”, que põe em descaso as probabilidades e o efeito do acaso caótico, favorecendo a especificidade. Parece que os estudiosos começam a entender a aliança existente entre a Fé e a Ciência, entre Deus e o homem, já que os conceitos científicos e divinos estão cada vez mais próximos. Existe inegavelmente uma força centralizadora que move os Universos. Mulheres e homens descritos nos livros da Bíblia Sagrada presenciaram a chegada dessa Força extraterrena vinda dos Céus, junto de Sua armada e de seu Filho.

As histórias bíblicas nos relatam os contatos entre os homens e os seres celestiais: anjos, Deus e Jesus Cristo. E por diversas vezes Jesus insiste em afirmar que pertence a outro mundo. Que o seu reino não é deste mundo:

E prosseguiu [Jesus]: Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou. Por isso eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque se não crerdes que eu sou morrereis nos vossos pecados (João 8, 23-24).



O Filho de Deus assegura que é de uma essência diferente, outra forma, feito luz, que não é daqui. Anuncia claramente que há outros lugares povoados no Universo:

Na casa de meu Pai há muitas moradas (João 14, 2).



Habita outro local povoado por seres de outra qualidade e diz:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mateus 28, 18).



Dada por quem? Quer dizer que existe um comando do Universo, e que este se encontra no céu, em um ponto desconhecido para nós, mas um ponto fixo e determinado na figura de Deus, o Senhor? E de onde vem a sabedoria? A Bíblia aponta os Céus.

Eis que os céus e os céus dos céus são do Senhor teu Deus, a terra e tudo o que nela há (Deuteronômio 10, 14).



Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança (Tiago 1, 17).



Há vida em outros planetas e existem outros povos além de nós, com missões estabelecidas e com os mesmos direitos que os seres humanos. Há uma espécie de congregação intergaláctica e Deus possui exércitos, seus mensageiros, para dirigir o Universo.

Os textos bíblicos são, pois, os relatos dos contatos de nossos antepassados com as forças de Deus, seus soldados (que ficaram conhecidos como anjos, arcanjos, querubins e serafins) e seu Filho, através de tecnologia avançada, representada por práticas como o controle de naves, a manipulação atômica e a inseminação artificial.

Outros povos, outros seres habitam todo o Cosmo, todas as galáxias e todos os Universos: enfim, todos os Céus. O nosso céu não é único. A espécie humana não é única:

Guarda-te não levantes os olhos para os céus, e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, não sejas seduzido a inclinar-te perante eles, e dêes culto àqueles, cousas que o Senhor teu Deus repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus. Mas o Senhor vos tomou, e vos tirou da fornalha de ferro do Egito, para que lhe sejais povo de herança, como hoje se vê (Deuteronomio 4, 19-20).



Há cerca de dois mil anos, Paulo de Tarso, ou Saulo, apóstolo de Jesus, homem conhecedor da ciência, percebeu nitidamente que o saber terreno é sombra e enxerga somente sob um véu e que, após este véu, somente o Espírito Consolador, enviado por Cristo, pode desvendar.

É o que começa a acontecer agora: a fé e a ciência caminharão juntas e romperão o céu, adentrando o lugar Santo dos Santos, com o conhecimento da ciência de Deus, o Onipotente. A Bíblia é o ponto de partida para explicar a história do firmamento e do homem, desvendando suas inquietações. O conhecimento contido em suas palavras não deve ser diminuído, mas sim desvendado.

Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo Poderoso (Apocalipse 1, 8).



*Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua do anjos,
Sem amor eu nada seria.*

TRECHO DA MÚSICA MONTE CASTELO,
DE RENATO RUSSO, ADAPTADO DE
"I CORÍNTIOS 13" E "SONETO 11" DE LUÍS DE CAMÕES



CAPÍTULO 2

ANJOS ENTRE NÓS

*Só vós sois Deus;
vós criastes o céu, o céu
dos céus e todos os seus ornatos,
a terra e tudo o que sobre ela existe,
os mares e tudo o que encerram.
Vós a todos dais vida, e o ornamento
do céu vos adora (Neemias 9, 6).*

ANJOS ENTRE NÓS

Um corpo celeste, dotado de extremo controle sobre a matéria e a energia, entrou em contato com o homem dos tempos bíblicos. Vindos do alto, esses seres supervisionaram, guiaram e modificaram a humanidade. Em um constante trânsito, subiam e desciam aos Céus, maravilhando e impondo respeito aos moradores da Terra. Esses seres maravilhosos foram chamados *anjos* por profetas e escritores de então.

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (Gênesis, 1, 26-27).



Observe com atenção o uso do plural. “Façamos”. “Nossa semelhança”. Deus, o Senhor, está rodeado de emissários. Não está sozinho. Na Torá^[12] judaica, onde se encontram os cinco livros iniciais do Antigo Testamento, o termo que se refere ao Criador, *Elohim* em hebraico, citado pela primeira vez no Bereshit (Gênesis), funciona dentro da gramática dos hebreus ora como singular ora como plural.

No instante da criação do homem, Deus faz referência a um conjunto de semelhantes Seus. Isso acontece porque, para fazer funcionar a engrenagem dos Universos, o Senhor, Criador, detém uma verdadeira armada de *anjos*, indivíduos sob seu comando.

O termo “armada” pode parecer um pouco pesado, mas cabe perfeitamente: as criaturas celestiais dão ordens e avisos a alguns humanos escolhidos, aniquilam outros tantos, andam munidos de espada, chegam do alto e para lá retornam.

Nos céus estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo. Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens, e lhe obedeceis à palavra. Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que fazeis a sua vontade (Salmos 103, 19-21).



Quando Adão e Eva foram flagrados comendo do fruto da árvore proibida — a árvore do conhecimento do bem e do mal, nos jardins do Éden — sofreram a condenação. Não deveriam saber das coisas cósmicas. Novamente, o plural:

Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher, e os vestiu. Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente; o Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden, e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida (Gênesis 3, 21-24).



O trecho é claro: Deus, seu Filho e os anjos já são conhecedores, em escalas diferentes, de tudo o que a humanidade não entende e deseja entender, do bem e do mal, do mistério dos Universos, da criação e de tudo o que envolve a vida.

Quando Adão, inadvertidamente, experimentou da sabedoria elevada, foi chamado pelo Senhor de “um de nós” e imediatamente punido, retirado do “Paraíso”. Perdeu a imortalidade.

Ainda não era chegada a hora de o homem compreender livremente o firmamento, mas estamos caminhando para esse momento. As escrituras sagradas estão repletas de cenas com os emissários do Senhor que, ao que tudo indica, como em uma corporação de elite, ocupam e respeitam graus de *hierarquia*, de acordo com o conhecimento e elevação espiritual, material e energética que possuem. Nessa hierarquia há um desenvolvimento, uma evolução pessoal de cada ente, como na passagem de um cargo menor para outro mais alto.

[...] pois nele foram criadas todas as cousas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as cousas. Nele tudo subsiste (Colossenses 1, 16-17).



Em tempos medievais, regados de misticismo e classificações da luz e das trevas, Tomás de Aquino^[13], teólogo e dominicano do século XIII, concebeu distinção hierárquica para os representantes do divino. Na “Suma Teológica” (*Summa Theologiae*), identifica três ordens de anjos, ou mensageiros:

A primeira é composta pelos seres mais próximos de Deus, que recebem ordens diretas do Senhor, dominando vasto conhecimento. Compreende três coros, ou postos: serafins, querubins e tronos, em ordem decrescente de elevação.

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa de encheu de fumaça. Então disse eu: Ai de mim! Estou perdido! porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! (Isaías 6, 1-5).



A segunda, formada pelos coros das dominações, potências e virtudes, em ordem decrescente de elevação, lida com os governantes do Universo; e a terceira, que abarca principados, arcanjos e anjos, em ordem decrescente de elevação, é a responsável pela comunicação mais freqüente entre a Inteligência das alturas e a humanidade.

Nesse tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro (Daniel 12, 1).



Todos os seres celestes são considerados *anjós*, já que este é o último coro, a menor patente dentre as nove. Um serafim, o mais alto representante do Criador, é também um querubim, trono, dominação, potência, virtude, principado, arcanjo e anjo. Os anjos da primeira ordem partilham sabedoria com os da segunda ordem que, por sua vez, fazem o mesmo com seus subordinados da terceira ordem.

Reina o Senhor: tremam os povos. Ele está entronizado acima dos querubins: abale a terra. O Senhor é grande em Sião, e sobremodo elevado acima de todos os povos. Celebrem eles o teu nome grande e tremendo, porque é santo. É rei poderoso que ama a justiça: tu firmas a equidade, executas o juízo e a justiça em Jacó (Salmos 99, 1-4).



A classificação de Aquino não é considerada oficial pela Igreja, servindo apenas como parâmetro. Mas, por várias vezes a diferença de graduação entre os comandados do Criador é evidenciada na Bíblia. Acima de todos eles encontra-se o Filho, Cristo, encerrando a hierarquia:

Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as cousas, pelo qual também fez o Universo! Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as cousas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles. Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E

outra vez: *Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem (Hebreus 1, 1-6).*



No inconsciente coletivo, o *arquétipo* do *anjo* foi sendo construído nas mais diversas regiões do planeta, através de inúmeras gerações. Genericamente, criaturas celestiais que obedecem a um comando maior fizeram parte, por exemplo, da filosofia espiritual dos antigos persas, seguidores do Zoroastrismo^[14], dos etruscos, dos hindus, dos hebreus fiéis ao ensinamento da Torá, dos cristãos e dos islâmicos, descendentes do profeta Maomé^[15].

A humanidade ocidental, parcialmente mergulhada nas idéias do leste, foi capaz de criar uma extensa iconografia, onde os *anjos* são sempre indivíduos acima das querelas terrestres, *etéreos*, cheios de leveza espiritual e sabedoria enigmática. Prontos para auxiliar o homem, pairam no ar, sustentados por asas que nos remetem à fantasmagoria que cerca a representação da figura angelical. Não raro, aparecem personificados em corpos infantis, reforçando o ideário de pureza, evocado na imagem da inocência infantil.

O texto bíblico desfaz o ícone dos *anjos*. Os soldados de Deus não possuem asas ou passam os dias nas nuvens, observando a humanidade, prontos para auxiliá-la. Não são um grupo homogêneo e pacífico, tocadores de instrumentos. Se fazem contato com a espécie humana é porque para isso são instruídos.

A *hoste divina* é uma *companhia* de seres diferentes, trabalhando a serviço do Criador, em grande número, formando legiões de embaixadores. São feitos de matéria diferente da nossa, podendo manipular as unidades mais ínfimas, transfigurando-se, tomando aparência terráquea. Modelam os átomos e moléculas do mundo terreno, controlando todos os seus movimentos.

Exibem graus de telepatia, treinados para alterar o padrão do ritmo alfa de sua inteligência e do cérebro dos seres humanos. Possuem conhecimento avançado, mas não são oniscientes, onipresentes ou onipotentes. Com os homens, sentam, conversam, lavam-se, comem e bebem. Veja:

Apareceu o Senhor a Abraão nos carvalhais de Manre, quando ele estava assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia. Levantou ele os olhos, olhou, e eis três homens de pé em frente dele. Vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, prostrou-se em terra, e disse: Senhor meu, se acho mercê em tua presença, rogo-te que não passes do teu servo: traga-se um pouco de água, lavai os vossos pés e repousai debaixo desta árvore; trarei um bocado de pão: refazei as vossas forças, visto que chegastes até vosso servo; depois seguireis avante. Responderam: Faze como disseste. Apressou-se, pois, Abraão para a tenda de Sara, e lhe disse: Amassa depressa três medidas de flor de farinha, e faze pão assado ao borralho. Abraão, por sua vez, correu ao gado, tomou um novilho, tenro e bom, e deu-o ao criado, que se apressou em prepará-lo. Tomou também coalhada e leite, e o novilho que mandara preparar, e pôs tudo diante deles; e permaneceu de pé junto a eles debaixo da árvore; e eles comeram (Gênesis 18, 1-8).



No Antigo Testamento, a palavra que designa anjo, *mal'ach*, aparece cerca de 108 vezes. No Novo Testamento, o vocábulo grego *ángelos*, de onde deriva o termo latino *angelus*, é apresentado aproximadamente 165 vezes. Ambos, *mal'ach* e *ángelos*, carregam o mesmo significado: mensageiro.

A função dos anjos é, pois, somente uma: servir de intermediário entre a terra e os céus do Senhor. Para isso, portanto, é de se supor que os anjos conservem uma constante sintonia e conexão direta com a Inteligência de Deus.

Através dessa ponte, os enviados celestes recebem as metas e tarefas cósmicas a serem cumpridas aqui na terra. De uma só vez, e com tecnologia brutalmente chocante aos olhos de nossos antepassados, destroem Sodoma e Gomorra. Dizimam 185 mil assírios em uma única noite. Como explicar tais eventos? Os anjos detinham armamento bélico de última geração, alimentado por potência atômica, radioativa ou por formas de energia que até hoje desconhecemos.

Guerreiros que eram, portavam um tipo de espada que os autores de então não conheciam, não podiam nomear.

Estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos, e olhou: eis que se achava em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada nua; chegou-se Josué a ele e disse-lhe: És tu dos nossos, ou dos nossos adversários? (Josué 5, 13).



Que seria uma “espada nua”? Sem lâmina, sem corte? Algum objeto desconhecido da humanidade naquele momento, semelhante às espadas produzidas pelo homem. Poderia funcionar por meio de laser ou alguma outra tecnologia completamente inédita?

O contato entre os homens e os Céus, transcritos na Bíblia, revela a extrema diferença de parâmetro entre um lado e o outro. Nossos antepassados escreveram “anjos”, “espada nua”, “nuvem” e “glória do Senhor”, como veremos, porque não entendiam o que viam diante de seus olhos. Não sabiam como denominar. Estavam arrebatados pela impressionante Força Intergaláctica.

Sendo assim, somente alguns escolhidos recebiam as aparições dos anjos, já que nem todos seriam capazes de entender a comunicação de Deus através de seus intermediários.

Aos poucos eleitos, os mensageiros revelam notícias e visões, por vezes em sonhos, realçando a sensação de investigação telepática, um dos atributos dos alienígenas. Uma das mais importantes manifestações destinou-se a José, dando conta da concepção inusitada de Maria e da chegada do Filho do Criador na terra:

Enquanto ponderava nestas cousas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo (Mateus 1, 20).



Um anjo chegou a ser enviado pelo Senhor a fim de viver entre os mortais. Antes dele, Gabriel apareceu a Zacarias, avisando-o da chegada de um filho, apesar das idades avançadas do homem e de sua esposa Isabel. Informou que o menino deveria se chamar João, em outra concepção extraordinária.

Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João (João 1, 6).



Para garantir que não relataria a conversa ou a relação com a fonte divina, o anjo emudeceu Zacarias:

Respondeu-lhe o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas novas. Todavia ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas cousas venham a realizar-se; porquanto não acreditaste nas minhas palavras, as quais a seu tempo se cumprirão (Lucas 1, 19-20).



Com a missão de preparar o caminho para Jesus, o legítimo “cordeiro”, e de batizá-lo, João ficou conhecido como “o Batista”. João Batista se alimentava de gafanhotos e mel, e isso lhe bastava.

Apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados. Saíam a ter com ele toda a

província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. As vestes de João eram feitas de pelos de camelo; ele trazia um cinto de couro, e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. E pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias. Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo (Marcos 1, 4-8).



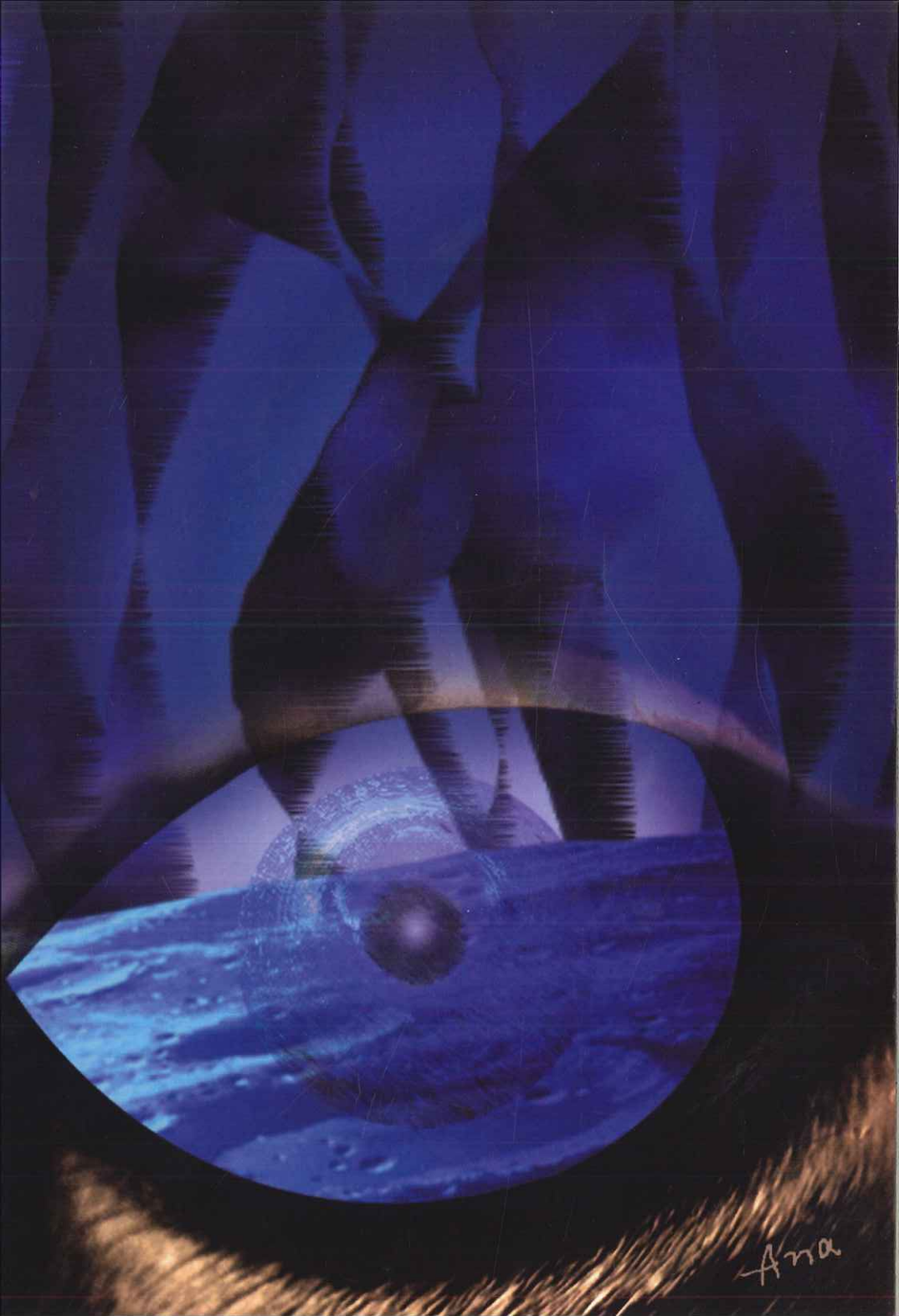
Podemos crer, por falta de registros, que a realeza celestial partiu, mas deixou a humanidade com uma promessa: a de que haveria retorno; de Cristo e seu ministério, composto pela tropa angelical. Por isso a comunicação entre *anjos* e *homens* é necessária. Vivemos hoje um hiato entre a última e a futura vinda do poder intergaláctico.

Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória (Mateus 25, 31).



*Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.*

TRECHO DA POESIA MOTIVO, DE CECÍLIA MEIRELES



Ara

3

CAPÍTULO

O CÉU DOS ANTIGOS ERA MAIS ESTRELADO

*Carros de Deus são vinte mil,
sim, milhares e milhares,
No meio deles esta o Senhor
O Sinai tornou-se em santuário
(Salmos 68, 17).*

O CÉU DOS ANTIGOS ERA MAIS ESTRELADO

Para interligar o Cosmo à terra, possibilitando a chegada e partida dos entes extraterrestres, uma intensa rede de comunicação foi estabelecida. Esqueça as asas. As palavras “nuvem”, “vento”, “coluna” e “glória” aparecem aproximadamente 420 vezes na Bíblia, em um claro paralelo às naves espaciais destinadas ao transporte celeste. Há, nos textos sagrados, pelo menos 270 relatos confirmando esta verdade.

Nossos antepassados não só conversaram e conviveram com seres de outros Universos, os autores bíblicos viram, ouviram e testemunharam a presença de *naves* entre os homens, as quais carregavam os anjos do Criador, Jesus e o próprio Deus. Quando Cristo apareceu na terra, em Belém, uma estrela que se movia de modo constante foi avistada no céu por *muitos*, e seguida pelos reis magos, que chegaram à manjedoura do recém-nascido. Não era uma estrela, mas sim um veículo espacial:

Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino. E vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo (Mateus 2, 9-10).



Os antigos chamaram de *nuvem* os objetos circulares que se moviam e pairavam no ar, exibindo luz própria, gerando sombras, majestosos e carregados de tecnologia extremamente nova e intimidante, posto tratar-se de algo nunca visto, que fugia a percepção.

O termo “nuvem”, entretanto, não indicava o agregado de vapor de água condensada da atmosfera. A *nuvem* estacionava em pontos pré-determinados no deserto, brilhava como fogo à noite e recebia — dentro de si — a presença dos poucos homens escolhidos, que iam falar com os seres extraterrenos.

*Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, e uma grande nuvem, com fogo a revolver-se, e resplendor ao redor dela, e no meio disto uma cousa como **metal brilhante** que saía do meio do fogo. Do meio dessa nuvem saía a semelhança de quatro seres viventes, cuja aparência era esta: tinham a semelhança de homem. Cada um tinha quatro rostos, como também quatro asas. As suas pernas eram direitas, a planta de cujos pés era como a de um bezerro, e luzia como o brilho de bronze polido. Debaixo das asas tinham mãos de homens, aos quatro lados; assim todos quatro tinham seus rostos e suas asas. Estas se uniam uma à outra; não se viravam quando iam; cada qual andava para sua frente. A forma de seus rostos era como o de homem; à direita os quatro tinham rosto de leão; à esquerda, rosto de boi; e também rosto de águia todos os quatro. Assim eram os seus rostos. Suas asas se abriam em cima; cada ser tinha duas asas, unidas cada uma à do outro; outras duas cobriam os corpos deles. Cada qual andava para a sua frente; para onde o espírito havia de*

ir, iam; não se viravam quando iam. O aspecto dos seres viventes era como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre os seres, e dele saíam relâmpagos; os seres viventes ziguezagueavam à semelhança de relâmpagos (Ezequiel 1, 4-14).



O trecho acima reflete a confusão de Ezequiel diante da maquinaria sideral. “Nuvem” é uma maneira de definir um objeto que não era conhecido na época. Repare na descrição da fumaça e metal em meio ao fogo; na aparência semi-humana dos quatro anjos que desembarcam da nave espacial.

O sacerdote Ezequiel descreveu, cerca de 600 anos antes de Cristo, um veículo interestelar movido à propulsão, que expelia fogo conforme se movimentava. Primeiro percebeu mudança na atmosfera, o vento resultante da aproximação da grande “barca alienígena”. Depois, avistou os tripulantes, provavelmente dentro de vestes apropriadas e desconhecidas aos humanos, intrigantes aos olhos.

A nuvem descrita não era vapor; continha material com brilho metálico e fogo. A “glória do Senhor” era um meio de transporte cósmico, unindo a terra aos Universos externos.

Se o comando de todas as civilizações cósmicas, personificado na imagem do Criador, chegasse hoje ao nosso planeta em uma espaçonave envolta em gás, trazendo parte de um exército de criaturas avançadas — os anjos bíblicos, e utilizando-se de objetos tecnológicos nunca antes materializados, como reagiriamos?

Seria o “fim dos tempos”. O “ômega”. Na verdade, será a volta anunciada do Filho do homem à terra. Jesus é um ser intergaláctico, e regressará ao planeta em um veículo interplanetário de proporções estratosféricas, que recobrirá o sol, como revela o Apocalipse.

Os antigos presenciaram várias visitas alienígenas, e os resultados das experiências ainda sobrevivem apesar do descaso moderno.

As páginas da Bíblia, os fabulosos desenhos gigantes no solo andino da América do Sul, as pirâmides do Egito, as origens do

Universo e das criaturas que desciam dos céus para guiar o povo são exemplos do legado de nossos antepassados, comprovando a intervenção divina em nosso planeta. Somos ignorantes a respeito de muitos aspectos da antiguidade.

Os homens do texto hebraico queriam construir uma torre tão alta — Babel — que chegasse aos céus, de onde vinha o Divino. Os helenos da Grécia desejavam conviver nas elevações do Monte Olimpo, fonte da essência imortal.

Os assírios, sumérios e babilônicos da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, no Oriente, admiravam-se com o que lhe traziam os céus. Persas, egípcios, cretenses, maias, incas. Alguma coisa acontecia, e ainda acontece, acima dos olhos humanos. Após o dilúvio de Noé, o Senhor faz um pacto, em forma de aliança. Promete trazer das nuvens um arco que seria o lembrete da não-destruição das espécies terrestres:

Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra. Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós, e entre todos os seres vivos que estão convosco, para perpétuas gerações. Porei nas nuvens o meu arco, será por sinal da aliança entre mim e a terra. Sucederá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, então me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres vivos de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne (Gênesis 9, 11-15).



Ainda vivemos sob o arco da aliança, uma construção realizada por tecnologia e ciência desconhecidas por nós que possui duas funções básicas: proteger o planeta e servir de estação onde se acoplam muitas nuvens, ou seja, diversos veículos espaciais em

comunicação com os humanos. Faz parte do projeto pós-adâmico e pós-inundação do extermínio e do controle genético. Quando os hebreus escaparam dos domínios faraônicos do Egito, deixando para trás um longo período de escravidão, o Criador fez deles o povo escolhido, os filhos de Israel. O livro do Êxodo mostra como o próprio Deus desceu ao Oriente dentro de uma nuvem, de modo a guiar quase um milhão de israelitas pelos desertos e Sinai:

O Senhor ia adiante deles, durante o dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, durante a noite numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite (Êxodo 13, 21-22).



Perceba que a nave libera gás durante o dia e acende pela noite, sinalizando os pés cansados dos fugitivos, demonstrando que contava com algum sistema de propulsão gerador de luz. Era, ainda, capaz de se manter estacionada, como a “estrela” de Belém, por diversos dias, meses ou anos. Juntamente ao veículo, historicamente temos ainda o “tabernáculo”. Veja:

No dia em que foi erigido o tabernáculo, a nuvem o cobriu, a saber a tenda do testemunho; e à tarde estava sobre o tabernáculo uma aparência de fogo até à manhã. Assim era de contínuo: a nuvem o cobria, e de noite havia aparência de fogo. Quando a nuvem se erguia sobre a tenda, os filhos de Israel se punham em marcha; e no lugar onde a nuvem parava, aí os filhos de Israel se acampavam. Segundo o mandado do Senhor os filhos de Israel partiam, e segundo o

mandado do Senhor se acampavam; por todo o tempo em que a nuvem pairava sobre o tabernáculo, permaneciam acampados (Números 9, 15-18).



Não era oco, como o vento ou a coluna, a glória divina do tabernáculo. Moisés, líder hebraico, sobe o monte do Sinai — entre o Egito e a terra prometida — onde a *nuvem* do Criador já estava estacionada havia seis dias. Moisés *entra* na nave e ali *permanece* por dias, em contato direto com as forças inteligentes do Cosmo, como podemos ver em várias passagens do Êxodo:

O povo estava de longe em pé; Moisés, porém, se chegou à nuvem escura, onde Deus estava (Êxodo 20, 21).



Tendo Moisés subido, uma nuvem cobriu o monte. E a glória do Senhor pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; ao sétimo dia do meio da nuvem chamou a Moisés. O aspecto da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cimo do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés, entrando pelo meio da nuvem, subiu ao monte; e lá permaneceu quarenta dias e quarenta noites (Êxodo 24, 15-18).



Uma vez dentro Moisés na tenda, descia a coluna de nuvem, e punha-se à porta da

tenda; e o Senhor falava com Moisés. Todo o povo via a coluna de nuvem que se detinha à porta da tenda; todo o povo se levantava, e cada um à porta da sua tenda adorava ao Senhor. Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo; então voltava Moisés para o arraial, porém o môço Josué, seu servidor, filho de Num, não se apartava da tenda (Êxodo 33, 9-11).



Para o povo seguidor, cansado e beirando a descrença, Deus pede que Moisés avise: descerá de sua glória no terceiro dia depois da descida do líder. Assim faz.

Disse também o Senhor a Moisés: Vai ao povo, e purifica-os hoje e amanhã. Lavem eles as suas vestes, e estejam prontos para o terceiro dia: porque no terceiro dia o Senhor à vista de todo o povo descerá sobre o monte Sinai. Marcarás em redor limites ao povo, dizendo: Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu termo; todo aquele que tocar o monte, será morto. Mão nenhuma tocará neste, mas será apedrejado ou frechado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá. Quando soar longamente a buzina, então subirão ao monte. Moisés, tendo descido do monte ao povo, consagrou o povo; e lavaram as suas vestes. E disse ao povo: Estai prontos ao terceiro dia; e não vos chegueis a mulher (Êxodo 19, 10-15).



Observe como há proteção em torno da nave espacial no alto do Sinai para que os homens não se contaminem com radioatividade ou outra forma de perigo. O Senhor tem acesso aos conhecimentos que nos faltam. Ao pousar no cume de um monte como o Sinai, evitaria conseqüências desastrosas vindas do contato direto de sua nave com o povo. Preocupado com a segurança dos peregrinos, intimou Moisés a fazer marcas ao redor da elevação, limitando acesso e proximidade ao veículo extraterreno. Havia *normas de segurança* para o contato com o divino.

Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais: Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão. Descendo o Senhor para o cume do monte Sinai, chamou a Moisés para o cimo do monte. Moisés subiu, e o Senhor disse a Moisés: Desce, adverte ao povo que não traspasse o termo até ao Senhor para vê-lo, a fim de muitos deles não perecerem. Também os sacerdotes, que se chegam ao Senhor, se hão de consagrar, para que o Senhor não os fira. Então disse Moisés ao Senhor: O povo não poderá subir ao

monte Sinai, porque tu nos advertiste, dizendo: Marca limites ao redor do monte e consagra-o. Replicou-lhe o Senhor: Vai, desce; depois subirás tu, e Arão contigo; os sacerdotes, porém, e o povo não traspassem o termo para subir ao Senhor, para que não os fira. Desceu, pois, Moisés ao povo e Lhe disse tudo isso (Êxodo 19, 16-25).



A nave pousada era de enormes proporções, já que cobria o Monte Sinai. Tinha compartimentos. Emitia sons de trombeta, microfones, alto-falantes, signos sonoros utilizados por Deus a fim de alcançar a população ouvinte de mais de um milhão de indivíduos, aglomerados nos arredores do pico.

Outra passagem indica naves, na ocasião da crucificação de Cristo, quando Jerusalém ficou, misteriosamente, às escuras em pleno dia e o Gólgota, local do repugnante martírio, foi envolto pelas trevas por três horas consecutivas. Uma frota de naves deve ter estacionado sobre a área e escurecido o céu. Após isso, o corpo de Jesus nunca foi encontrado.

Desde a hora sexta até a hora nona houve trevas sobre toda a terra (Mateus 27, 45).



Não há a menor possibilidade de entender que anjos, arcanjos, querubins e serafins se locomovam com asas ou por qualquer meio chamado de “espiritual”. Ao contrário, suas movimentações e aparições se realizam por meios próprios da

ciência divina e avançada, desconhecida do homem até o presente: as naves.

Existentes no céu há muito tempo e ainda não criadas por mãos humanas, as naves foram, são e serão utilizadas pelo seres celestiais como meio de transporte. O arco da aliança é a estação orbital que recebe as *nuvens* menores, ou seja, as naves de uso corrente, para ligação com a terra e os terráqueos.

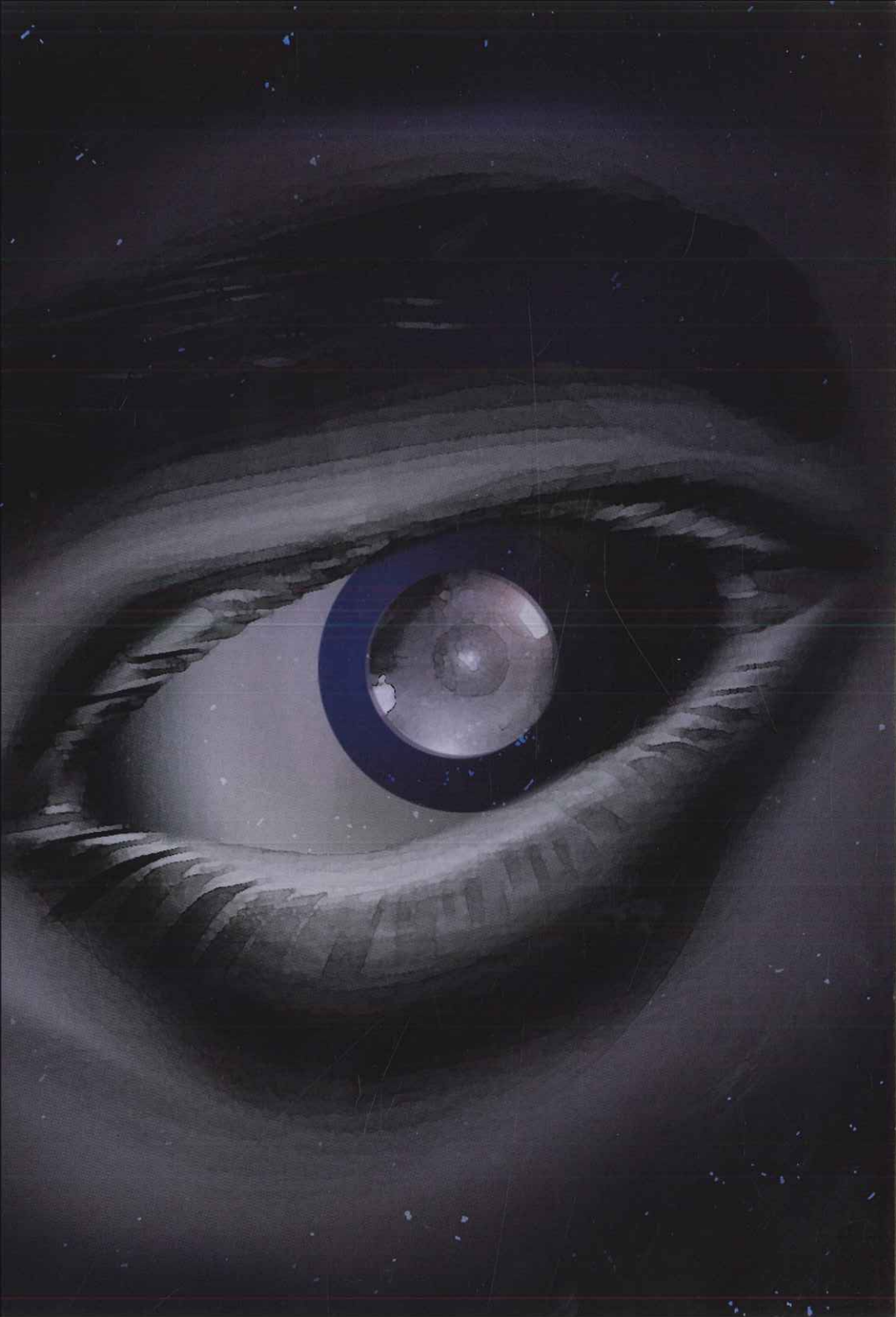
As entidades cósmicas possuíam, com certeza, uma frota de, pelo menos, vinte mil veículos menores à sua disposição.

*Os carros de Deus são vinte mil, sim
milhares de milhares (Salmos 68, 17).*



*Adão
Meu querido Adão
Todo mundo sabe
Que perdeste o juízo
Por causa da serpente tentadora
O nosso mestre
Te expulsou do Paraíso*

*Adão, Adão
Mas em compensação
O teu pobre coração
Que era pobre, pobre
Muito pobre de amor
Cresceu e eternizou, meu Adão,
O teu pecado encantador*



4

CAPÍTULO

HOMO NOVUS^[16]: PROJETO ADÂMICO

*Porque junto de vós
está a fonte da vida
(Salmos 36, 9).*

HOMO NOVUS^[16]: PROJETO ADÂMICO

Por toda parte, a vida tece seu formidável caminho. Onde houver luz, uma centelha de fogo ou um fio de molécula protéica em que se agarrar, haverá duplicação, reprodução e vida. Nosso planeta é abundante de seres, dispersos por todas as regiões e temperaturas, sob as mais diversas formas.

As espécies de insetos classificadas até o momento ultrapassam um milhão. No meio aquático, mais de 25.000 tipos de peixes já foram catalogados pelos biólogos; uma infinidade deles não foi sequer descoberta. Pelo céu, a quantidade de aves ultrapassa 9.000 espécies. Cerca de 400 mil variedades de plantas colaboram com a regulação do sistema de gás carbônico e oxigênio da atmosfera. Bilhões de homens e mulheres respiram e sobrevivem, apesar de tudo. A vida acontece, e isso independe da nossa compreensão.

Mas não é só isso. Uma inteligência extraordinária comanda os intrincados processos que se desdobram a cada instante no interior das unidades vivas, as células. São reações e transmissões químicas sobre as quais pouco sabemos e pouco compreendemos, mas percebemos que funcionam como uma orquestra em plena harmonia e afinação e, nela, cada componente se comunica, direta ou indiretamente, com o todo do qual é imprescindível.

Interagindo entre si, cadeias de ácidos nucléicos e aglomerados de proteínas estabelecem a base da existência e integridade física dos habitantes da terra, das atuais bactérias aos extintos dinossauros. Mas como é que as moléculas formadoras dos ácidos e proteínas sabem identificar suas funções e seus propósitos? E quanto aos átomos de que se compõe a matéria? Quando é que eles deixaram de ser pequenas partículas isoladas para constituir vida?

Desde as primeiras aglomerações dotadas de tradição e cultura, a humanidade quer saber como sucedeu a manifestação da vida e, por consequência, como se fez o homem.

Os gregos acreditavam na geração espontânea em que, conforme os pensadores, a matéria viva era produzida a partir de matéria bruta, não-viva. As idéias de Aristóteles acompanharam o homem pela Idade Média e, somente na modernidade, foram categoricamente discutidas. Quando o médico e poeta italiano Francesco Redi (1626-1698) demonstrou, no século XVII, que não apareciam larvas nos frascos tampados com gaze, onde havia deixado carne em putrefação, a teoria da geração espontânea, ou abiogênese^[17], entrou em controvérsia, abrindo espaço para a biogênese.

Conhecido por suas descobertas fundamentais para a humanidade a respeito da fermentação e doenças infecciosas, o cientista francês Louis Pasteur (1822-1895) testou a hipótese da abiogênese no nível microscópico e confirmou: nem as bactérias produzem-se espontaneamente, para que elas existam, é preciso um meio anterior.

Assim, a vida só poderia acontecer a partir de uma outra, ancestral, integrando uma linhagem de gerações em seqüência. Imediatamente, de tal constatação brotou o novo enigma: todas as criaturas provêm de um único antepassado biológico? Na tentativa de elucidar o mistério, o século XX trouxe a concepção do “caldo” químico.

Para o pesquisador russo Alexander I. Oparin (1894-1980), assim como para outros bioquímicos, a atmosfera terrestre primitiva era muito diferente daquela que, hoje, nos sustenta. Nela, praticamente inexistia oxigênio, um elemento altamente oxidante, ou seja, reativo, o que poderia comprometer o fabrico da vida.

Ao contrário, hidrogênio, carbono e nitrogênio eram abundantes e formaram, através de ligações interatômicas, moléculas de metano e amoníaco que, ativadas por descargas elétricas dos relâmpagos e luz ultravioleta, aglutinaram-se em compostos maiores: açúcares e aminoácidos. Finalmente as moléculas maiores escorreram para os oceanos e outros ambientes aquáticos, aglutinado-se no chamado “caldo pré-biótico”. Ali, o imprevisto agiu. Por acaso, aminoácidos formaram proteínas, açúcares construíram DNA e RNA e o material “genético” arquitetou a primeira célula viva e inteligente.

A grande verdade é arrebatadora e escorregadia. Estudiosos imaginam maneiras de comprovar suas teses e a ciência alega que uma *singularidade*, ou seja, uma obra do acaso foi a

responsável pela transformação mirabolante do material não-vivo em estrutura biótica. Na década de 1950, os pesquisadores Stanley Lloyd Miller (1930-2007) e Harold C. Urey (1893-1981) promoveram, na Universidade de Chicago, uma simulação da sopa química primitiva — ou daquilo que se acreditava que ela fosse — e obtiveram, como resultado, uma goma avermelhada rica em aminoácidos, fonte das proteínas.

Aquietou-se a comunidade especializada. A experiência Miller-Uller passou a ser a referência para a explicação da origem da vida, encontrada, hoje, nos livros escolares e especializados.

No entanto, a massa de aminoácidos obtida não é, em si, vida. Nenhum experimento conduzido pela humanidade produziu vida de matéria sem vida. Nós não conseguimos comprovar a singularidade. As maiores discussões no meio científico têm se voltado para a evolução das espécies e seus mecanismos de adaptação frente ao meio-ambiente, e não para o surgimento da vida em si. A razão é simples: os pesquisadores *não conseguem* provar suas teorias. Para essas ocasiões, evocam sempre o *acaso*.

O prêmio Nobel Christian de Dube (1917), bioquímico, mencionou que “o acaso, e somente o acaso, fez tudo — da sopa primordial ao homem”. O biólogo Jacques Monod (1910-1976), outro prêmio Nobel, afirmou que o “homem finalmente sabe que está sozinho na insensível imensidão do Universo, do qual ele surgiu apenas por acaso”. O termo “por acaso” evoca a noção de “através de algo”, “por meio de”.

“Acaso”, ou à contra-gosto, é o vocábulo científico para Deus, o Criador de todas as coisas.

No princípio criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas (Gênesis 1, 1-2).



Grande arquiteto do Universo, o Senhor instaura a vida no gigantesco tubo de ensaio que é o planeta terra, das menores criaturas ao desfile evolucionário, já comprovado pela ciência, dos mares para a terra, de peixes para anfíbios, e répteis, e aves e mamíferos:

Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez. E fez Deus os animais selváticos segundo a sua espécie, e os animais domésticos, conforme a sua espécie, e todos os répteis da terra, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom (Gênesis 1, 24-25).



O texto bíblico discursa sobre os sete primeiros dias da criação, em uma clara alusão metafórica aos longos períodos de tempo e espaço utilizados pelo Senhor na elevação de sua obra. No sexto dia, nasce o homem, um degrau acima dos grandes primatas. Não o homem moderno, mas o *hominídeo*, antes de Adão. Deus concebe o homem e a mulher como figuras ainda sem alma vivente, apenas protótipos do que estaria por vir, privados do sopro da vida.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeita-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra (Gênesis 1, 27-28).



O estudo sobre a pré-história vem fornecendo fortes indicações de que os hominídeos sofreram um extraordinário salto evolutivo, passando da condição de “homem-macaco” para a de *homo sapiens sapiens*, o homem com inteligência, noções de alma, espírito e existência. No entanto, os pesquisadores ainda não identificaram aquilo que chamam de “elo perdido”, procurado desde Darwin^[18]. Não há ossada pré-histórica que carregue, em si, a fusão do antepassado rústico com o *sapiens*, do qual descendemos diretamente.

O elo perdido figura na Bíblia e, expressa o *Projeto Adâmico*. O Criador promove a evolução genética e espiritual,

diferenciando, a partir daquele momento, o homem, Adão, de todos os outros seres viventes do globo terrestre. A imagem do pó, argila ou barro dando forma ao homem, e o sopro divino extraterreno que o desperta, aparece em várias lendas e culturas com nuances muito semelhantes. O sopro é a fonte do progresso.

Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente (Gênesis 2, 7).



Adão é uma qualidade superior de homem de quem Deus, além de soprar-lhe a vida, interfere diretamente no código genético, utilizando uma de suas costelas como base para os genes de Eva, a primeira mulher de qualidade superior. O homem é colocado em estado de inconsciência, para que se realize a cirurgia. Adão é, literalmente, aberto:

Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus, e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. Então o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher (Gênesis 2, 20-22).



Para satisfazer a existência *imortal* do casal, alimentados com frutos da árvore da vida, o Senhor constrói um fascinante paraíso: o Jardim do Éden, cuja localização gera discussões calorosas entre historiadores e arqueólogos. O território descrito pelas escrituras nunca conheceu a paz, desde o estabelecimento da civilização sedentária, como nas terras da antiga Mesopotâmia (hoje, aproximadamente, o Iraque):

E saía um rio do Éden para regar o jardim, e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chama-se Pison; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro. O ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Giom; é o que circunda a terra de Cuxe. O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates (Gênesis 2, 10-14).



É interessante notar que o Jardim do Éden consistia, em última análise, em um laboratório isolado do resto dos lugares terrenos, onde o Criador cósmico podia manipular suas produções mais avançadas, convivendo, inclusive, *diretamente* com elas. Deus passeava com Adão pelo verde, com ele comungava, a ele ensinava o que queria. E, em meio à natureza abundante, uma única árvore, contudo, era proibida: aquela que forneceria total sabedoria aos homens, a árvore do bem e do mal, plantada geneticamente, como a árvore da vida.

Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás (Gênesis 2, 15-17).



O resultado é conhecido: Adão e Eva provam do fruto, se apropriam de verdades exclusivas dos seres celestiais, alienígenas, e são expulsos da redoma protegida e vigiada do Éden, perdendo a dádiva da longa vida, tornando-se de mortais, na condição de quem sangra, de quem trabalha na terra para obter sustento. Atente para um novo uso de plural, “nós”:

Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do

bem e do mal; assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente: o Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavourar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden, e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida (Gênesis 3, 22-24).



Dos tempos remotos nas cavernas à última era do gelo, as formas primitivas do gênero *homo* desapareceram e deram lugar a uma única: o *sapiens sapiens*. O mais notável desaparecimento é o do homem de Neandertal que, ao que tudo indica, foi contemporâneo do homem moderno. Adão pôde, por conseguinte, estabelecer uma modificação das formas hominídeas pré-existentes, na condição de primeiro membro de uma raça espiritual em termos qualitativos, não como o primeiro modelo *homo sapiens*, mas evidenciando a morte do protótipo anterior, denunciante do projeto definitivo de Deus. Descortina-se, aí, o Éden, não o jardim paradisíaco, mas o local de experimentação onde Adão é o escopo. O projeto adâmico segue com uma única interrupção, o dilúvio, quando Noé constrói sua arca. Mas, retornando ao casal expulso do paraíso, Eva dá à luz a Caim e a Abel; seus descendentes povoam a terra. E, embora sem o direito à vida eterna, seus anos foram muitos:



Os dias todos da vida de Adão foram novecentos e trinta anos; e morreu! (Gênesis 5, 5).



Entre dez e oito mil anos antes da Era Cristã, já ocupando todos os continentes, o homem atravessa, por milênios, uma revolução que irrompe a pré-história e o introduz na história. Trata-se de um período do qual nada sabemos. Não há nada que nos explique o que sucedeu nesse período. Temos apenas conhecimento de que, por todas as partes, da China à América do Sul, da Mesopotâmia ao Egito, da

África à Oceania, a humanidade principiou a produzir uma cultura sedentária, a escrever e a edificar poderosas civilizações.

Separados por distâncias intransponíveis aos antigos, sem possibilidade humana de contato, os terráqueos dão um salto sociológico, produtivo e histórico, atravessando a Revolução Neolítica, simultaneamente, tornando evidente o auxílio de Inteligência externa.

Não é de se estranhar o fato de que todas as culturas politeístas da Antiguidade tivessem em alta estima deuses como o da agricultura, o do milho, o dos trigais, assim por diante.

É que, na verdade, esses povos narravam um passado em que os deuses desciam dos Céus e lhes mostravam como domesticar sementes selvagens, muito distintas daquelas que manipulamos hoje.

O povo hebreu descreveu, no Antigo Testamento, além da fase de cultivo da terra, a disputa entre irmãos e o primeiro homicídio do homem adâmico. O assassinato de Abel, por inveja, é também o choque entre duas forças comprovadamente antagonistas nos primórdios da civilização: os agricultores sedentários, personificados em Caim, e os pastores nômades, na figura de Abel.

Rejeitando a oferta do lavrador, fruto da terra, o Criador aprecia a oferenda de Abel, a ovelha e sua gordura. Os pastores pareciam vencer o embate. No entanto, pela força, Caim se torna único. A humanidade será sedentária, sobrevivendo e lutando pela terra, das épocas bíblicas aos conflitos do século XXI. Até hoje o homem tenta provar da árvore da Inteligência.

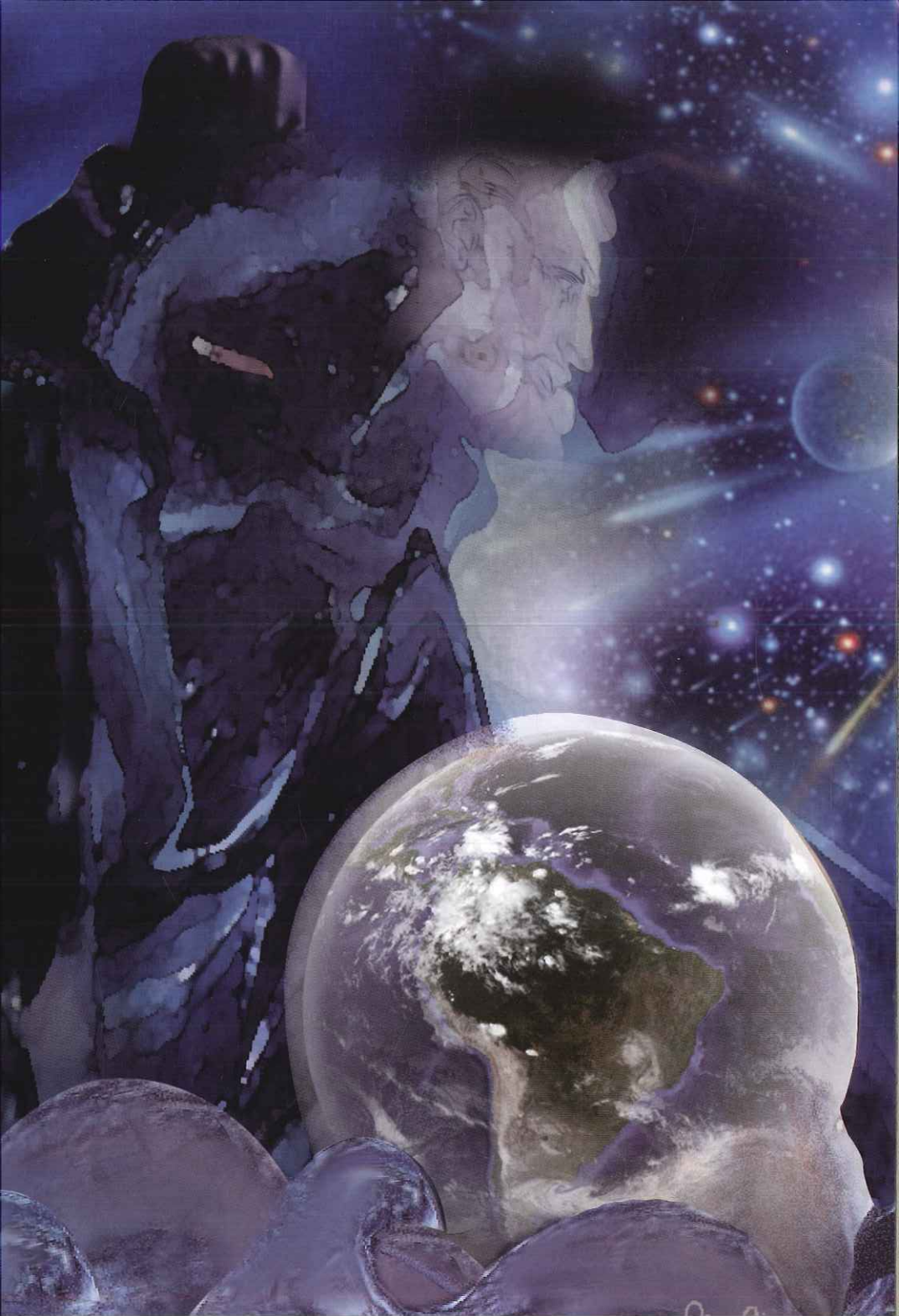
Quer saber de onde veio, para onde vai e quem é. Enquanto apenas engatinha, julga poder levantar e correr. Quer colocar as mãos na árvore proibida do Éden. Chama os dedos das mãos de “ciência” e, para cada um dá um nome: física, química, matemática, biologia, psicologia.

Até hoje o Criador esconde a verdade. Ainda estamos presos no globo, imaginando possibilidades, observando arranha-céus com lupa. Mas seu Filho retornará e, com ele, as respostas.

A árvore da vida é a árvore da vida eterna, e só se alcança a vida eterna por meio da revelação dos mistérios de Jesus.

Após conhecê-los, o homem terá condições de cumprir sua missão no firmamento: povoar outros mundo e semear vida em outros planetas.

Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos. [...] Os homens esqueceram essa verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.



5

CAPÍTULO

AQUELE QUE LUTOU COM DEUS

*Ora disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra,
da tua pátria, e da tua casa paterna e vai para
a região que eu te mostrarei.
Farei de ti uma grande nação e te abençoarei;
engrandecerei o teu nome, e serás uma bênção
(Gênesis 12, 1-2).*

AQUELE QUE LUTOU COM DEUS

Existe uma porção de terras em nosso planeta que é diferente de todas as outras. Ali, em nome da fé e das concepções filosóficas do além-túmulo, o sangue humano jorrou por incontáveis vezes. Ainda hoje, e talvez por muito tempo, constitui território de pólvora aguardando a faísca.

Parte do que identificamos como Oriente Médio, a peculiar área em questão fica encravada entre quatro limites: o Mar Mediterrâneo, pelo oeste, que configura uma faixa litorânea com verões secos e quentes e invernos amenos e chuvosos; a depressão do Mar Morto, pelo leste, resultante de uma fossa tectônica que abarca o rio Jordão; as Colinas de Golan e as terras sírio-libanesas que dominam o norte e a península do Sinai e o Golfo de Ácaba que se estendem ao sul.

Internamente, a região apresenta estreita planície no norte, desertos no sul, colinas e montanhas pelo centro, da Galiléia à Judéia, e a depressão do Mar Morto na porção mais oriental. Já funcionou como local de pastoreio, ponto de intersecção de rotas e vedete de disputas políticas acaloradas, para dizer o mínimo.

É Israel. Canaã. Filistina. Palestina. A Terra Prometida. Terra da Púrpura. Púrpuras são as vísceras esparramadas por aquele chão. Sempre em guerra. Judeus, cristãos, muçulmanos. Você nunca se perguntou? Sem dúvida há alguma coisa em Israel. Que acontece com aquela região?

Na ocasião do retorno da Inteligência extraterrena do Criador, Israel será *cercado*, porque ali funciona um ponto de contato importantíssimo do globo terrestre com o Cosmo. Em Israel, as forças intergalácticas de Deus se concentrarão quando para cá voltarem, na grande *nuvem*.

Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém (Apocalipse 1, 7).



O termo que nomeia o povo israelita não foi dado pelos homens, mas sim por um combatente do exército cósmico. Quem o recebeu foi Jacó e quem sofreu foi sua coxa. Mas, antes de Jacó, houve Isaac e, antes deste, houve Abraão, outrora identificado como Abrão, descendente de Sem e, por conseqüência, de Noé^[19].

Para os historiadores, o povo hebreu toma forma substancial e expressiva quando Abrão afirma ter entrado em contato com uma força *única* e conhecedora de *tudo* o que existe, o Criador, que o rebatiza Abraão. Com o Senhor, Abraão firma um pacto, sai do chão de seu pai, para a Terra Prometida. Pelo percurso, Deus conversa e anima o terráqueo, incentivando-o, manipulando geneticamente os seus, fazendo com que cumpra o objetivo. Promete multiplicar sua descendência e a ela entregar o poder sobre todas as outras cidades de todas as outras nações da terra. A passagem é conhecida. O grande Arquiteto ordena que Abraão sacrifique seu filho, Isaac, em seu nome. Quando o homem levanta o cutelo, pronto para imolar o filho, a Inteligência alienígena entende que ali está um humano disposto a aceitar o então inacreditável.

Então do céu bradou pela segunda vez o Anjo do Senhor a Abraão, e disse: Jurei, por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso, e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra: porquanto obedeceste à minha voz (Gênesis 22, 15-18).



Deus promete a Abraão e a todos os homens, uma bênção. Na Terra Púrpura serão benditas *todas* as nações. Ou seja, a vida eterna se encontrará na *Nova Jerusalém*, citada no texto bíblico, que chegará para alterar mais uma vez o tempo de vida do homem, expandindo-o como no início do projeto adâmico. Fiel discípulo e grande patriarca hebreu^[20], o quase cordeiro Isaac, filho do maior Abraão, toma à Rebeca como esposa. Mas ela é estéril, assim como Sara, sogra desta, mãe de Isaac. Controlando os caminhos patriarcais de muito perto, o Criador interfere no organismo de Rebeca com uma inseminação artificial — mais uma entre as narradas na Bíblia.

A gestante concebe gêmeos, irmãos que representarão duas linhagens, dois povos distintos do Oriente, mas com mesma raiz lingüística. O mais velho, por minutos, e primogênito por direito, era Esaú, cujo nome significa “vermelho” ou “peludo”. Esaú representa o povo árabe. O mais novo, e logo preferido pela mãe, era Jacó, ou “aquele que segura o calcanhar”, que, como veremos, representará o povo israelita.



São estas as gerações de Isaque, filho de Abraão; Abraão gerou a Isaque; era Isaque de quarenta anos, quando tomou por esposa a Rebeca, filha de Betuel, o arameu de Padã-Arã, e irmã de Labão, o arameu. Isaque orou ao Senhor por sua mulher, porque ela era estéril; e o Senhor lhe ouviu as orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu. Os filhos lutavam no ventre dela; então disse: Se é assim por que vivo eu? E consultou ao Senhor. Respondeu-lhe o Senhor: Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão; um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço. Cumpridos os dias para que desse à luz, eis que se achavam gêmeos no seu ventre. Saiu o primeiro, ruivo, todo revestido de pelo; por isso lhe chamaram Esaú. Depois nasceu o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú;

por isso lhe chamaram Jacó. Era Isaaque de sessenta anos, quando Rebeca lhos deu à luz (Gênesis 25, 19-26).



Astuciosamente, Jacó obtém o direito à primogenitura, maquinando junto de sua mãe e enganando o pai, velho e com a visão comprometida, deixando Esaú de lado. Contudo, passa a temer o irmão mais velho e sua ira, experimentando desventuras na casa de Labão, que se transforma em seu sogro. Para não quebrar a promessa de Isaac, anjos descem à terra e vão ao encontro de Jacó a fim de ajudá-lo. Perturbado, Jacó presenteia Esaú com rebanhos e transpassa o vau de Jaboc com suas duas esposas, suas duas servas e os onze filhos. Acontece que, estando sozinho, Jacó lutou com o divino. Travou embate corporal com um anjo, um dos seres alienígenas vindos do firmamento. Mas não foi só isso. O humano cansou o anjo, que acabou apelando para o controle da matéria, deslocando a coxa de Jacó apenas com um leve toque:

Levantou-se naquela mesma noite, tomou suas duas mulheres, suas duas servas e seus onze filhos, e transpôs o vau de Jaboque. Tomou-os e fê-los passar o ribeiro; fez passar tudo o que lhe pertencia, ficando ele só; e lutava com ele um homem, até o romper do dia. Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem. Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir, se me não abençoares. Perguntou-lhe, pois: Como te chamas? Ele respondeu: Jacó. Então disse: Já não te chamarás Jacó e, sim, Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste. Tornou Jacó: Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali (Gênesis 32, 22-29).



Já dissemos que os anjos andaram por aqui, comeram, beberam e, inclusive, se reproduziram com seres humanos. A luta física de Jacó com um deles é mais uma prova. A confirmação aparece logo a seguir: Jacó reconhece que viu Deus, de perto, no lugar da peleja:

Àquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face; e a minha vida foi salva. Nasceu-lhe o sol, quando ele atravessava Peniel; e manquejava de uma coxa. Por isso os filhos de Israel não comem, até hoje, o nervo do quadril, na articulação da coxa, porque o homem tocou a articulação da coxa de Jacó no nervo do quadril (Gênesis 32, 30-31).



O Senhor aparece uma vez mais a Jacó e o abençoa em Betel, após a morte de Débora, ama de Rebeca. Daí surge o nome Israel, que no original hebraico significa “Aquele que luta com Deus”, *Ishr-al*. Para outros, ainda, o nome quer dizer “Deus luta” ou “Deus reina”.

Vindo Jacó de Padã-Arã, outra vez lhe apareceu Deus, e o abençoou. Disse-lhe Deus: O teu nome é Jacó. Já não te chamarás Jacó, porém Israel será o teu nome. E lhe chamou Israel. Disse-lhe mais: Eu sou o Deus Todo-poderoso; sê fecundo, e multiplica-te; uma nação e multidão de nações sairão de ti, e reis procederão de ti. A terra que dei a Abraão e a Isaque, dar-te-ei a ti e, depois de ti, à tua descendência (Gênesis 35, 9-12).



Eis a origem do termo Israel. A partir de então, a nação fundada por Jacó, que fez as pazes com o irmão, ficou sendo a dos “Filhos de Israel”, ou “Israelitas”. O primeiro registro histórico da

palavra encontra-se em uma estela, ou placa de pedra, egípcia, a chamada Estela de Merenpta^[21], do século XIII antes da era cristã comum. Israel só crê no Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia, representando o Antigo Testamento, reunidos na Tora judaica. É interessante notar que o termo “testamento” não está dentro do contexto real. A expressão latina *Vetus Testamentum* tem origem no grego *Palaia Diath-k*, que quer dizer “A antiga aliança”. O Pentateuco, “cinco rolos” em grego, é o sinal da aliança entre o Criador e a Humanidade. Esta aliança transfere-se imediatamente aos 12 filhos de Jacó, as “Doze Tribos”.

E aconteceu que, habitando Israel naquela terra, foi Rúben e se deitou com Bila, concubina de seu pai, e Israel o soube. Eram doze os filhos de Israel.

Rúben, o primogênito de Jacó, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom, filhos de Lia; José e Benjamim, filhos de Raquel; Dã e Naftali, filhos de Bila, serva de Raquel; e Gade e Aser, filhos de Zilpa, serva de Lia. São estes os filhos de Jacó, que lhe nasceram em Padã-Arã. Veio Jacó a Isaque, seu pai, a Manre, a Quiriate-Arba (que é Hebrom), onde peregrinaram Abraão e Isaque. Foram os dias de Isaque cento e oitenta anos. Velho e farto de dias, expirou Isaque e morreu, sendo recolhido ao seu povo; e Esaú e Jacó, seus filhos, o sepultaram (Gênesis 35, 23-29).



Note que o número 12 é recorrente: são 12 as tribos de Israel, 12 os apóstolos de Cristo e 12 as tribos seladas no Apocalipse, que serão multiplicadas também por 12. Ao longo dos livros bíblicos, há outras repetições cabalísticas.

São estes os filhos de Israel: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom,

*Dã, José, Benjamim, Naftali, Gade e Aser
(I Crônicas 2, 1-2).*



Então ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel: da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manasses, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil (Apocalipse 7, 4-8).



Da tribo de Levi destaca-se Moisés, quem conduz as tribos entre o Egito e Canaã, em Êxodo, escapando dos domínios do Faraó. Os israelitas, porém, fraquejam com a falta de alimento, os três dias de passagem pelo mar, a confecção do bezerro de ouro, os fenômenos ao pé do Monte e a demora de Moisés em descer e dar notícias.

*Depois disse o Senhor a Moisés e a Arão:
Até quando sofrerei esta má congregação que murmura contra mim? Tenho ouvido as murmurações que os filhos de Israel proferem contra mim (Números 14, 26-27).*



Deus, entretanto, permaneceu guiando as tribos. O papel de Israel era revelar aos homens das demais nações a essência do Deus único. Os filhos de Israel formaram,

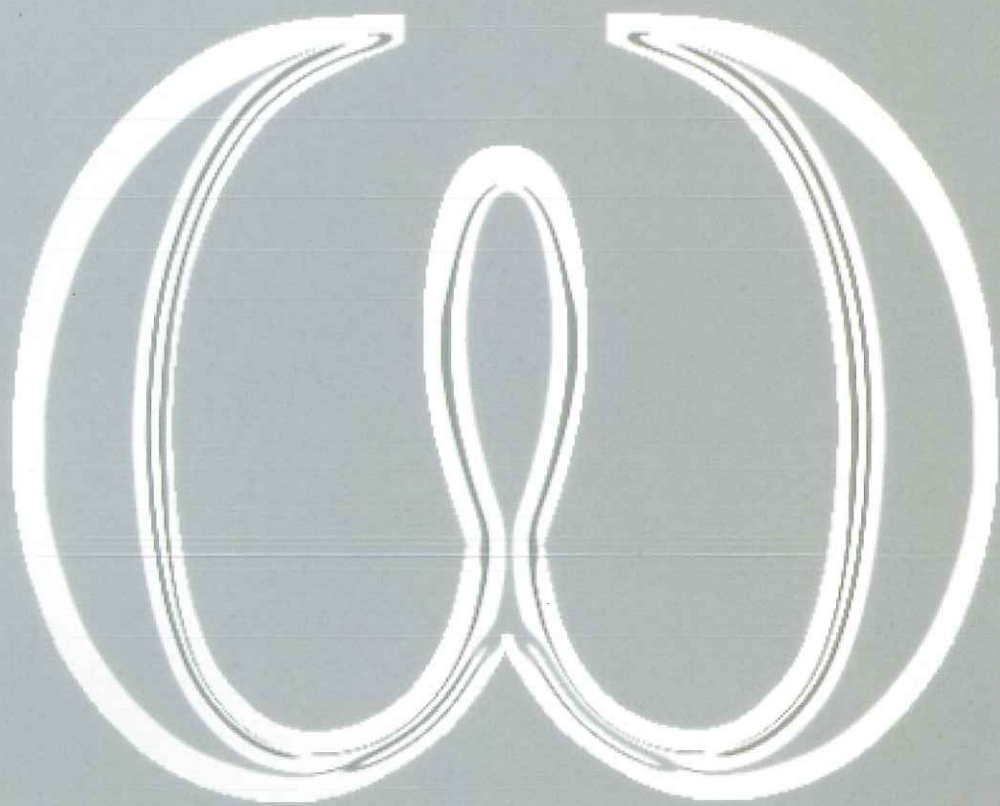
historicamente, um grupo diferente do restante. Sua identidade, absolutamente fundada no monoteísmo em favor “d’Aquele que é”, resistiu a tudo. Só os hebreus conseguiram, na Antiguidade, não se deixar levar pelo ideal do *logos* helênico, genericamente representado pelo conjunto greco-romano. Todos os outros povos, em contato com tal *logos*, assimilaram as características clássicas e politeístas. Menos os israelitas.

Mas o fato é que, segundo o texto bíblico, Jacó lutou fisicamente com um ser celestial e, assim, conquistou uma “porção de terra”. Nos relatos percebemos que algo ou alguém está desenvolvendo um projeto para a terra, num espaço de tempo tão largo que abarca os mais de quatro mil anos de nossa história recente, sem contar os idos tempos de criação do planeta e o que convencionaram identificar como “pré-História”.

A Inteligência, o Poder e a Sabedoria, armada de exército e controle, estão traçando um plano para nós e, quando acontecer a Sua volta, todas as nações passarão a seguir Suas leis.

Sucedará que, quando vos multiplicardes e vos tornardes fecundos na terra, então, diz o Senhor, nunca mais se exclamará: A arca da aliança do Senhor! ela não lhes virá à mente, não se lembrarão dela nem dela sentirão falta; e não se fará outra. Naquele tempo chamarão a Jerusalém o Trono do Senhor; nela se reunirão todas as nações em nome do Senhor, e já não andarão segundo a dureza do seu coração maligno. Naqueles dias andarà a casa de Judá com a casa de Israel, e virão juntas da terra do Norte, para a terra que dei em herança a vossos pais (Jeremias 3, 16-18).





ÔMEGA

O Universo é um vasto pensamento. Em cada partícula, átomo, molécula, célula de matéria, vive e atua, incógnita, uma Onipresença.

JEAN GUITTON, FILÓSOFO



6

CAPÍTULO

SOB O SIGNO DO CAJADO

*Ora, nunca mais surgiu
em Israel um profeta
igual a Moisés, com
quem o Senhor tratasse
face a face
(Deuteronômio 34, 10).*

SOB O SIGNO DO CAJADO

De acordo com os relatos bíblicos, apenas um dentre os humanos conseguiu vislumbrar toda a glória e iluminação do Arquiteto, Criador de todas as coisas, sem fraquejar: *Moisés*.

Sua figura chamou a atenção dos seres celestiais, que perceberam nele coragem e ousadia, bem como infinita capacidade de exercer a fé e a liderança. Moisés, humilde, mas jamais relapso, nunca fugiu ao encontro direto com Deus.

Sua trajetória é tão rica, e exemplifica tão bem o que pretendemos discutir nesta obra, que — sem dúvida — merece um capítulo completo. Como condutor, foi o maior líder político dos hebreus, fixando de uma vez por todas a religião monoteísta. Para a posteridade, deixou os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, alicerces da tradição judaica mais antiga e, em seguida, do costume judaico-cristão^[22].

O último dos livros, Deuteronômio, só termina quando acaba também a contagem dos dias de Moisés na terra. Seu corpo, entretanto, jamais foi encontrado, assim como o local de sua cova. Acredita-se, como veremos adiante, que ele tenha retornado ao planeta, na época de Cristo, milênios depois de haver “falecido”.

Moisés foi um marco na História humana, assim como Abraão. Todavia, o que importa aqui é entendermos como o herdeiro da casa de Levi, conectado ao nome de Jacó (Israel), serviu de ligação, direta, entre os filhos de Israel e a Inteligência extraterrestre. Desta última, recebeu ordens, frente a frente, face a face; duvidou, recusou e professou. Foi um homem, com todas as fraquezas e virtudes que o termo possa remeter, *escolhido* para servir de ponte, unindo dois universos.

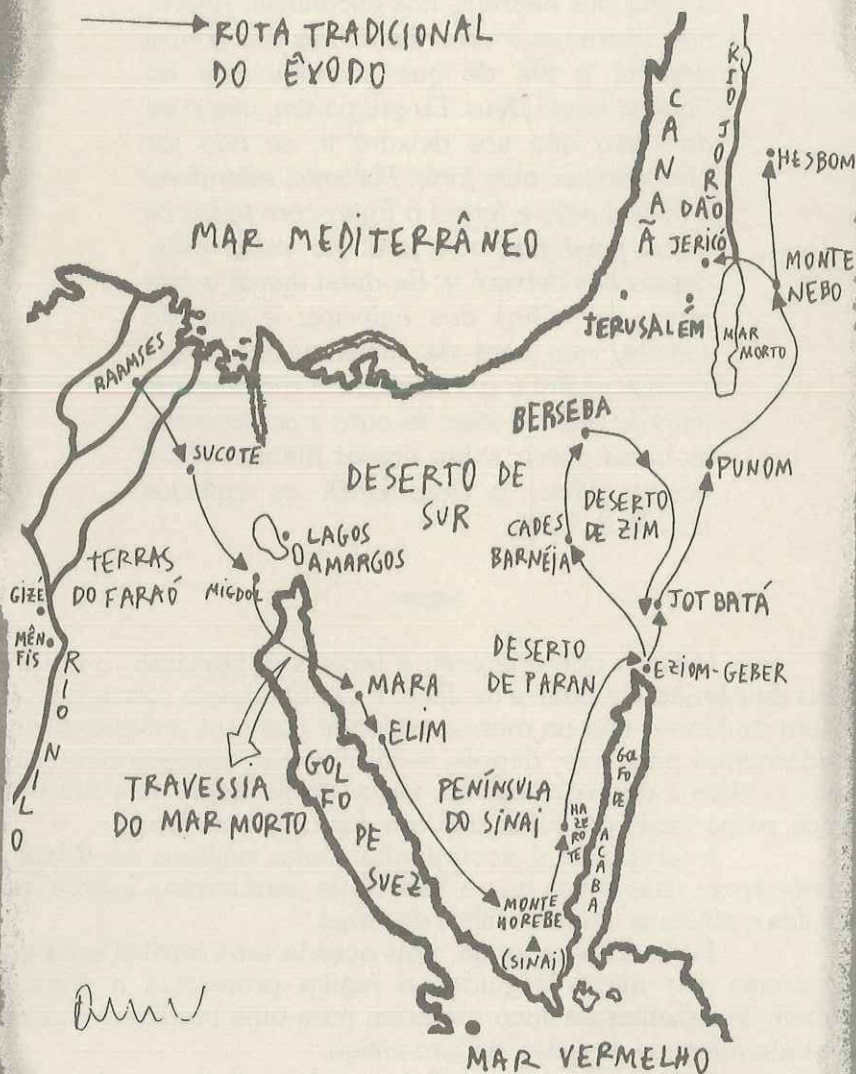
Antes de Moisés, os patriarcas adoravam Deus atribuindo-lhe diversos nomes, tais como *El Elyom*, *El Shadai*, *88 Adonai*, *El Olam*, *Eloim*, *O Senhor*, *YHVH*, *Jeová*, *Jeová-Sabaó*, *Jeová Rafa*, *Jeová-Shalom*, *Jeová-Shamá*, *Jeová Tsidquenu*, *Jevá* e muitos outros.

Sendo o grupo hebraico uma grande colcha de retalhos, formada por várias tribos, cada uma com seu chefe, fica claro que cada nomenclatura servia para uma determinada região, restringindo o espectro de proteção divina a pedaços de terras conquistadas pelos líderes tribais judeus.

Antes ainda, na época de Abraão, cada patriarca adorava e se entregava ao seu deus ancestral, ao deus do clã ou da tribo, como atesta o Gênesis. O Criador conversou abertamente com Moisés, de modo a enunciar e consagrar seu definitivo e único nome, "EU SOU":

Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. Então disse Moisés a Deus: Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel? Deus lhe respondeu: Eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte. Disse Moisés a Deus: Eis que quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: Eu sou o que Sou. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração. Vai, ajunta os anciãos de Israel, e dize-lhes: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me apareceu, dizendo: Em verdade vos tenho visitado, e visto o que vos tem sido feito no Egito.

O ÊXODO



Portanto disse eu: Far-vos-ei subir da aflição do Egito para a terra do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu, para uma terra que mana leite e mel. E ouvirão a tua voz; e irás, com os anciãos de Israel, ao rei do Egito, e lhe diras: O Senhor, o Deus dos hebreus, nos encontrou. Agora, pois, deixa-nos ir caminho de três dias para o deserto, a fim de que sacrifiquemos ao Senhor, nosso Deus. Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir, se não for obrigado por mão forte. Portanto, estenderei a minha mão e ferirei o Egito com todos os meus prodígios que farei no meio dele; depois vos deixará ir. Eu darei mercê a este povo aos olhos dos egípcios; e quando sairdes, não será de mãos vazias. Cada mulher pedirá à sua vizinha e à sua hóspeda jóias de prata, e jóias de ouro e vestimentas; as quais poreis sobre vossos filhos e sobre vossas filhas; e despojareis os egípcios (Êxodo 3, 9-22).



O Deus que apareceu a Moisés é, portanto, o mesmo Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó; e Ele não tolera outros deuses. O fato de Moisés crer na mesma entidade que seus antepassados é fundamental para que, depois, se prolifere a crença monoteísta, onde a idéia é que não existem várias divindades, mas sim uma única, responsável por tudo, criadora dos céus e da terra.

Interessante é acompanhar pelas páginas da Bíblia a interferência sistemática que a Sabedoria extraterrena exerce, por séculos e milênios, entre os filhos de Israel.

Fugindo para longe, pois ocorria uma terrível seca que dominava por meses seguidos a região prometida a Abraão, Canaã, os israelitas de Jacó rumaram para uma paisagem que era em tudo diferente da deles: o Egito antigo.

Politeístas há milênios, os egípcios adoravam, trabalhavam e viviam praticamente para a entidade supranacional

do faraó, que era o divino encarnado, em um ciclo interminável de vida e morte. Cultivavam o trigo e a cevada nos braços do fabuloso rio Nilo, oásis em meio ao continente africano, dotado de diversas cataratas e grandes inundações anuais, que fertilizavam toda a região ao redor, propiciando assim uma nova rotina de agricultura.

Quando chegaram, porém, os hebreus encontraram o império do faraó sacudido pelos hicsos^[23], que invadiram os domínios tradicionais e tomaram o poder. A dinastia hicsa foi conivente com os filhos de Israel, e por mais de quatro séculos, as tribos de Jacó habitaram aquelas bandas. Mas os egípcios autóctones retomaram as rédeas do trono, expulsando os hicsos e deixando os israelitas em maus lençóis.

Na época de Moisés, o povo descendente de Abraão e de Isaac já havia sido feito escravo. Constante e maciçamente reprimida, a massa hebraica causava temor no faraó. Ela deveria ser controlada:

Entrementes se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José. Ele disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós (Êxodo 1, 8-9).



Não se tratava de expulsão ou extermínio dos futuros judeus, mas de uma espécie de saneamento.

O líder egípcio ordenou que todos os filhos homens, recém-nascidos, dos hebreus fossem mortos pelas parteiras. Estas, porém, temeram e não executaram as ordens faraônicas.

Como resposta, foi, então, decretado pelo faraó: todos os bebês homens dos filhos de Israel deveriam ser lançados ao Nilo. Nasceu Moisés:

Foi-se um homem da casa de Levi e casou com uma descendente de Levi. E a mulher concebeu e deu à luz um filho; e, vendo que era formoso, escondeu-o por três meses. Não podendo, porém, escondê-lo por mais tempo, tomou um cesto de junco, calafetou-o com betume e piche, e, pondo nele o menino,

largou-o no carriçal à beira do rio. Sua irmã ficou de longe, para observar o que lhe haveria de suceder. Desceu a filha de Faraó para se banhar no rio, e as suas donzelas passeavam pela beira do rio; vendo ela o cesto no carriçal, enviou a sua criada, e o tomou. Abrindo-o viu a criança; e eis que o menino chorava. Teve compaixão dele, e disse: Este é menino dos hebreus. Então disse sua irmã à filha de Faraó: Queres que eu vá chamar uma das hebréias que sirva de ama, e te crie a criança? Respondeu-lhe a filha de Faraó: Vai. Saiu, pois, a moça, e chamou a mãe do menino. Então lhe disse a filha de Faraó: leva este menino, e cria-mo; pagar-te-ei o teu salário. A mulher tomou o menino e o criou. Sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha de Faraó, da qual passou ele a ser filho. Esta lhe chamou Moisés, e disse: Porque das águas o tirei (Êxodo 2, 1-10).



E para as águas caminhará o garoto, quando feito homem, abrindo com a vara a passagem do Mar Vermelho. De fato, “Moisés” é um termo que pode ter, basicamente, dois sentidos, confundindo os pesquisadores. Isso acontece pelo fato de o recém-nascido ter ganhado nome completo em egípcio antigo.

Pelo hebraico, *Móshe*, indica “salvo da água, retirado de dentro da água”. Na linguagem egípcia, *Mosa* significa “filho (*Sa*) da água (*Mo*)”.

A água é um elemento recorrente nas passagens sagradas, regulando, limpando ou batizando as intervenções dos seres intergalácticos nos terrestres, como ocorre nas seguintes ordens de Deus a Moisés:

Se eles te não crerem, nem atenderem à evidência do primeiro sinal, talvez crerão na evidência do segundo. Se nem ainda crerem mediante estes dois sinais, nem te ouvirem a

voz, tomarás das águas do rio, e as derramarás na terra seca; e as águas que do rio tomares tornar-se-ão em sangue sobre a terra (Êxodo 4, 8-9).



Criado de maneira inusitada, influenciado pela cultura egípcia, tomado como neto do faraó, Moisés permaneceu no centro do encontro da fé e da religião de Israel com a ciência do Egito. Estava sendo, assim, preparado para o encontro com as entidades celestiais, das quais receberia ensinamentos e testemunho nunca antes concedidos pelo Cosmo.

Mas, naquele meio tempo, entre a mediocridade na corte e o conhecimento do Criador em pessoa, um infortúnio aconteceu. Vendo um egípcio espancar um hebreu, Moisés não se conteve e interferiu na peleja, terminando por matar aquele. Depois escondeu o corpo morto na areia, mas o crime foi descoberto.

Ele fugiu dos olhos faraônicos, encontrando repouso em Jetro, sacerdote de Mídiã. Ao apascentar o rebanho do sogro, viu a sarça ardente^[24], um fato inédito:

Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Mídiã; e, levando o rebanho para o lado ocidental do deserto, chegou ao monte de Deus, a Horebe. Apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo do meio duma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. Então disse consigo mesmo: Irei para lá, e verei essa grande maravilha, porque a sarça não se queima. Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou, e disse: Moisés, Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui. Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de

Isaque, e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus. Disse ainda o Senhor: Certamente vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento, por isso desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla. Terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu. Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. Então disse Moisés a Deus: Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel? Deus lhe respondeu: Eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte (Êxodo 3, 1-12).



O Senhor estabelece uma aliança. Houve contato sem intermediários entre o futuro líder e o Ser Superior, mas Moisés duvidava. Primeiro, de sua própria capacidade pessoal e retórica; depois, da fé dos israelitas, que — ele bem sabia — encontravam-se em profundo estado de racionalidade. Os escravos, evidentemente, pretendiam a libertação, mas não arriscariam uma ação contra o poderio do faraó:

Então disse Moisés ao Senhor: Ah! Senhor! eu nunca fui eloqüente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua. Respondeu-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? ou quem faz o mudo ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca, e te ensinarei

o que hás de falar. Ele, porém, respondeu: Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim (Êxodo 4, 10-13).



Os seres celestes foram tomados de ira pela indecisão do humano. Deus designou, então, o irmão de Moisés, Aarão, como porta-voz da Palavra superior ao povo. E entregou, na ocasião, o cajado do patriarca, a vara que transfigurava em serpente. Os israelitas passaram a seguir o cajado de Moisés:

Respondeu Moisés: Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz, pois dirão: O Senhor não te apareceu. Perguntou-lhe o Senhor: Que é isso que tens na mão? Respondeu-lhe: Uma vara. Então lhe disse: Lança-a na terra. Ele a lançou na terra, e ela virou cobra. E Moisés fugia dela. Disse o Senhor a Moisés: Estende a mão, e pega-lhe pela cauda (estendeu ele a mão, pegou-lhe pela cauda, e ela se tornou em vara); para que creiam que te apareceu o Senhor, Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. Disse-lhe mais o Senhor: Mete agora a tua mão no peito. Ele o fez; e, tirando-a, eis que a mão estava leprosa, branca como a neve. Disse ainda o Senhor: Torna a meter a tua mão no peito. Ele a meteu no peito novamente; e quando a tirou, eis que se havia tornado como o restante de sua carne (Êxodo 4, 1-7).



Perceba como a Inteligência possuía total controle sob as moléculas e átomos, alterando a própria fibra da realidade, tornando o cajado em cobra e a cobra em cajado; a carne sadia em leprosa e a lepra em tecido saudável. Imagine o impacto da presença dessas

entidades universais, cósmicas, nas comunidades da Antiguidade oriental, com o nível de tecnologia da época. Como já dissemos, até em nossos dias, o impacto seria devastador. Para muitos — a maioria — incompreensível.

Confiante na garantia de que sua vida não correria perigo, Moisés, novamente, dirigiu-se ao faraó, realizando, a sua frente, prodígios e milagres. O governante, no entanto, não moveu a idéia. Não libertaria o povo israelita.

O Criador tomou providências maiores. Castigou o Egito com uma praga sucessiva à outra. Somente o domínio de alta tecnologia pode explicar o que se passou nas areias egípcias: água se transformou em sangue; piolhos, rãs, moscas e gafanhotos entraram pelas portas e poros; a chuva trouxe pedras (talvez meteoritos?); os animais morreram de peste e nos homens abriram-se pústulas ulcerosas. Por fim, desceram as trevas e a praga sobre os primogênitos egípcios, após falhar o último acordo com o faraó:

Disse o Senhor a Moisés: Ainda mais uma praga trarei sobre Faraó e sobre o Egito. Então vos deixará ir daqui; quando vos deixar, é certo que vos expulsará totalmente (Êxodo 11, 1).



E todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono, até ao primogênito da serva que está junto á mó, e todo primogênito dos animais (Êxodo 11, 5).



A Moisés foram legados poder e conhecimento fora do comum, para que conduzisse seus irmãos. O patriarca, apoiando-se no cajado, necessitava do espírito de liderança sólido e do apoio e tutela dos entes extraterrenos. Atrás dele, uma multidão de homens, mulheres e crianças, conversando, chorando, rindo, confusos. Começava a extraordinária fuga pelo deserto, conhecida como

Êxodo, resultante da aliança feita com o Deus único. Foi a primeira vez que uma sociedade inteira se estabeleceu em torno da posse de uma terra dada por uma entidade — a Terra Prometida — e não apenas por laços de sangue.

Assim partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote, cerca de seiscentos mil a pé, somente de homens, sem contar mulheres e crianças. Subiu também com eles um misto de gente, ovelhas, gado, muitíssimos animais. E cozeram bolos asmos da massa que levaram do Egito; pois não se tinha levedado, porque foram lançados fora do Egito; não puderam deter-se, e não haviam preparado para si provisões. Ora o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. Aconteceu que, ao cabo dos quatrocentos e trinta anos, nesse mesmo dia, todas as hostes do Senhor saíram da terra do Egito. Esta noite se observará ao Senhor, porque nela os tirou da terra do Egito: esta é a noite do Senhor, que devem todos os filhos de Israel comemorar nas suas gerações. Disse mais o Senhor a Moisés e a Arão: Esta é a ordenança da páscoa: nenhum estrangeiro comerá dela (Êxodo 12, 37-43).



A Páscoa celebra, pois, o caminho guiado por Moisés, servo da Inteligência maior. Sua trajetória é o relato bíblico mais expressivo que consagra a tese de que o Deus das escrituras nada mais é do que um ser universal, conhecedor profundo, já que é também o Criador.

Deus viaja entre as estrelas infinitas, das galáxias múltiplas, mora em outros planetas e dispõe de tecnologia avançadíssima até para a atualidade. Imagine, então, para o homem que viveu há 4.500 anos.

Os seres celestes são nossos semelhantes, mas não utilizam apenas 5% da capacidade cerebral, como fazemos.

Eles desenvolveram uma ciência incomparavelmente superior à nossa. Viajando no espaço interestelar, talvez inclusive em

espaço de múltiplas dimensões, cumprem a missão dada pelo grande Arquiteto: a de semear vida à sua imagem e semelhança, preparando-a sempre para o contato decisivo com a fonte cósmica.

Estamos caminhando para esse encontro. Os extraterrestres continuaram interferindo nos assuntos judeus, determinando e apontando à rota que deveria ser seguida para se alcançar a Terra Prometida.

Disse o Senhor a Moisés: Por que clamam a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, estende a mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco (Êxodo 14, 15-16).



O cajado era, ao mesmo tempo, presente da sabedoria elevada e modo de reafirmar a legitimidade da liderança de Moisés que, através dele, operava milagres. Junto dele, as entidades celestiais e as naves:

Então o Anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou, e passou para trás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles (Êxodo 14, 19).



Um pouco mais adiante, Moisés foi chamado ao cume do Monte Sinai para conversar com Deus. Havia mais de um milhão de testemunhas do feito — como veremos no próximo capítulo. Foi celebrado um pacto, o qual determinava que o povo deveria ser fiel e obedecer todas as ordens dadas pelos seres extraterrestres transmitidas através de Moisés.

Deus disse a Moisés que viria em uma nuvem escura, ou seja, numa nave, para que o povo ouvisse quando falasse a ele. Como falar com um milhão de pessoas, no meio do deserto, sem prescindir de tecnologia de amplificação do som?

E o Criador ainda avisa: iria mandar o seu “terror”.

Eis que eu envio um Anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que tenho preparado. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não te rebeles contra ele porque não perdoará a vossa transgressão; pois nele está o meu nome. Mas se diligentemente lhe ouvires a voz, e fizeres tudo o que eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. Porque o meu Anjo irá diante de ti, e te levará aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus; e eu os destruirei. Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto, nem farás conforme as suas obras; antes os destruirás totalmente, e despedaçarás de todo as suas colunas. Servireis ao Senhor vosso Deus, e ele abençoará o vosso pão e a vossa água; e tirará do vosso meio as enfermidades. Na tua terra não haverá mulher que aborte, nem estéril; completarei o número dos teus dias. Enviarei o meu terror diante de ti, confundindo a todo o povo aonde entrares, farei que todos os teus inimigos te voltem as costas (Êxodo 23, 20 -27).



Mas, afinal, o que seria o “terror”?

Então naquela mesma noite saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil; e quando se levantaram os restantes pela manhã, eis que todos estes eram cadáveres (II Reis 19, 35).



O descendente levítico, criado na corte faraônica, experimentado dos dois mundos e conduzido pelas forças

extraterrenas, diretamente conectados ao Senhor, libertou o povo israelita do jugo do faraó. A ciência humana é mera imagem refletida da ciência cósmica. Enquanto caminhamos, eles movimentam-se em velocidade supersônica. O que descobrimos, eles já conhecem há muito.

As horas de Moisés expiraram. Todavia, não recebeu tratamento ordinário. Também não havia sido ordinária sua vida. O patriarca viveu o início de tudo. Seu nome ecoa em todas as derivações do judaísmo, cristianismo e islamismo, de uma forma ou de outra.

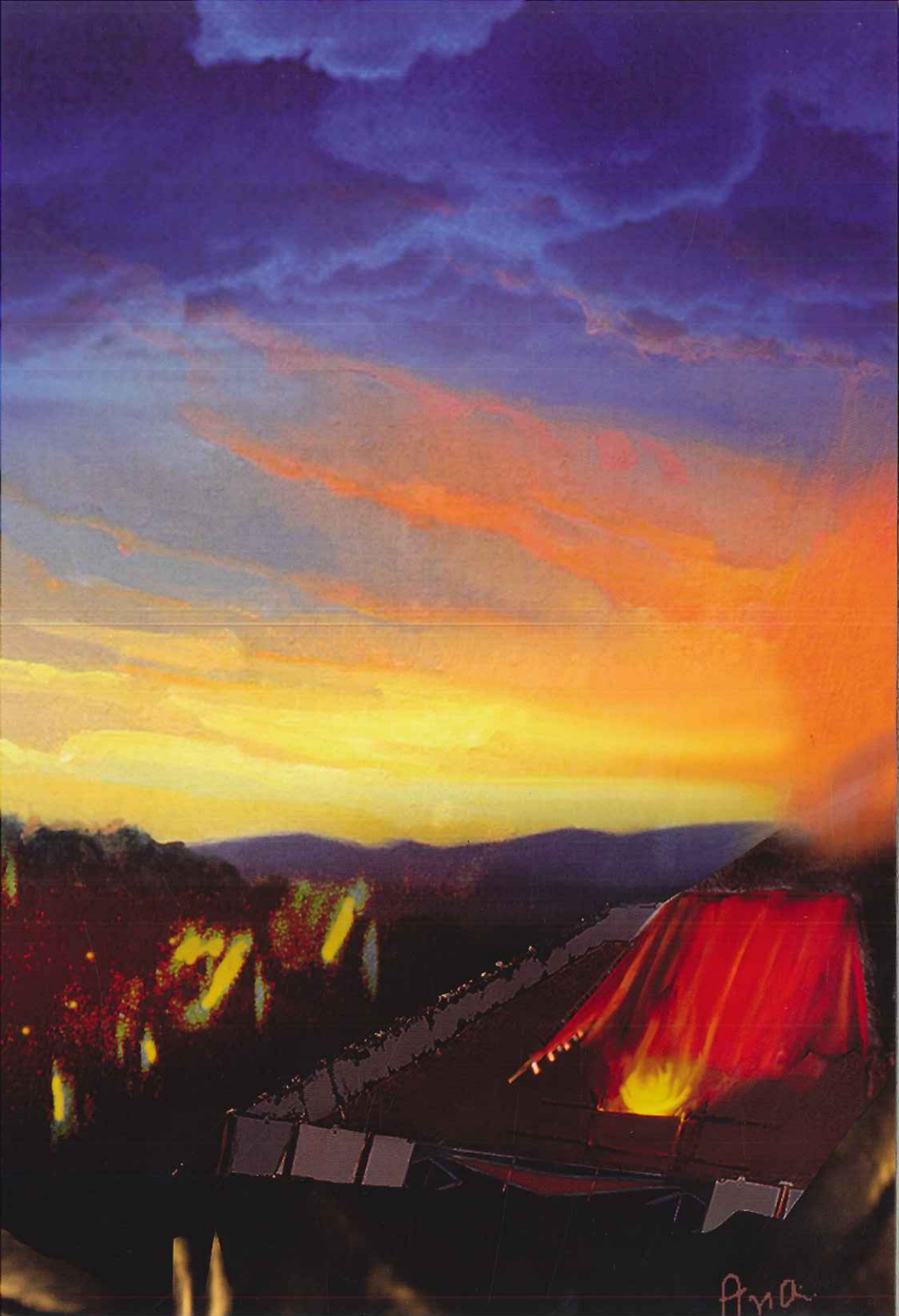
Não poderia simplesmente morrer, mas nunca pisou na terra púrpura. Apenas avistou a promessa de longe, tendo ao seu lado o Arquiteto em pessoa. Honraria bem merecida, concedida de forma poética. Observe, no trecho abaixo, como tudo leva a crer que Moisés foi, na verdade, retirado do planeta, levado para as estrelas, junto do Deus único. Conforme dissemos, é firme a crença de que ele reaparecerá milênios depois, ao lado de Jesus Cristo.

Então subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cume de Pisga, que está defronte de Jericó; e o Senhor lhe mostrou toda a terra de Gileade até Dã. E todo o Naftali, e a terra de Efraim, e Manasses; e toda a terra de Judá, até ao mar ocidental; e o Neguebe, e a campina do vale de Jericó, a cidade das palmeiras até Zoar. Disse-lhe o Senhor: Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: Á tua descendência a darei; eu te faço vê-la com os teus próprios olhos; porém, não irás para lá. Assim morreu Moisés, servo do Senhor, na terra de Moabe, segundo a palavra do Senhor. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura. Tinha Moisés a idade de cento e vinte anos quando morreu; não lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor. Os filhos de Israel prantearam a Moisés por trinta dias nas campinas de Moabe; então se cumpriram os dias do pranto no luto por Moisés (Deuteronômio 34, 1-8).



*Façamos da interrupção um caminho novo.
Da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte,
da procura um encontro!*

FERNANDO SABINO



Ana

7

CAPÍTULO

ARCAS E TABERNÁCULOS

*Então o rei Davi entrou,
e pondo-se na presença
do Senhor, disse: Quem sou eu,
ó Senhor Deus, e que é a minha casa,
para me terdes elevado até este ponto?
Mas como isso ainda parecesse pouco aos
vossos olhos, ó Senhor Deus, estendestes
ainda a vossa promessa à casa de vosso
servo para um longínquo porvir!
É esta, acaso, a norma ordinária,
Senhor Deus?
(II Samuel 7, 18-19).*

ARCAS E TABERNÁCULOS

Já dissemos anteriormente que tanto o espaço quanto o tempo são fontes de criação e supervisão constantes de uma frota interestelar que, por sua vez, obedece a uma força divina e comum, chamada de *Deus*, *Senhor* ou qualquer outro termo afim. Também nos referimos aos contatos que o comando extraterreno promoveu com o homem, obra sua, durante milênios de história.

Por todo o globo a sabedoria alienígena interferiu, das populações cultivadoras de milho da América Central aos hebreus “filhos de Israel”, uma região que carrega em si algo de especial. Os antigos foram tocados pelos habitantes cósmicos e, primeiro por tradição oral, depois por obras escritas, transmitiram as prodigiosas experiências aos seus sucessores que — infelizmente — não souberam lidar com elas.

Uma implicação deste fato é que, por dominarem pouco conhecimento tecnológico, se comparados com a civilização globalizada dos dias atuais, os antepassados fizeram uso de um vocabulário bastante limitado, permeado de honrarias, como *nuvem*, *glória*, *anjo*, narrando os episódios a sua maneira.

Veremos a seguir que para se comunicar *diretamente* com os homens, o Criador instalou objetos materiais na terra, representados por *arcas e tabernáculos*. O homem, por sua vez, carente de esclarecimento, transformou os objetos em relíquias sagradas^[25]. Era comum, por exemplo, o comércio de minúsculas farpas de madeira, que diziam ter origem na cruz que recebeu Jesus em seu martírio, durante a Idade Média. Frascos com lágrimas de Maria no dia da *via crucis* eram considerados milagrosos e de bom agouro.

Que dizer então da “arca da aliança”, um dos objetos celestes que mais chamou a atenção dos mortais? Da literatura ao cinema moderno, é recorrente a figura da arca que continha o divino, vigiado de perto por Pandora^[26]. Misteriosamente

desaparecido dos relatos sagrados, o cofre nos convida a traçar raciocínios que desvendem seu atual paradeiro. A grande maioria não percebe que uma outra arca importa muito mais: o Jesus Cristo.

Em suma, os vestígios das trocas diretas entre homens e alienígenas, membros do exército de Deus, foram projetados contra nossa estreita e frágil psicologia através dos milênios, fabricando confortantes estereótipos. O resultado foi a multiplicação de religiões divergentes (e ao mesmo tempo mais convergentes do que gostam de admitir) e a superstição exacerbada, enamorada do devaneio em muitos casos^[27].

Três arcas, cada uma contendo um pacto com a humanidade, foram enviadas, de uma forma ou de outra, ao convívio terrestre: a arca de Noé, a arca da aliança e a arca definitiva e direta, Jesus Cristo. A primeira e a segunda foram construídas por mãos humanas, mas sempre com instrução extraterrestre; a terceira é a materialização do Arquiteto celestial que caminhou entre as criaturas.

Uma quarta arca, conduzindo a quarta e definitiva aliança entre a terra e os Céus, está a caminho.

Para conter os objetos cósmicos, surgiram os tabernáculos. A grosso modo, podemos entender o tabernáculo como a “habitação do material extraterreno, visto como divino”. O primeiro tabernáculo foi a própria embarcação de Noé, lançada nas águas da limpeza do dilúvio; o segundo encerrava a arca da aliança, e era móvel, caminhando com Moisés pelo deserto em sua fuga homérica do faraó egípcio no Êxodo; o terceiro era o corpo físico de Cristo que era, em si, uma casca, o lacre que dava vida às palavras do Universo.

O quarto tabernáculo encerrará o pacto decisivo entre as forças externas ao planeta e os moradores deste. Quando falamos sobre Noé e a fabulosa arca de madeira, nos referimos a uma reinstalação da vida no globo terrestre, de modo a aniquilar o material genético corrompido pela união de homens e “anjos”. *(sobre este assunto falaremos mais no capítulo 9)*

Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhe nasceram filhas. Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram famosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhe agradaram. (Gênesis 6, 1-2).



O tabernáculo guiado por Noé tinha por objetivo arquivar e preservar os protótipos dos quatro reinos da criação — mineral, vegetal, animal e o homem — conservando-os durante o dilúvio tempestuoso gerado pela fúria do Senhor.

Então disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens: eis que os farei perecer juntamente com a terra. Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos, e a calafetarás com betume por dentro e por fora. Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento, de cinqüenta a largura, e a altura de trinta. Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de alto; a porta da arca colocarás lateralmente; farás pavimentos na arca: um em baixo, um segundo e um terceiro (Gênesis 6, 13-16).



É óbvio que milhões de espécies não caberiam em uma embarcação, como descrevem os versículos sagrados. A estória da inundação é, como todas as outras, *metáfora* gerada pela consciência do homem antigo para explicar o que aconteceu^[28]. Ou seja, a balsa era um recipiente para amostras de DNA de tudo o que habitava o planeta antes da “iniqüidade”, masculino e feminino quando necessário. É possível relacionar seu movimento nas águas com o das cadeias moleculares de RNA e DNA no líquido celular, que lhes preserva.

A arca de Noé é o símbolo do tabernáculo que estabelece e mantém a raça humana atual, porque destrói todas as formas antigas, mas preserva a semente do início, a essência, para que comece um novo ciclo evolutivo. Pode ser considerada como uma espécie de banco de dados genéticos. Este é o signo da sobrevivência e da vida.

Quando as dificuldades passaram, o Criador fez um pacto com Noé e os sobreviventes da balsa, descendentes seus; uma aliança com toda a matéria vivente, edificada em uma promessa antes dita:

Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus: tudo o que há na terra perecerá. Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos (Gênesis 6, 17-18).



Disse também Deus a Noé e a seus filhos: Eis que estabeleço a minha aliança convosco, e com a vossa descendência, e com todos os seres viventes que estão convosco: assim as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra. Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra. Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações: porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra. Sucederá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres viventes de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de toda carne que há sobre a terra. (Gênesis 9, 8-16).



O arco nas alturas é uma instalação extraterrena para pouso e decolagem das naves e as nuvens as próprias naves. Com efeito, após o pacto com Noé, a humanidade não sofreu dilúvios posteriores.

Nova aliança ocorreu quando da dispersão dos filhos de Israel sob liderança de Moisés. Como se vê, a Inteligência lança mão de acordos com o homem, único meio de persuadi-lo, sempre com um compromisso. As arcas são alianças. Deus, novamente, dá instruções para o fabrico do objeto, além do tabernáculo que servirá para sua contenção:



E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles. Segundo a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis. Também farão uma arca de madeira de acácia; de dois côvados e meio será o seu comprimento, de um côvado e meio a largura, e de um côvado e meio a altura. De ouro puro a cobrirás; por dentro e por fora a cobrirás, e farás sobre ela uma bordadura de ouro ao redor. Fundirás para ela quatro argolas de ouro, e as porás nos quatro cantos da arca: duas argolas num lado dela, e duas argolas noutro lado. Farás também varais de madeira de acácia, e os cobrirás de ouro; meterás os varais nas argolas aos lados da arca, para se levar por meio deles a arca. Os varais ficarão nas argolas da arca, não se tirarão dela. E porás na arca o Testemunho que eu te darei (Êxodo 25, 8-16).



Observe como a construção se dá de tal maneira que nunca toquem a arca, erguida pelas argolas, tudo revestido de ouro, um metal mais resistente à partículas radioativas.

A arca da aliança nada mais era do que um sistema de transmissão para comunicação entre o meio interno — o planeta terra — e o externo — a vastidão do Cosmo. Deveria ficar dentro do tabernáculo, local “Santo dos Santos”, o mais reservado e bem preparado. Poucos eram os que podiam chegar perto dela. Dentro da arca: as tábuas dos mandamentos, maná — alimento divino, e o bastão de Aarão que floresceu.

Por trás do segundo véu se encontrava o tabernáculo que se chamava o Santo dos Santos, ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso, e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança (Hebreus 9, 3-4).



A arca era extremamente radioativa, um perigo desconhecido dos antigos. O edifício que a abrigava pelos desertos era complexo e somente poderia ser erguido com a orientação de uma Sabedoria maior. É como se fosse uma superestrutura cósmica entre os homens. No cume do Monte de Moriá, a “nuvem” e o lugar *Santo dos Santos* se encontravam. Ali se aproximavam apenas os escolhidos, que tinham certo desenvolvimento e sabiam obedecer às regras de aproximação, porque haviam sido instruídos para tal.

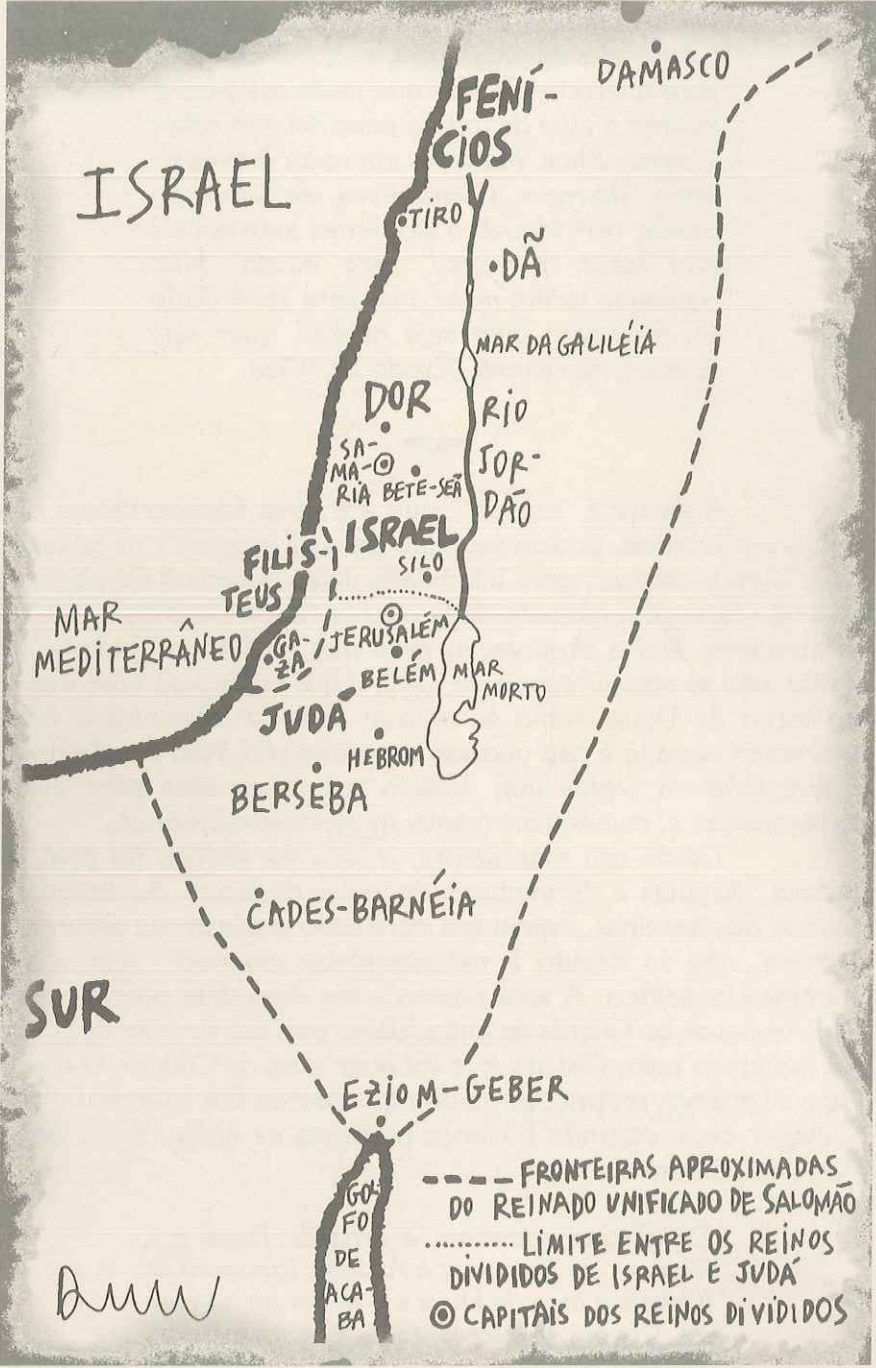
A Bíblia descreve a arca com quatro argolas e barras que serviriam como isolantes ou como algo que tecnicamente facilitasse o seu transporte numa distância segura.

Assim, as barras não foram tiradas das argolas quando a arca foi levada ao tabernáculo, ou seja, não eram utilizadas somente para sustentação: evitavam o contato direto.

É bom lembrar que Moisés recebeu instruções claras para isolar a área em torno da nuvem, no Monte Sinai. A nuvem, coluna de fumaça, ou nave, ficava fora do acampamento dos hebreus para evitar que eles se contaminassem com radioatividade.

No Sinai, por exemplo, foi estabelecido um plano de segurança e de emergência se houvesse falhas — se alguém ultrapassasse os limites, os “termos” — ninguém colocaria a mão sobre o transgressor, fosse animal ou homem, que seria depois morto por apedrejamento ou flecha, isto é, sem contato, a distância.

Disse o Senhor a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo, e para que também creiam sempre em ti. Porque Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao Senhor. Disse também o Senhor a Moisés:



ISRAEL

FENÍCIOS

DAMASCO

TIRO

• DÃ

MAR DA GALILÉIA

DOR

SA-MÁRIA
BETE-SÊA

RIO
JORDÃO

FILISTEUS
ISRAEL

SICO

MAR MEDITERRÂNEO

GAZA

JERUSALÉM

BELEM

MAR MORTO

JUDÁ

HEBROM

BERSEBA

CADES-BARNEIA

SUR

EZIOM-GBER

GOLFO DE AÇABA

--- FRONTEIRAS APROXIMADAS DO REINADO UNIFICADO DE SALOMÃO

..... LÍMITE ENTRE OS REINOS DIVIDIDOS DE ISRAEL E JUDÁ

⊙ CAPITALS DOS REINOS DIVIDIDOS

Duu

Vai ao povo, e purifica-os hoje e amanhã. Lavem eles as suas vestes, e estejam prontos para o terceiro dia: porque no terceiro dia o Senhor à vista de todo o povo descerá sobre o monte Sinai. Marcarás em redor limites ao povo, dizendo: Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu termo; todo aquele que tocar o monte, será morto. Mão nenhuma tocará neste, mas será apedrejado ou frechado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá. (Êxodo 19, 9-13).



A arca e a “nuvem”, que é a nave transportadora das entidades celestiais, podem ser letais para os homens e os animais. Estes últimos não carregam iniquidade; logo, deveriam ser abatidos para não carregar a radioatividade para os meios externos, os seus e os humanos. Daí a observação para que os 600 mil judeus, no Monte, não se aproximassem da nave, o que criou uma mistificação em torno de Deus, como se o local onde se encontrava fosse totalmente sagrado e não pudesse ser profanado. Não é nada disso. É que existiam regras que deviam ser observadas para evitar contaminação e, conseqüentemente, mortes desnecessárias.

Desde sua manufatura, a arca da aliança foi pivô de guerras, disputas e desventuras do povo de Israel. Ao longo da história dos israelitas, existiu um intrincado processo de segurança da arca, não só devido à radioatividade emanada, mas à sua importância política. A arca passou a ser disputada politicamente entre os povos do Oriente da antiguidade, pois era símbolo de poder. Foi capturada pelos filisteus, que sofreram a ira do Criador. O objeto tinha segurança própria, formada pelo Senhor dos exércitos e não qualquer deus, segundo a crença politeísta de então. Era o único Deus, o Poderoso.

Os filisteus tomaram a arca de Deus e a levaram de Ebenézer a Asdode. Tomaram os filisteus a arca de Deus e a meteram na casa de Dagom, junto a este. Levantando-se,

porém, de madrugada os de Asdode, no dia seguinte, eis que estava caído Dagom com o rosto em terra diante da arca do Senhor; tomaram-no e tornaram a pô-lo no seu lugar. Levantando-se de madrugada no dia seguinte, pela manhã, eis que Dagom jazia caído de bruços diante da arca do Senhor; a cabeça de Dagom e as duas mãos estavam cortadas sobre o limiar; dele ficara apenas o tronco. Por isso, os sacerdotes de Dagom e todos os que entram no seu templo não lhe pisam o limiar em Asdode, até ao dia de hoje. Porém a mão do Senhor castigou duramente os de Asdode, e os assolou, e os feriu de tumores, tanto em Asdode como no seu território. (I Samuel 5, 1-6).



Somente os israelitas tinham treinamento para lidar com a arca e, ainda assim, apenas alguns poucos, escolhidos. Os inimigos devolveram-na. Sete meses havia permanecido em mãos dos filisteus. Ela chegou, enfim, nas mãos de Josué, em Bet-Sames, sendo colocada na pedra que existe até hoje no campo de Josué. Os habitantes que se atreveram a espiar dentro da arca foram aniquilados:

Feriu o Senhor os homens de Bete-Semes, porque olharam para dentro da arca do Senhor, sim, feriu deles setenta homens; então, o povo chorou, porquanto o Senhor fizera tão grande morticínio entre eles. (I Samuel 6, 19).



Nas mãos de Davi^[29] descansou o cofre. O grande rei pretendia construir uma casa para Deus, um tabernáculo fixo onde habitaria a relíquia. As guerras e agitações históricas, todavia, privaram-no de realizar a tarefa, que ficou delegada a seu filho, Salomão^[30], tão notório quanto o pai.

Bem sabes que Davi, meu pai, não pôde edificar uma casa ao nome do Senhor, seu Deus, por causa das guerras com que o envolveram os seus inimigos, até que o Senhor lhos pôs debaixo dos pés. Porém a mim o Senhor, meu Deus, me tem dado descanso de todos os lados; não há nem inimigo, nem adversidade alguma. Pelo que intento edificar uma casa ao nome do Senhor, meu Deus, como falou o Senhor a Davi, meu pai, dizendo: Teu filho, que porei em teu lugar no teu trono, esse edificará uma casa ao meu nome. (I Reis 5, 3-5).

Quando os teus dias se cumprirem, e descansares com teus pais, então farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; Se vier a transgredir, castiga-lo-ei com varas de homens, e com açoites de filhos de homens. Mas a minha misericórdia se não apartará dele, como a retirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre. Segundo todas estas palavras, e conforme a toda esta visão, assim falou Natã a Davi (II Samuel 7, 12-17).



Salomão fez parte do terceiro e último estágio histórico^[31] dos hebreus antigos antes da divisão entre dois reinos, Judá e Israel, e a dispersão político-geográfica. Foi, portanto, um monarca, governou os israelitas entre os anos 966 e 926 antes da era comum, aproximadamente. Sábio e conectado com a Inteligência externa, soube centralizar em sua pessoa os poderes do Estado e, assim, mobilizar forças para construir santuários e edifícios. Destes, o que

mais nos interessa é o Templo de Salomão, onde ficava enfiada a arca da aliança.

Após promover um censo do número de estrangeiros em Israel, Salomão chegou a 153.600 homens. Mobilizou, como já faziam há muito os faraós e os imperadores mesopotâmicos, um verdadeiro exército para a construção. O local era especial: o Monte de Moriá, em Jerusalém.

Começou Salomão a edificar a casa do Senhor em Jerusalém, no Monte de Moriá, onde o Senhor aparecera a Davi, seu pai, lugar que Davi tinha designado na eira de Ornã, o jebuseu (II Crônicas 3, 1).



Eram aproximadamente 183.300 homens trabalhando, entre judeus e estrangeiros:

Formou o rei Salomão uma leva de trabalhadores dentre todo o Israel, e se compunha de trinta mil homens. E os enviava ao Líbano alternadamente, dez mil por mês; um mês estavam no Líbano, e dois meses cada um em sua casa; e Adonirão dirigia a leva. Tinha também Salomão setenta mil que levavam as cargas, e oitenta mil que trabalhavam pedra nas montanhas, afora os chefes oficiais de Salomão, em número de três mil e trezentos que dirigiram a obra e davam ordens ao povo que as executava. Mandou o rei que trouxessem pedras grandes e pedras preciosas, e pedras lustradas para fundarem a casa (I Reis 5, 13-17).



Monumental e respeitosa, tornou-se a morada de Deus, construída com auxílio dos seres celestiais — extraterrestres — e as

mãos humanas. A construção da casa do Criador na terra é entendida como uma revelação. O Senhor *em pessoa* levanta o prédio, Seu tabernáculo:

Pois tu, ó Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, fizeste ao teu servo esta revelação, dizendo: Edificar-te-ei casa. Por isso o teu servo se animou para fazer-te esta oração (II Samuel 7, 27).



Vários reis de outras nações, como os fenícios, comerciantes marítimos e detentores de boa madeira, auxiliaram Salomão. O templo era todo manufaturado em pedra, revestido de cedro e cipreste, entalhado e coberto de ouro puro. Certamente aguçava os olhos das civilizações vizinhas, que se admiravam e assuntavam sobre o Deus único capaz de conduzir tamanha prosperidade. Era gigantesco, desproporcional aos conhecimentos técnicos de então. Um mistério intrigante, como o eram as pirâmides do Egito. Vinte anos levou o rei hebreu na empresa de edificar o tabernáculo. Possuía conhecimento e informações transmitidas pelos auxiliares do Criador. A construção da mansão divina, morada do Criador, era o sinal da continuação do pacto com os filhos de Israel:

Então, veio a palavra do SENHOR a Salomão, dizendo: Quanto a esta casa que tu edificas, se andares nos meus estatutos, e executares os meus juízos, e guardares todos os meus mandamentos, andando neles, cumprirei para contigo a minha palavra, a qual falei a Davi, teu pai. E habitarei no meio dos filhos de Israel e não desampararei o meu povo. (I Reis 6, 11-13).



Quais as funções do tabernáculo do templo de Salomão? Em primeiro lugar, servir de plataforma de pouso da nave celeste que trazia Deus à terra:

Então disse Salomão: O Senhor declarou que habitaria em nuvem espessa! Edifiquei uma casa para tua morada, lugar para a tua eterna habitação (II Crônicas 6, 1-2).



Então disse Salomão: O Senhor declarou que habitaria em trevas espessas! Na verdade edifiquei uma casa para tua morada, lugar para a tua eterna habitação (I Reis 8, 12-13).



Outra função do tabernáculo era a de servir de local para depósito da arca do testemunho, em um dos compartimentos da morada, o lugar *Santo dos Santos*:

No mais interior da casa preparou o Santo dos Santos para nele colocar a arca da aliança do Senhor. Era o Santo dos Santos de vinte côvados de comprimento, vinte de largura, e vinte de altura; cobriu-o de ouro puro. Cobriu também de ouro o altar de cedro (I Reis 6, 19-20).



E, afinal, o que é a arca? Ela nada mais é do que um transmissor, uma espécie de radiocomunicador, um codificador entre a linguagem humana e a cósmica, a linguagem dos Céus; entre os olhos do Senhor e a visão terrena. A arca é um meio de comunicação entre os da terra e Deus.

Quando ficou pronto, enfim, o tabernáculo que continha o cofre do concerto, a arca da aliança, Deus desceu dos céus e comeu carne oferecida por Salomão:

E o rei e todo o Israel com ele ofereceram sacrifícios diante do Senhor. Ofereceu

Salomão em sacrifício pacífico o que apresentou ao Senhor, vinte e dois mil bois e cento e vinte mil ovelhas. Assim o rei e todos os filhos de Israel consagraram a casa do Senhor. No mesmo dia consagrou o rei o meio do átrio que estava diante da casa do Senhor; porquanto ali preparara os holocaustos e as ofertas com a gordura dos sacrifícios pacíficos; porque o altar de bronze que estava diante do Senhor era muito pequeno para nele caberem os holocaustos, as ofertas de manjares e a gordura dos sacrifícios pacíficos (I Reis 8, 62-64).

Tendo Salomão acabado de orar, desceu fogo do céu, e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa. Os sacerdotes não podiam entrar na casa do Senhor, porque a glória do Senhor lhe tinha enchido a casa. Todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo e a glória do Senhor sobre a casa, se encurvaram com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram e louvaram o Senhor, porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre (II Crônicas 7, 1-3).



O templo de Salomão foi demolido, disputado e saqueado por inúmeros grupos. A arca da aliança se perdeu entre as narrativas humanas e as páginas da Bíblia. Que fim a levou? O que fazer sem a casa do Criador? Nada disso tem relevância, pois:

Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus (II Coríntios 5, 1).



Arca de Noé. Arca da Aliança. Tabernáculo de Moisés. Templo de Salomão. O terceiro pacto da Força intergaláctica com os homens não foi materializado em um objeto, nem precisou ser guardado em um tabernáculo. Jesus Cristo — entidade extraterrena e indissociavelmente ligada ao Criador primeiro e único — foi, a um só tempo, aliança, arca e tabernáculo até o fim de seus dias na terra. Ele diz:

*Aqui está quem é maior que o templo
(Mateus 12, 6).*



Dedicaremos uma parte maior desta breve análise à figura de Jesus. Por enquanto, basta dizer que Cristo foi o tabernáculo vivo. Andou e proferiu a Inteligência e as palavras de Deus, sem necessidade de objetos de contato. Ele era a palavra e a ação, colocando à disposição dos homens os mistérios do Arquiteto.

Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mateus 11, 28-30).



Após sua primeira vinda ao planeta, Jesus partiu imolado pelos mortais, mas nos deixou uma fonte de diálogo, o Espírito Consolador. Os anjos, da frota celestial, também se retiraram.

Estamos vivendo um período de espera. Aguardamos o quarto e mais firme pacto. A quarta aliança, cujo tabernáculo ficará situado na Nova Jerusalém.

Quando formos arrebatados pelo quarto acordo, as possibilidades serão infinitas, porque receberemos sapiência e meios de servir ao Arquiteto de todas as coisas.

Na ocasião do retorno de Jesus e do resgate do concerto, a Nova Jerusalém se transformará no centro do tabernáculo maior,

que será o próprio planeta terra. Aí então estaremos prontos para integrar o projeto maior de disseminação e manutenção da vida nos universos, por espaço e também por tempo.

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles (Apocalipse 21, 1-3).



*Quando temos sede parece-nos que
poderíamos beber todo um oceano: é a fé;
e quando bebemos, bebemos um
copo ou dois: é a ciência*

ANTON TCHEKHOV



8

CAPÍTULO
A PALAVRA

*E Jesus a eles: Vós sois cá de baixo,
eu sou lá de cima; vós sois deste
mundo, eu não sou deste mundo
(João 8, 23).*

A PALAVRA

O terceiro tabernáculo enviado à terra pelo Criador, como já foi dito, não era algo material, criado pela mão dos homens. O Onipotente, Arquiteto do Universo, nos enviou seu próprio filho, aquele que deu vida às Suas palavras. O Redentor, Jesus Cristo.

Jesus, estrategicamente inserido na linhagem de Davi, foi concebido pela mulher humana, a imaculada Maria. Apesar de, na terra, estar entre uma família humana, ter como pai José, em diversas situações Jesus afirmou categoricamente que não é deste mundo, como reproduziu o apóstolo João:

Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui (João 18, 36).



Ainda que não pertencesse a este planeta, na ocasião de seu retorno ao seu reino, prometeu ainda aqui voltar, em um tempo que este seja o seu Reino, mas este assunto será aprofundado no capítulo O Sinal do Filho do Homem.

Dotado de extraordinários poderes extraterrenos, e conhecedor de seus próprios registros genéticos, Jesus tinha o dom de controlar o movimento das moléculas em suas várias formas, exercendo perfeito domínio sobre seu corpo.

Através do domínio sobre as minúsculas e microscópicas partes de seu corpo, controlando seus átomos^[32] da forma que bem pretendia, Jesus podia realizar algumas coisas incríveis aos mais céticos, de maneira que paredes ou portas fechadas não fossem empecilhos aos seus objetivos, como demonstra o apóstolo:

Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco (João 20, 26).



O cérebro humano é capaz de controlar cada movimento do corpo, como o faz para mover seus membros quando emite uma ordem, mas é de conhecimento científico o fato de que utilizamos apenas uma pequena parte da capacidade do nosso cérebro.

Podemos então imaginar que a utilização aprimorada do nosso cérebro nos tornaria capazes de dominar nossos movimentos de forma mais ampla. Jesus, assim como os demais seres celestiais, possuem conhecimento superior, e têm, conseqüentemente, a inteligência muito mais desenvolvida do que a nossa.

O filho de Deus tinha, além do controle absoluto sobre o seu corpo e o seu cérebro, a capacidade de atuar sobre o cérebro e corpo dos outros, através de métodos que ainda desconhecemos totalmente, o que ficou comprovado através das diversas curas e outros fenômenos registrados na Bíblia.

Por seu profundo conhecimento acerca dos mistérios dos céus, Jesus é o único ser conhecido na terra que pode olhar a Bíblia e desvendá-la por completo, sob a ótica unificada da luz da Ciência celestial e da Religião, de forma a desatar seus selos, que se rompem à medida que o homem ascende os patamares evolutivos do intelecto. Esse rompimento dos selos é caracterizado pelas grandes provas mundiais:

Vi na mão direita daquele que estava sentado no trono um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. Vi também um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro,

nem mesmo de olhar para ele. Todavia um dos anciãos me disse: Não chores: eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. (Apocalipse 5, 1-5).



O Leão da Tribo de Judá, citado no livro do Apocalipse, é Jesus, e o termo “selos” deve ser entendido como “tempos” ou “períodos”, concebidos por Ele como parte integrante de todo o seu conhecimento celestial, adquirido na morada de seu Pai. Ao encerrar os mistérios, Jesus revela acontecimentos futuros que influenciarão no destino da humanidade.

A humanidade está destinada a passar por períodos intercalados, nos quais deve vivenciar experiências de guerras, tumultos, fome e diversos acontecimentos que não deixam de ser evolutivos, pois propiciam, e exigem, o desenvolvimento intelectual e espiritual necessário para a superação dos desafios e dificuldades encontrados em determinado momento. Dessa forma, paralelamente ao crescimento do intelecto do homem, Jesus revela seus mistérios.

Por registrar a evolução humana, desde a criação até os dias que ainda virão, a Bíblia não deve ser lida apenas como um livro divino, mas também como o livro da saga humana. O livro Apocalipse, mostrando a visão de acontecimentos futuros, relata que há o momento propício para a colheita do conhecimento, em referência aos fatos que o homem não compreende, que fogem às informações que possuímos, salientando a necessidade do amadurecimento humano:

Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já secou. E aquele que estava sentado sobre a nuvem

passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada. Então saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada. Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem a autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tem a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada, e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas. Então a anja passou a sua foice na Terra e vindimou a videira da Terra e lançou-a na grande lagar da colera de Deus. (Apocalipse 14, 14-19).



O objetivo do Criador, ao impor essa trajetória, é estimular o desenvolvimento até o ponto em que o homem possa ser indicado para semear vidas em outros mundos, universos, povoar outros planetas. Essa é a real missão destinada ao homem por Deus.

Entre os selos referidos no Apocalipse, o primeiro trata do falso Cristo, o segundo da guerra, depois, respectivamente, fome, morte, mártires remanescentes, anarquia e, finalmente, as sete trombetas que soam no Dia do Juízo Final.

Existem outras mensagens apregoadas aos cristãos, que são vivenciadas, mas estas se destacam pela sintonia com a evolução da humanidade através de mensagem específica para cada etapa do desenvolvimento do intelecto humano.

De tempos em tempos, até que se complete o ciclo dos selos, ou seja, até o retorno de Jesus, seres presentes na terra se manifestam em determinados eventos, que são fatos importantes, catástrofes ou alterações, que são situações em que se revela a presença de um líder que, através de sua pregação ou oratória, possui o dom de amenizar o sofrimento, trazendo alento e esperança.

Dessa forma, apenas em momentos oportunos nos são revelados os mistérios, como na seguinte passagem, narrada pelo discípulo Mateus:

CAMINHOS DE JESUS



Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são anjos. Pois, assim, como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do homem os seus anjos que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça (Mateus 13, 36-43).



Alguns mistérios apenas Jesus compreende e pode revelar, como é o caso do selo da vida eterna, que trata de alterações no código genético humano, e requer conhecimento tecnológico avançado e responsabilidade espiritual e intelectual — ainda distantes da humanidade. Mas há os mistérios revelados pelos próprios homens, como neste instante propício revela-se no presente livro, Decifrando o Óbvio, pois o Criador soprou o homem, dotando-o de vida e do dom da evolução intelectual.

Neste ponto, é interessante observar a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden ao provarem do conhecimento, o que a princípio pode parecer contraditório, mas, na realidade, Deus estava esclarecendo daquela forma que o conhecimento está intrinsecamente relacionado à responsabilidade, cuja finalidade é a própria evolução rumo ao objetivo final: a incorruptibilidade e o povoamento dos universos a serviço do Criador. E a Bíblia mostra que Deus novamente vai soprar o homem, dessa vez lhe restituindo a eternidade da vida.

Em seu retorno, Jesus trará outro *sopro*, ampliando o intelecto do homem, capacitando-o a viver por muito mais tempo, como ocorria na Era Adâmica, mas dessa vez o revestindo de incorruptibilidade, através de novos e complexos ensinamentos, para que possa, enfim, semear vida em outros mundos.

Além de afirmar, por diversas vezes, que não é deste mundo, Jesus afirmou que a vida é eterna, referindo-se a uma questão mais complexa que a humanidade, relacionada mais propriamente à matéria, que é incessantemente criada: sóis, galáxias e universos vêm sendo continuamente gerados, além de incontáveis formas de vida. Isso certamente implica no gerenciamento de um Intelecto Superior ao nosso.

Conforme Jesus ensinou, o homem navegará através de objetos voadores por entre as estrelas e, como ser angelical, em outros planetas cumprirá o dever de toda criação à semelhança de Deus: povoar os universos. E já não há quem de fato ignore, que todo o universo encontra-se mergulhado em Inteligência, pois há lógica^[33] para tudo.

Os mistérios universais, uma vez que não são acessíveis a todos, foram ensinados através de metáforas, provavelmente visando o exercício intelectual para seu entendimento, limitando aos que procuram a verdade, conforme explicou Jesus:

Então se aproximaram os discípulos, e lhes perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido (Mateus 13, 10-11).



Naquele tempo, o entendimento por parábolas era uma tarefa um pouco mais difícil, considerando o estágio do desenvolvimento intelectual. Até mesmo o apóstolo Pedro, tido como um homem de inteligência privilegiada, revelou sua dificuldade, solicitando esclarecimento a Jesus:

Então Ihe disse Pedro: Explica-nos a parábola. Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? (Mateus 15, 15-16).



Outras passagens bíblicas descritas no Novo Testamento, por distintos apóstolos, nos revelam a dificuldade em entender as parábolas utilizadas por Jesus, como na seguinte reprodução do livro de Lucas e outra de Marcos:

Respondeu-lhes Jesus: A vós outros é dado conhecer o mistério do reino de Deus; aos mais fala-se por parábolas, para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam (Lucas 8, 10).

Quando Jesus ficou só, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas. Ele lhes respondeu: A vós outros vos é dado um mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se ensina por meio de parábolas, para que vendo, vejam, e não percebam, e ouvindo, ouçam, e não entendam, para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles (Marcos 4, 10-12).



Jesus ensinou, dessa forma, que as boas revelações são mistérios que encerram seus ensinamentos, guiando no caminho em busca da vida eterna. E os mistérios não são temporais, mas eternos, e não sofrem a ação do tempo. Os mistérios são imutáveis:

Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta,

a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória (I Coríntios 2, 6-7).



A Bíblia demonstra de várias formas que só o conhecimento responsável possibilita o entendimento acerca dos mistérios, que há uma distinção entre homens com acesso a esses mistérios. Em Mateus encontramos uma referência quanto à satisfação de Jesus por essa distinção:

Por aquele tempo exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos (Mateus 11, 25).



É fácil hoje entender o motivo de tal distinção, basta observar a quantidade de homens que se aproveitam, em busca de poder pessoal, da documentação bíblica. Com uma simples observação, podemos imaginar o que fariam se obtivessem o complexo entendimento inúmeros dos mistérios ali guardados.

O discípulo Paulo, que conheceu mistérios revelados por Jesus ao ser chamado ao terceiro céu, em um fato muito intrigante, ratificou que o conhecimento não é para todos:

Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos foi arrebatado até ao terceiro céu, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe. E sei que o tal homem, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe, foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir (II Coríntios 12, 1-4).



E Paulo ainda afirmou:

[...] pois segundo uma revelação me foi dado conhecer o mistério conforme escrevi a pouco, resumidamente, pelo qual, quando lerdes, podeis compreender o meu discernimento no mistério de Cristo, o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho (Efésios 3, 3-6).



A História descrita na Bíblia sugere que Jesus, o detentor e revelador dos mistérios, elevado ao céu em uma nuvem, tinha o controle e conhecimento de tecnologia ainda inédita por aqui, o que demonstrou no momento em que:

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar, de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem (Atos 2, 1-4).



Na ocasião referida, ocorre um fato extraordinário, sendo que povos de diferentes lugares podiam ouvir cada um em sua respectiva língua. Hoje conhecemos sistemas de tradução simultânea, mas nada ainda que se compare ao possante transmissor utilizado na ocasião, que proporcionou que todos os presentes recebessem o som em seus próprios códigos de linguagem.

As “línguas de fogo” podem ser interpretadas como uma espécie de radiação eletromagnética, propagada no espaço, ou algo ainda desconhecido em nosso mundo.

A morte de Jesus foi seguida de outros diversos acontecimentos extraordinários comprobatórios não só de seu conhecimento superior, como também de todo o conhecimento celestial. Como exemplo, registra-se o fato dos corpos de diversos santos terem recebido vida e abandonado seus sepulcros — o que só foi possível com o domínio sobre as moléculas dos corpos, ao mesmo tempo em que, de forma não casual, ocorreu algo como um terremoto, conforme relatou Mateus:

Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes, de alto a baixo: tremeu a terra, fenderam-se as rochas, abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos (Mateus, 27, 51-53).



Outra ocorrência extraordinária, relatada por João, se deu quando Maria Madalena foi ao sepulcro de Jesus e verificou que seu corpo já não estava lá, mas, porém, encontrou dois seres celestiais sentados no mesmo local em que havia sido colocado o corpo de seu Mestre:

Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. Então eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus (João 20, 11-14).



Obviamente Jesus não seria, estaria ou ficaria morto, Ele, que havia sido concebido na terra, com intervenção celestial, através de meio científico semelhante a uma inseminação artificial — talvez a própria, tal qual conhecemos, mas sua constituição física era superior, fruto de uma tecnológica de manipulação genética.

O corpo em que habitava o filho de Deus, ou o controle sobre ele, era certamente diferente e pôde, a partir do momento em que sua missão como humano havia terminado, demonstrar aos escolhidos o pleno domínio do movimento de seus átomos.

Crer na possibilidade de uma mente possuir tamanho poder a ponto ressuscitar um corpo inerte certamente não é algo fácil, e ninguém imaginaria que Jesus, morto na cruz, estaria vivo em seguida, mas Ele reapareceu diante dos apóstolos e lhes disse que não era espírito, mas de carne e osso:

Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então lhe apresentaram um pedaço de peixe assado [e um favo de mel]. E ele comeu na presença deles (Lucas 24, 39-43).



E, transfigurado, passou 40 dias com seus discípulos:

A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das cousas concernentes ao reino de Deus. E, comendo com eles, determinou-lhes que não se

ausentassem de Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias (Atos 1, 3-5).



Mas, antes de partir para o Universo Celestial, para junto de Deus Pai, prometeu à terra voltar:

Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos. E estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles, e lhes perguntaram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir (Atos 1, 9-11).



O retorno de Jesus também está anunciado em Apocalipse, da seguinte forma:

Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém. Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso (Apocalipse 1, 7-8).



Jesus, filho de Deus, como foi demonstrado, tem conhecimento absoluto de seu corpo e suas possibilidades, com pleno domínio sobre a transfiguração. Mas deve ficar claro que aqueles que tiveram proximidade com Deus, porque foram designados para missões em Seu nome na terra, como o foram Enoque, Noé, Moisés e Elias, receberam conhecimentos que lhes garantiram a vida eterna e domínio sobre seus corpos, e foram levados a outros mundos, para servir a Deus.

Dessa forma, transfigurar o corpo é resultado de técnica e conhecimento das possibilidades mentais, o que será revelado por Jesus quando de seu retorno a este mundo.

*As curvas comparadas há alguns séculos
sobre a duração da vida humana,
indicam matematicamente que nós
tendemos para a imortalidade,
da qual conheceremos fatalmente
um dia o segredo, para,
com muita certeza, perdê-lo
em seguida.*

ROBERT CARRAS, CIENTISTA



9

CAPÍTULO

O SOPRO DA VIDA

*Deus contemplou tudo
o que tinha feito,
e eis que estava tudo muito bem
(Gênesis 1, 31).*

O SOPRO DA VIDA

Houve um tempo em que o homem comum vivia por séculos. Em muitas culturas, a noção de longevidade humana é expandida nas narrativas que tratam do passado mais remoto, das origens. Antes disso, houve o tempo em que o homem viveria por milênios, não fosse o desrespeito ao comando do Criador, quando da serpente e da curiosidade de Eva e Adão, o seu parceiro.

Os dias todos da vida de Adão foram novecentos e trinta anos; e morreu! (Gênesis 5, 5).

Todos os dias de Sete foram novecentos e doze anos; e morreu (Gênesis 5, 8).

Todos os dias de Matusalém foram novecentos e sessenta e nove anos; e morreu (Gênesis 5, 27).

Era Noé da idade de quinhentos anos, e gerou a Sem, Cão e Jafé (Gênesis 5, 32).

São estas as gerações de Sem: ora ele era da idade de cem anos quando gerou a Arfaxade, dois anos depois do dilúvio; e depois que gerou a Arfaxade, viveu Sem quinhentos anos; e gerou filhos e filhas. Viveu Arfaxade

trinta e cinco anos, e gerou Salá; e, depois que gerou a Sala, viveu Arfaxade quatrocentos e três anos; e gerou filhos e filhas (Gênesis 11, 10-13).



Atualmente, vivemos tentando retardar o tempo. Dos cremes anti-sinais às pesquisas genéticas mais avançadas, como o mapeamento completo dos genes que compõem o ser humano, estamos em corrida desenfreada contra o castigo dado ao casal adâmico e, portanto, refletido em todos os seus descendentes.

Como Noé poderia ter filhos biológicos com 500 anos? Por que o homem vivia muito mais do que hoje? O que provocou a redução de seu tempo de vida?

Para responder essas perguntas, devemos novamente nos debruçar sobre os relatos primitivos das diversas tradições orais que, conforme ocorreu no início da história dos mortais terrestres, foram sendo registradas por meio da escrita.

Somente uma força pode controlar a qualidade e a quantidade dos anos vividos por suas criaturas: o Criador. Por mais de uma vez, Deus interferiu *diretamente* no planeta terra e modificou as condições de existência dos homens. Em cada ocasião, trouxe um “sopro”.

Sopro é um termo figurado, utilizado metaforicamente pelos escritores antigos na falta de conhecimento científico. Soprar, no assunto em questão, significa alterar a formação da fantástica e misteriosa cadeia de DNA^[34], a molécula codificada que encerra as instruções de cada uma das células que compõem o organismo.

Inicialmente, conforme já dissemos, o homem era não mais que um animal como os outros, fazendo parte da linhagem evolutiva das espécies. Por caminhos ainda obscuros, chamados pela biologia de “elo perdido”, os hominídeos deram um salto. Isso aconteceu pela manipulação genética realizada pelos seres extraterrenos avançados que, seguindo as ordens do Arquiteto, modificaram o código genético de um suposto homem que andava de quatro e que passou a ter iniciativas próprias, uma “alma”.

Assim, criou-se Adão, que possuiria longevidade eterna, não fosse o deslize ocorrido no Jardim do Éden.

As entidades celestiais que estiveram na terra há milhares de anos conheciam todas as formas de manipulação genética e sabiam como interferir diretamente no DNA humano, a espiral que funciona como um arquivo vivo do que somos. Deus interferiu diretamente no tempo que o homem vive no planeta, soprando primeiro para lhe dar vida longa.

Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado (Gênesis 2, 7-8).



É inacreditável o volume e a qualidade de informações que os textos bíblicos oferecem às gerações posteriores. Todo o desenvolvimento humano, da segregação dos primatas ao elo perdido e do elo perdido aos herdeiros de Adão, está contado detalhadamente no Antigo Testamento, em Gênesis.

Os especialistas sofrem cada vez que uma grande pesquisa é frustrada. Projetos como o Genoma^[35] e o Celera^[36] exigem somas fantásticas de dinheiro para manter o nível dos estudos e descobertas; experimentos, como a clonagem de ovelhas e a fertilização por meio não-sexual entre humanos, são comemorados com entusiasmo no meio científico. Pensamos estar no controle da vida, na era da instrumentação das biomoléculas. Achamos por bem, sem pensar em moral ou ética, duplicar, recortar, colar, transplantar e criar o bizarro.

Técnicas modernas de reprodução humana, como a inseminação artificial, já haviam sido praticadas entre os homens na Antiguidade porque as entidades alienígenas conheciam seus mecanismos desde aqueles tempos.

Maria, mãe de Jesus, passou por esta experiência, segundo relatos da Bíblia. Os seres celestes tinham pleno domínio dos métodos de concepção e da seleção da espécie.

O anjo Gabriel, que já havia aparecido a Zacarias para falar-lhe da vinda de seu filho, João Batista, se locomove até a cidade de Nazaré, sendo portador de uma mensagem para Maria, então noiva de José:

E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir esta palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria esta saudação. Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que lhe conceberás e darás à luz um filho a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim. Então disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus. E Isabel, tua parenta, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam ser estéril. Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas (Lucas 1, 28-37).



Como se lê, “porque à Deus nada é impossível”, Deus encerra todos os mistérios e respostas. Esse tipo de técnica de

inseminação e de interferência na genética humana vem do Altíssimo, ou seja, é-nos totalmente desconhecida.

Toda vez que a humanidade comete erros graves contra a dinâmica natural do Universo, como é o desejo do Criador, a Inteligência externa interfere incisivamente entre os moradores do planeta.

Adão e Eva, resultados do projeto adâmico, tiveram a oportunidade de para sempre existir nos confins do Éden, o paraíso na terra, centro dos experimentos extraterrestres, contanto que não tomassem frutos da Árvore da Vida. Ou seja, ao casal adâmico estava proibido o conhecimento da vida eterna, ainda que vivessem eternamente.

O primeiro erro grave foi cometido. A maçã foi saboreada e os olhos repentinamente abertos à sabedoria. Deus teve de intervir. Lançou um *castigo genético* entre a dupla, encurtando seus dias de vida, alterando suas respectivas constituições de DNA. Adão e Eva tiveram filhos, que se multiplicaram pelo globo exatamente como previsto pelo Criador. A humanidade colhia somente aquilo que plantava, com o suor de seus rostos.

O Éden foi cercado por anjos armados de tecnologia alienígena, poderosa e desconhecida. Não fosse esse episódio, ainda ali viveríamos — e por muito séculos.

Com o tempo, entretanto, uma mancha de corrupção marcou a continuidade do projeto de Adão. Foi o nascimento dos *gigantes*. É extremamente interessante notar que, sem sombra de dúvidas, nas eras passadas, uma raça híbrida e de grande porte realmente povoou a terra ao lado dos humanos normais.

Não é só o Antigo Testamento que descreve os gigantes, dos quais *Goliás* foi o último representante vivo, até tombar pelas mãos de Davi. Os gregos, por exemplo, tinham os *Ciclopes*, brutamontes de um olho só; os sumérios da Mesopotâmia contavam a saga de *Gilgamesh*, de quase seis metros de altura, parte humano, parte divino; na Patagônia, América do Sul, existiram os gigantes *Patagones*.

Civilizações diferentes e, principalmente, distantes, contam as mesmas Histórias: a mistura da raça humana com a raça alienígena, celestial, gerou um terceiro grupo, mestiço e gigante. Isto

não é uma coincidência, já que sociedades que nunca haviam entrado em contato entre si produziram narrativas semelhantes.

Através dos versículos sagrados, sabemos que os filhos de Adão e Eva habitavam a terra e eram observados por seres extraterrenos — aqueles que são chamados de “anjos”. Alguns *anjos caídos*, contra a vontade do Senhor, tomaram filhas dos homens por esposas e com elas tiveram filhos, maculando o Projeto Adâmico. Da união entre os filhos de Deus e os dos homens, nasceram os gigantes, uma espécie que logo se tornou fonte de violência e conhecimento não permitido.

O Projeto Adâmico, que consistiu em manipular o código genético em um planeta habitado por seres de inteligência superior, *homo sapiens*, transformando-o em homem com alma e inteligência, ficou comprometido com a ação de *anjos intrusos e indesejáveis*. A “mistura” genética, que deve ter acontecido por vários séculos, ultrapassou os objetivos de Deus, pois a alma pertence a Ele e a mente é detentora de energias que são desconhecidas em sua totalidade para nós e que traz, em seu íntimo, a expectativa de contato com os seres superiores.

É de se pensar que esta união entre os anjos e as filhas dos homens só seria possível se existisse a convivência entre os anjos — um pacto — com o firme propósito de “gerar crianças” e o desejo carnal entre as duas partes.

Observe o que diz o Livro de Enoque, um dos *Evangelhos Apócrifos*, no capítulo IV:

“A união dos anjos com as filhas dos homens. Assim é que, quando os filhos dos homens foram se multiplicando, nasceram-lhes naqueles dias filhas formosas e belas; e os anjos, filhos do céu, as viram e as desejaram, e se disseram: Vamos escolher mulheres entre os filhos dos homens e gerar crianças. (...) Mas todos lhe responderam: Fazemos todos juramento e prometamos uns aos outros, com anátema, não mudar de propósito... E estes (os chamados veladores) eram duzentos, que desceram nos dias de Jared sobre o cume do monte Hermon porque ali haviam feito o juramento, comprometendo-se entre si com anátema”.

No capítulo VII, ainda em Enoque, assim estão descritos os crimes dos gigantes:

“Estes e todos os demais com eles tomaram mulheres, cada um pegou uma e começaram a ir a elas, a ter comércio com elas

e lhes ensinaram os sortilégios e encantamentos, e elas aprenderam a arte de cortar cachos e a (ciência) das árvores.

Pariram elas dois gigantes, que tudo devoram; e logo querem devorar os homens. E começaram a pecar contra os pássaros e contra as bestas, os répteis e os peixes; depois devoraram mutuamente sua carne e beberam o sangue um do outro. Então a terra acusou os violentos”.

“E Azazel ensinou os homens a fabricar espadas e facões, o escudo e a couraça, e lhes mostrou os metais e a arte de trabalhá-los, e os braceletes, e os adornos, e a arte de pintar com antimônio o contorno dos olhos, e de embelezar as pálpebras, e as pedras mais belas e preciosas e todas as tinturas coloridas, e a revolução do mundo. A impiedade foi grande e geral; fornicaram, erraram, e todas as suas vidas foram corrompidas. (...) E em seu aniquilamento, os homens gritaram e seu clamor subiu ao céu”.

De qualquer modo, o Criador perdera a confiança nos terrestres, arrependendo-se de sua criação, agora corrompida:

*Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, **vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram. Então disse o Senhor:** O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos. Ora naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade. Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. Disse o Senhor: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem*

*e o animal, os répteis, e as aves dos céus;
porque me arrependo de os haver feito
(Gênesis 6, 1-7).*



Para corrigir o sistema de DNA dos mortais, Deus incumbiu Noé de construir a arca, de armazenar o material genético e de se preparar para o dilúvio. Enchendo o planeta com as águas, o Criador exterminou a espécie iníqua.

Os seres celestiais foram obrigados a deixar o plano terreno e os descendentes da raça mista morreram, inevitavelmente.

Por um motivo maior, que desconhecemos, o ser humano não está predestinado a se misturar deste modo com a vida universal, não neste nível.

Todavia, o Antigo Testamento registra que alguns remanescentes da espécie gigante sobreviveram às águas:

Todo o reino de Ogue em Basã, que reinou em Astarote e em Edrei, que ficou do resto dos gigantes, o qual Moisés feriu e expulsou (Josué 13, 12).

De novo fizeram filisteus guerra contra Israel. Desceu Davi com os seus homens e pelejaram contra os filisteus, ficando Davi mui fatigado. Isbi-Benobe descendia dos gigantes; o peso do bronze de sua lança era de trezentos siclos e estava cingido de uma armadura nova; este intentou matar a Davi (II Samuel 21, 15-16).

Depois disto houve ainda em Gobe outra peleja contra os filisteus; então Sibecai, o husatita, feriu a Safe, que era descendente dos gigantes. Houve ainda em Gobe outra peleja contra os filisteus; e Elanã, filho de Jaaré-Oregim, o belemita, feriu Golias, o geteu, cuja lança tinha a haste como eixo do

tecelão. Houve ainda outra peleja; esta foi em Gate, onde estava um homem de grande estatura, que tinha em cada mão e em cada pé seis dedos, vinte e quatro ao todo; também este descendia dos gigantes. Quando ele injuriava a Israel, Jônatas, filho de Siméia, irmão de Davi, o feriu. Estes quatro nasceram dos gigantes em Gate; e caíram pela mão de Davi e pela mão de seus homens (II Samuel 21, 18-22).



Atente para o detalhe de que o povo Rafa, ou os rafaitas, são descendentes de gigantes, mestiços de filhos de Deus e filhas dos homens.

Como vimos, após o dilúvio e o controle genético, Deus fez um pacto com Noé e com a humanidade em geral, simbolizado pelo arco da aliança que protege a circunferência da terra contra ameaças externas. Os anjos caídos foram rechaçados e diferenciados; os homens não sofreram mais “sopros”. A humanidade que existe hoje é, então, descendente dos sobreviventes da enchente de Noé e não foi modificada desde então.

Essa situação, contudo, está para mudar. Aproxima-se o dia da chegada do filho do Homem, Jesus Cristo, ao planeta que viu crescer os gigantes.

Um novo salto evolucionário aguarda a espécie humana. Voltaremos a viver longos anos, séculos e milênios, como na época de Adão. Nosso código será novamente alterado, para que possamos subir um degrau e chegar mais perto do Criador, em nossa tarefa de propagar a vida e a palavra da Inteligência pelo Cosmo.

Antes disso, Cristo, o tabernáculo vivo, promoverá nova “limpeza genética”, como o Arquiteto já havia feito com o dilúvio. Isso porque, entre o tempo anterior e a próxima vinda de Cristo haverá um “sopro”, não de Deus, mas do homem, ou seja, o homem tentará “soprar”, mexer na genética, mas incorrerá em erros fatais. Em nome da vaidade e da necessidade de ter poder, o homem irá afrontar o Projeto Adâmico.

Jesus, que derramou seu sangue por todos nós, dará o sangue puro novamente para reconstruir um novo homem, este sim, eterno.

O sangue (que é sinônimo de conhecimento) do homem eterno, terá o código genético semelhante ao de Jesus. E isto acontecerá com a vinda d'Ele, que será precedida do Sinal.

Cristo, ao revelar o mistério da iniquidade sobre a raça humana, vai com o poder de seu "sopro" (o mesmo sopro que modificou Adão), de sua manipulação genética, ampliar a vida do homem como já foi feito antes.

Não é permitido a nós, portanto, manipular o tempo de vida para que se viva mais ou menos.

Há fortes indícios de que Jesus, ser celestial com conhecimento tecnológico superior da vida, não permitirá que a engenharia genética terrena, que afronta a tecnologia celeste, tenha conseqüências futuras. O céu irá interferir na terra, assim como houve intervenção em Sodoma e Gomorra, mas antes veremos O Sinal do Filho do Homem.

Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus. Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas cousas? E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vinda (II Tessalonicenses 2, 3-8).



*Maravilhas nunca faltaram ao mundo
o que sempre falta é a capacidade
de senti-las e de admirá-las.*

MÁRIO QUINTANA



10

CAPÍTULO

NOS SUBTERRÂNEOS DE MORIÁ

*A pedra que os construtores rejeitaram,
essa veio a ser a principal pedra,
angular; isto procede do SENHOR e é
maravilhoso aos nossos olhos.*

(Salmos 118, 22 e 23).

NOS SUBTERRÂNEOS DE MORIÁ

Se antes circunscrevemos uma região específica, agitada por conflitos originados pelo contato direto entre humanos e os seres celestiais, superiores e com grau de contato maior com o Criador, agora faremos mais.

Israel é, conforme demonstram escrituras, a área que receberá a Nova Jerusalém e a frota intergaláctica alienígena, quando da chegada do Filho do Homem. Mas dentro das fronteiras israelenses existe uma elevação, o Monte de Moriá ^[37], cujo cume e arredores foram palco de encontros fantásticos.

Se a Terra Prometida é o perímetro de ligação com as forças inteligentes extraterrenas, Moriá é o *ponto de conexão*, o cordão umbilical que liga os dois extremos — terrestre e extraterrestre, homem e Deus. Ali, mortais trocaram experiências com entidades celestiais, sofrendo, inclusive, abduções. Foram retirados do planeta por dias. Quando retornaram, mudaram a história da humanidade por séculos.

Em Jerusalém, cidade geograficamente inserida na antiga Judéia, com abundante água doce, estrategicamente bem protegida de assédios externos e a uma altitude de 600 metros acima do nível do mar, fica a colina rochosa do Monte de Moriá. Foi onde, com o nome de Ararat, esteve a arca de Noé:

As águas iam-se escoando continuamente de sobre a terra, e minguaram ao cabo de cento e cinqüenta dias. No dia dezessete do sétimo mês, a arca repousou sobre as montanhas de Ararate. E as águas foram minguando até o décimo mês, em cujo primeiro dia apareceram os cumes dos montes. Ao cabo

de quarenta dias, abriu Noé a janela que fizera na arca, e soltou um corvo, o qual, tendo saído, ia e voltava, até que se secaram as águas de sobre a terra (Gênesis 8, 3-7).



Depois, foi o local designado pelo Criador para que Abraão levasse seu único filho, Isaac, e ali o sacrificasse em seu nome. Chegando ao pico de Moriá, o patriarca recebeu a instrução final: não precisaria perder o filho; havia demonstrado lealdade ao Senhor:

Depois dessas cousas pôs Deus Abraão à prova e lhe disse: Abraão. Este lhe respondeu: Eis me aqui. Acrescentou Deus: Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei (Gênesis 22, 1-2).

E, estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho. Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. Então lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz, e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho. Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. E pôs Abraão por nome àquele lugar — o Senhor proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do Senhor se proverá (Gênesis 22, 10-14).



Deus não conversou pessoalmente com o humano no momento da quase-imolação. Mandou um de seus mais próximos, caracterizado como *anjo*. Mais tarde, o monte que proverá recebeu o profeta guiado pelo cajado, Moisés, e o tabernáculo itinerante, receptáculo da arca da aliança. O “comunicador” de Deus com os homens na fuga do Egito:

Depois disse o Senhor a Moisés: No primeiro dia do primeiro mês, levantarás o tabernáculo da tenda da congregação. Porás nele a arca do testemunho e a cobrirás com o véu (Êxodo 40, 1-3).



O governante Ornan, um jebuseu, tornou-se proprietário do lugar, mantendo um chão nivelado para debulhar os grãos das colheitas. Ainda que o oferecesse de graça, Ornan recebeu pagamento do rei Davi, que ergueu um altar em nome do Deus único. Seu filho, Salomão, edificou o templo no mesmo monte, tendo ao norte a elevação de Sião:

Começou Salomão a edificar a casa do Senhor em Jerusalém, no Monte de Moriá, onde o Senhor aparecera a Davi, seu pai, lugar que Davi tinha designado na eira de Ornã, jebuseu (II Crônicas 3, 1).



Em Moriá, Moisés e Elias apareceram para os seguidores de Jesus Cristo:

Seis dias depois, toma Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João, e os leva, em particular a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes

tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele (Mateus 17, 1-3).



Num dos declives do monte fica também o Calvário, ou Gólgota, onde Jesus foi crucificado. A sede do templo de Herodes tomava conta da paisagem.

Depois dos romanos, em tempos medievais, foi do Monte Moriá que Maomé ascendeu através das sete esferas da revelação divina e subiu aos céus, em 621, na viagem Al Miraaj. O anjo Gabriel, já conhecido de judeus e cristãos na época, foi guia de Maomé, que foi apresentado a vários profetas, como Abraão e Moisés. Observe que o líder do que seria a futura religião islâmica também foi conduzido para as alturas, provavelmente pela mesma Inteligência que coordenou os dias anteriores dos hebreus, desde Abraão.

Está claro que uma ligação do homem com o meio extraterrestre aconteceu na elevação de Moriá. Os mortais foram instruídos a caminhar até suas alturas e, de lá, um a um, transcenderam. Abraão, Moisés, Davi, Salomão, Maomé. Coincidência?

A esta altura, o leitor já deve estar ciente de que não há coincidências. O que há é inteligência, sabedoria e arquitetura. Existe o Criador e suas criaturas.

As bases do judaísmo, cristianismo e islamismo repousam no Monte, hoje só escombro das destruições anteriores. É exatamente por se tratar do mesmo local que essas três religiões têm estado em tantos conflitos no decorrer da história. Em nenhum outro local tão pequeno — Moriá tem cerca de 144 mil metros quadrados — houve uma tal concentração de disputas, tragédias e convulsões cíclicas.

O Monte Moriá é o centro de onde poderá partir o próximo conflito em escala mundial, que escapará das esferas

religiosa e econômica e abrangerá todas as áreas geopolíticas das nações. É também o ponto onde retornará Jesus e os extraterrenos.

Onde a Nova Jerusalém irá pairar:

Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles (Apocalipse 21, 3).



Por volta do ano 1.000 a.C., no reinado de Davi (1.006 a 966 a.C., aproximadamente), Moriá foi escolhida como local para a colocação definitiva da arca da aliança, após a conquista de Jerusalém. Deus chegou a proibir o monarca de levantar ali um templo permanente, pois era o mesmo lugar onde Abraão havia levado Isaac para o sacrifício.

Atarefado com as guerras e conquistas militares em Canaã, a missão de erguer o templo, que seria o tabernáculo imóvel, com o Santo dos Santos e a arca, ficou nas mãos do rei Salomão (cerca de 966 a 926 a.C.). O Templo de Salomão tornou-se centro de embates na Antiguidade, e o ponto mais sagrado para as religiões monoteístas da humanidade.

Incomodados e tentados pelo luxo e riqueza da corte, os hebreus acabaram por se dividir em dois reinos — de Israel e de Judá. Entre 597 e 587 a.C., os babilônios tomam Jerusalém, poupando o templo, mas saqueando seus tesouros que, juntamente com mais de 10.000 mil hebreus escravizados, foram levados para o cativeiro da Babilônia pelo rei Nabucodonosor II. O Monte foi sendo sistematicamente depredado e seu edifício principal foi incendiado. A arca da aliança, prova do contato do homem com a força extraterrena, desapareceu!

Jeremias profetizou e testemunhou a demolição do Templo de Salomão pelos babilônios. Em nenhum momento ele cita a arca da aliança, construída no pé do Monte Sinai, entre os despojos dos vencedores ou entre as ruínas.

As tábuas dos mandamentos foram entregues a Moisés no Monte Sinai e, mais tarde, levadas para Moriá junto com a arca. O cofre do concerto foi roubado diversas vezes, causando aflição nos povos que o capturavam, atestando que possuía em si determinada força desconhecida e inexplicável para nossos antepassados.

Resgatados das terras entre os rios Tigre e Eufrates pelos persas, os hebreus tiveram a chance de retornar para a Púrpura e o sítio do antigo templo recebeu ordens do imperador Ciro II, segundo as escrituras, para ser reerguido. O prédio resultante, sob dominação romana, ficou conhecido como Templo de Herodes, o governador da província da Judéia, e era mais amplo que o de Salomão.

Jesus Cristo entrou pela primeira vez no templo reformado de Herodes, sucessor da estrutura da época de Salomão, quando sofreu sua circuncisão, aos 12 anos, de acordo com o costume hebraico.

José e Maria haviam levado o menino para participar da Páscoa judaica. Por um instante, perderam o filho das vistas. Quando o encontraram, dias depois, Jesus estava cercado de rabis, doutores religiosos:

Três dias depois o acharam no templo, assentado no meio dos mestres, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas (Lucas 2, 46-47).



Em 70 d.C. o templo conheceu a derrota final. Foi destruído pelo fogo e a anarquia instaurada quando os romanos, em meio a “Revolta Judaica”, entraram em choque com os judeus, massacrando centenas de milhares destes. Os que sobreviveram dispersaram-se pelo planeta, em diáspora ^[38]. Cristo já havia previsto o fim da construção:

*Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto?
Em verdade vos digo que não ficará aqui
pedra sobre pedra, que não seja derrubada
(Mateus 24, 2).*



O Império Romano do Oriente, futuro Império Bizantino, não deu tanta importância ao Monte. No século VII, todavia, a crença em Maomé deu novo incentivo à preservação da região como centro de culto. No ano de 637, os maometanos ergueram o Domo da Rocha, que permanece de pé até hoje.

Os cruzados da Cristandade europeia se lançaram ao leste a fim de retomar a terra santa. Nesse processo, os católicos chegaram a ocupar Moriá, mas não por muito tempo. Em 1187, tropas maometanas retornaram à cidade, menos de 90 anos após a conquista da primeira Cruzada, e a retomaram.

O papa de Roma enviou mais expedições, mas o templo do Monte voltou ao domínio muçulmano por longa duração até que, na segunda metade do século XX, após as duas grandes guerras, Jerusalém foi entregue a Israel. A Cúpula ou Domo da Rocha é uma imponente estrutura que guarda segredos milenares. Descobrir o que há por trás de toda a arqueologia e energia concentradas em Moriá é tarefa intrigante.

Em 1864, o capitão Sir Charles Warren, do *British Royal Engineers*, mapeou a cidade e o Templo. Fazendo um levantamento das cisternas, passagens secretas e câmaras no sítio, encontrou pontos interessantíssimos no Domo: o local de oração dos profetas, as pegadas de Enoque e de Maomé, a marca da mão de Gabriel e

uma cavidade selada no piso onde está escrito — lugar de Elias, oratório de Salomão, oratório de Davi e lugar de Abraão. Em nenhum de seus relatos são encontradas referências sobre a arca da aliança.

O templo está sob base de calcário fácil de escavar ^[39], o que pode esconder passagens subterrâneas, artefatos alienígenas e esconderijos muito antigos. Essa “cavidade selada” pode ser a chave do que nos é ainda desconhecido. Ali podem estar objetos celestiais sagrados, como as tábuas dos mandamentos, a arca da aliança e os varais que a sustentavam.

Das proximidades de Moriá é possível visualizar o Jardim Getsêmane, onde Jesus passou sua última noite na terra, antes de ser crucificado. É curioso lembrar que, por razões até hoje desconhecidas, repousa uma misteriosa “pedra rejeitada” num dos muros:

A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular: isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos (Salmos 118, 22-23).



A Bíblia descreve a pedra ainda está perdida em Moriá: Perguntou-lhes Jesus:

Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó (Mateus 21, 42-44).



Gastamos bilhões de dólares em sondas e meios de vasculhar o espaço, na tentativa de encontrarmos vida fora da terra, quando as respostas podem estar em estado de repouso, bem guardadas, no próprio planeta. Tais respostas podem ter sido, inclusive, o motivo pela disputa da região de Jerusalém, onde a altura de Moriá está inscrita, por tanto tempo. As evidências nesse sentido são inúmeras. I Reis e Crônicas oferecem várias descrições e informações.

O problema maior, no entanto, ainda é vencer as autoridades que tomam conta dos sítios, sempre dispostas a impedir as investigações e os estudos de escavações, como se soubessem que o que encontraríamos ali poderia abalar as estruturas do pensamento judaico-cristão e islâmico, ou seja, o pensamento das maiores correntes monoteístas humanas.

Em 1997, arqueólogos reabriram uma parte de um antigo túnel que corria ao longo da atual plataforma do haram (local sagrado), nas proximidades do muro ocidental do Monte, da época de Herodes, posterior a Salomão, e descobriram que há uma inacreditável junção nas pedras onde não passa sequer uma lâmina fina! Os blocos de pedras pesam dezenas, se não centenas de toneladas. Os blocos não são retangulares, mas trapezoidais, o que espanta ainda mais. O encaixe entre as peças é perfeito, como em algumas pirâmides do Egito.

Como um único ponto do globo, tão pequeno quanto comparado à imensidão planetária, pôde ter testemunhado tantas reviravoltas, tanta tragédia e o nascimento de gerações de fiéis religiosos?

O Monte de Moriá é, na realidade, o *centro de comunicação* dos homens com Deus. A humanidade experimentará, em um futuro não muito distante, o retorno de Cristo em Jerusalém, nas alturas de Moriá, que esconde o passado em seus escombros e túneis ocultos. Quando isso acontecer, teremos novo contato com a arca da aliança e os anjos saberão o exato momento de intervir em nossa civilização novamente:

*Abriu-se, então o santuário de Deus, que se
acha no céu, e foi vista a arca da aliança no
seu santuário, e sobrevieram relâmpagos,
vozes, trovões, terremoto e grande saraivada
(Apocalipse 11, 19).*



*Tudo é bom quando sai das mãos do
Autor das coisas, e tudo degenera
entre as mãos do homem.*

JEAN JACQUES ROUSSEAU





CAPÍTULO

O CERCO A ISRAEL

*E disse-lhes uma parábola:
Vede a figueira e todas as árvores:
Quando começam a brotar, verificais,
ao observá-las, que está próximo o verão.
Assim vós também, quando virdes essas
coisas acontecerem, ficai sabendo que
está próximo o reino de Deus. Em verdade
vos digo: não passará esta geração sem
que tudo se realize. O céu e a terra
passarão, mas minhas palavras não
hão de passar
(Lucas 21, 29 ao 33).*

O CERCO A ISRAEL

Conforme passaram os séculos, e as maravilhas que uma vez foram grandes sucumbiram, novos aglomerados, sistemas políticos e formas de manipulação das massas foram fabricadas e reproduzidas entre as sociedades humanas.

Grandes nações foram edificadas pela figura ensolarada do rei. Outras, conquistadas, desaparecidas, assimiladas. Durante a Idade Média e o advento da “Modernidade” ^[40], regiões européias e do Oriente entraram em choque, comercializaram e se conheceram como quem conhece ao espelho.

O período que se seguiu foi denominado pelos historiadores de “Contemporâneo”, que foi inaugurado através de saltos convulsivos, impulsionados pela classe social dominante da atualidade: a burguesia. As revoluções burguesas nos trouxeram, se pudéssemos definir em uma linha, a multiplicidade de filosofias, ideários e pensamentos, as duas grandes guerras mundiais e, por fim, a “globalização”, fenômeno complexo e ao mesmo tempo perturbador.

Os antigos e suas fantásticas experiências, o contato do homem com a força motriz do Cosmo e os relatos produzidos por esses indivíduos, estupefatos frente ao contato celeste, foram remodelados ou, quando levados ao extremo, esquecidos.

A antiguidade, diante do planeta terra globalizado, parece estar para sempre perdida. Os habitantes daquele mundo não são mais do que estátuas de mármore; sua função hoje não é mais do que servir de elo em sessões de psicanálise.

Todavia, agarrado em sua tradição milenar, atravessando tempestade atrás de tempestade, governante após governante, um grupo social conseguiu navegar pelas décadas, séculos e milênios sem perder sua identidade ancestral, firmada no pacto com uma “entidade” tão suficientemente poderosa que não encontrou meio externo capaz de destruir a unidade religiosa monoteísta e o sentimento de pertencimento a uma nação — apesar de muitas vezes não a ter fisicamente.

Estamos falando, como o leitor recorda, dos israelitas, compactuados com o Centro Celestial. Os hebreus, filhos de Israel, passaram, com o tempo, a ser chamados “*judeus*”. Observe como o termo, em língua portuguesa, nos remete a outros vocábulos, significando maus tratos. “Judiar”. “Judiaria”. Não poderia ser isso mera coincidência ^[41].

Os herdeiros de Moisés foram sistematicamente desafiados e judiados durante a história. Repetidas vezes foram perseguidos e encarcerados. Representaram (e continuam representando) uma ameaça aos outros agrupamentos humanos.

Perceba que os judeus sempre foram hostilizados e temidos pelos povos ao seu redor. Existe algo neles que incita as mais baixas emoções humanas. E o problema é antigo.

Dos romanos, que destruíram o templo de Salomão e tomaram de vez a terra prometida das mãos dos hebreus, provocando a Diáspora aos medievais cristãos, que difundiram a versão dos hebreus como assassinos do Cristo e escória da raça humana; hereges que deveriam habitar áreas separadas do convívio católico — as judiarias — ou queimar na fogueira purificadora da Inquisição.

Dos modernos reformadores da Santa Sé, que blasfemavam contra os judeus e sua gananciosa prática de empréstimos a juros, usura e atividades “bancárias” aos seguidores de Adolf Hitler, que exterminaram israelitas às centenas, legitimando uma prática obsessiva de um povo inteiro.

Os judeus foram judiados. Não por um ou dois inimigos antagônicos específicos, mas por *todo o resto da humanidade*.

É o primeiro dado que nos chama atenção: os hebreus sempre incomodaram as outras civilizações, intimando-as de maneira quase “mística”, por assim dizer.

Ainda assim, os descendentes das 12 Tribos puderam se espalhar por todas as regiões geográficas. Sem o chão que deveria ser seu por direito, o nicho judaico se infiltrou em todos os outros.

É possível cruzar com judeus ortodoxos, vestidos caracteristicamente e levando suas vidas dentro de comunidades específicas em qualquer cidade do globo: São Paulo, Nova Iorque, Londres, Pequim, Tóquio. Este é o segundo dado: os hebreus foram

odiados e perseguidos, mas estão no meio das populações que os teme e os odeia, disseminando silenciosamente pensamentos e, principalmente, a crença no Deus único e nas peripécias sofridas por seus antepassados.

Não resta dúvidas. Os judeus, que são os hebreus, israelitas da Casa de Moisés, dono do cajado fornecido pela Inteligência alienígena, são diferentes porque foram os escolhidos para o plantio da semente cósmica, entrando em contato direto com o Arquiteto Universal. Será possível que as civilizações, ainda que primitivamente, inconscientemente, enxerguem o poder latente judaico, temendo-o de imediato? Isso explicaria as consecutivas tentativas de podar a força dos hebreus, calando-lhes, prendendo seus componentes, manipulando-os em campos de concentração, tirando-lhes a terra da aliança.

Chegará o dia em que todos os olhos estarão voltados para Israel. Nesse dia, a região será cercada por exércitos de todo o mundo, porque Jerusalém se posicionará contra todas as nações, mantendo consigo a mesma unidade que preservou pelos anos. Caminhamos para essa situação, descrita por Jesus Cristo, arca viva, em seus sermões proféticos.

Naquelas terras, o sangue será — uma vez mais — derramado indiscriminadamente e, enquanto os mortais, terráqueos, imolarem-se aqui embaixo, o eixo central de tudo aquilo que existe, comandado pela figura do Criador, observará das alturas. Até que retorne triunfal para a atmosfera e para o chão castigado de nosso planeta. Primeiro, Israel será sitiada. Depois, a renovação atingirá o homem como raios de sol atingem a íris, mas sem adornos que lhes diminua o efeito.

Por fim, os que não estiverem cegos, verão o *retorno do Filho do Homem*, que chegará em uma das *nuvens* na Nova Jerusalém, no lugar da antiga, destruída pela mesquinha e ignorância humanas.

Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas cousas, mas o fim não será logo. Então lhes

disse: *Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, cousas espantosas e também grandes sinais do céu. Antes, porém, de todas estas cousas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho. Assentai, pois, em vossos corações de não vos preocupardes com o que haveis de responder; porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem. E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do meu nome. Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça. É na vossa perseverança que ganhareis as vossas almas. Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabei que está próxima a sua devastação. Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos não entrem nela. Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles. Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas,*

sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das cousas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. Então se verá o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. (Lucas 21, 9-27).



Por ser o ponto de encontro das três maiores religiões monoteístas da terra, e exatamente por isso, Jerusalém verá os mortais em combate. Mas dessa vez, o embate será decisivo.

As notícias atuais já nos mostram que os acontecimentos estão em movimento: o ataque de fanáticos às Torres Gêmeas^[42], as instabilidades na fronteiras de Israel; o crescente armamento pesado de nações do Oriente Médio e a política de animosidade dos EUA e seus aliados.

Nos Evangelhos de Lucas, Marcos e Mateus encontramos a mesma narrativa, tratando de dois cercos à cidade de Israel. O primeiro, que mudou para sempre a história dos israelitas, foi o promovido pelo imperador romano Tito, no ano 70 de nossa era. O segundo, que ainda está por vir, inaugurará a Nova Jerusalém, não sem o custo da vida de muitos descendentes do projeto adâmico.

Já nas próximas décadas, as correntes monoteístas se ferirão mortalmente. Do Oriente será disparado o ataque ao Ocidente. Em alguns trechos proféticos das escrituras, lemos que as estrelas cairão do firmamento. A bandeira norte-americana, nação hegemônica no mundo atual e maior responsável pela sensação de “globalização civilizada”, carrega inúmeras estrelas. Crescem as facções fundamentalistas e terroristas. As notícias de armamento ascendente — nuclear e não-nuclear — nos países povoam jornais e agências de informação.

E ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer; mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém, tudo isto é o principio das dores. Então sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim. Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; E quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. (Mateus 24, 4-18).



Repare na expressão “quem lê, entenda”. Tem sentido de simbologia intrincada e de que existe uma chave misteriosa que

tranca a porta do conhecimento total. No período de desolação, sinônimo para o terror que se espalhará de forma descontrolada aos quatro cantos, encabeçado pelo “abominável”, as nações de todo o planeta entenderão de uma vez por todas a função de Israel na história de toda a humanidade, desde a construção do planeta até o presente. Muitas se encherão de mais ódio, pois Israel será a mais beneficiada pela tecnologia empregada na guerra.

Três vertentes surgirão: a dos que desejam receber recompensa de Israel pelo prejuízo bélico; a dos israelenses que se negarão a pagar qualquer taxa e a dos que crêem em Cristo e não aceitam se submeter a um controle para que todos os homens tenham uma “marca” sinalizadora no corpo.

Poderá acontecer de Israel ser cercada e ameaçar revidar com poder nuclear — a bomba atômica. Estamos falando do Armagedon, que é uma antiga elevação a oeste do Jordão, na planície de Jesreel, entre a Samaria e a Galiléia. A região é, também, a referência bíblica do local onde acontecerá o clímax da batalha entre os exércitos da besta e do falso profeta contra Cristo e as forças cósmicas que sopraram vida na terra. A função daqueles que passamos a chamar “anjos” será cumprida, na medida em que formarão o exército celestial.

O local do Armagedon, portanto, não pode ser invadido nem destruído por bombas atômicas ou tocado por outras armas terrestres. É uma área reservada ao olhar alienígena, ou seja, ao Criador. É interessante notar que a região em questão já foi palco de decisão de diversas batalhas entre homens. O embate maior em Israel não significará o fim e destruição de tudo. Ao contrário, será o (re)começo. Após a desolação, chegará o sinal do Filho do Homem.

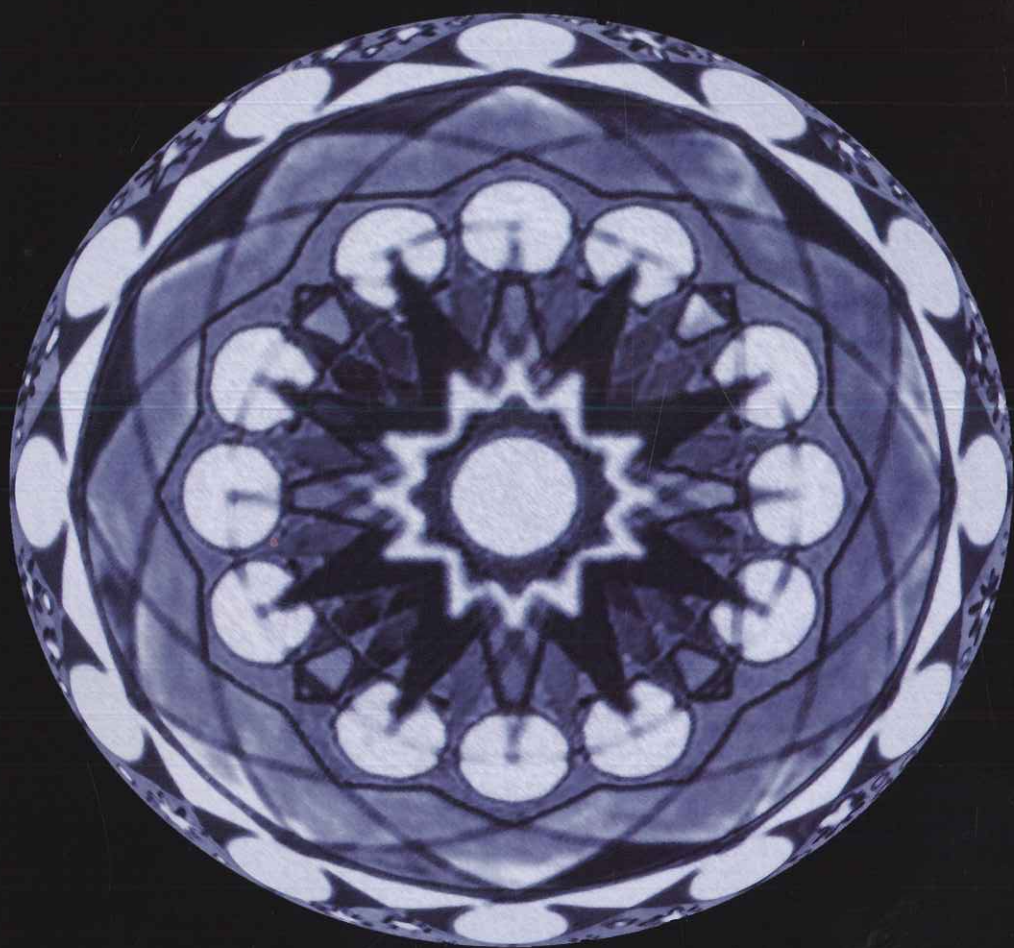
Então vi um anjo posto em pé no sol, e clamou com grande voz, falando a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, para que comais carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes

de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, assim pequenos como grandes. E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelear contra aquele que estava montado no cavalo, e contra o seu exército (Apocalipse 19, 17-19).



*Se procurar bem, você acaba encontrando
Não a explicação duvidosa da vida,
Mas a poesia inexplicável da vida.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



12

CAPÍTULO

O SINAL DO FILHO DO HOMEM

*Em verdade vos digo:
Não passará esta geração
até que todas estas
coisas sucedam.
Passarão o céu e a terra,
mas as minhas palavras
não hão de passar.
(Mateus 24, 34 e 35).*

O SINAL DO FILHO DO HOMEM

Não vemos o Criador. Conversamos sobre Deus, guerreamos e criamos filosofias e religiões em Seu nome, mas não podemos tocá-Lo, abraçá-Lo ou nos confortarmos com Seu afago. Somos, até o momento, criaturas em profunda angústia e desamparo, para sempre ressentidas do abandono, sempre questionando — quem somos? Que fazemos aqui? Para onde vamos depois? — Mas nunca obtendo as respostas diretas.

Ninguém jamais viu a Deus: o Deus Unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou (João 1, 18).



Mas, fechando os olhos e procurando dentro de nosso laço — que é a casca do corpo, um invólucro — encontramos a alma. Se vendarmos os olhos da alma e pedirmos com gentileza, alcançamos sutilmente o espírito. E o espírito *sabe*.

De fato, nós não podemos atestar a presença do Arquiteto através dos sentidos do corpo. Visão, audição, paladar, tato e olfato são mecanismos demasiadamente primitivos para alcançar o Criador. Onde o corpo falha, a alma *sente*. Sentimos Deus em todas as coisas, todos os eventos, todas as moléculas, todos os átomos, todos os prótons, todos os sorrisos, todos os elétrons, todas as lágrimas, todos os nêutrons, todas as palavras, todos os gestos, todos os anseios ancestrais. Apesar de não O ver, o homem que procura pode perceber de maneira cósmica a cadeia de infinitos pontos ligados que representam o Senhor único.

Ainda assim, e não sem razão, a alma pode duvidar. Pode ser conduzida por falsos profetas ou sofrer danos externos tão traumatizantes que a adormeçam. Nesses casos, e em todos os outros, existe uma conexão ainda mais profunda. É através desta ligação que sabemos que Deus existe^[43]. O espírito, que é o sopro abençoado, sabe, e não há nada que possa desviá-lo de seu Criador.

Quem reconhece o Arquiteto, em última instância, é o espírito. O corpo e a alma são passíveis de morte. O primeiro, por simples contato com o divino perece. A matéria não resiste à presença de Deus porque não contém a Sua essência. Entrar em contato diretamente com o Criador é arriscado, porque o corpo não foi preparado para contemplar tamanha energia. É apenas embalagem rústica. Não é o corpo, mas sim o espírito que nos dá a certeza da Inteligência de Deus e de sua presença, bem como de seu entendimento^[44]. A alma também se esvai, já que não é o mesmo que espírito:

Na sua mão está a alma de todo ser vivente, e o espírito de todo o gênero humano (Jó 12, 10).

Pois grande é a tua misericórdia para comigo; e me livraste a alma do mais profundo poder da morte (Salmos 86, 13).

[...] porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção (Atos 2, 27).



É importante sublinhar que a ligação do homem com o Criador já existe, mas é distante e quebradiça devido ao nosso estágio de *evolução*. A humanidade, contida no planeta terra, é só *um* dos diversos sistemas inteligentes que povoam os Universos, o Cosmo. Não estamos sozinhos na imensidão, e há civilizações mais avançadas e mais atrasadas que a nossa. Os conceitos de “evolução” ou “atraso” aqui se referem a quanto mais ou menos

próximo o grupo do Criador. Quer dizer que existe uma hierarquia cósmica. Um constante trabalho evolutivo das criaturas do Arquiteto, no sentido de chegar mais próximo do “Pai”. Qual a função do homem na terra? Qual a razão de sua existência? Ascender para alcançar o Criador.

Os anjos estão mais perto de Deus porque são entidades mais evoluídas e, mesmo assim, obedecem graus de importância: serafins, querubins, arcanjos, anjos.

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e os seus anjos (Apocalipse 12, 7).



Por estarmos em degrau inferior, necessitamos de intermediários com o Senhor. Para isto, foram enviados anjos e o tabernáculo vivo, Jesus, assinalando nossa importância dentro do esquema geral dos Universos. Como evoluir? Como caminhar ao Arquiteto? Obedecendo e nos inserindo na hierarquia, até chegar àquela única criatura que já viu Deus: seu Filho. A trilha para a ascensão até Deus passa obrigatoriamente pelos ensinamentos de Cristo. Só Ele viu o Pai de perto; só Ele O conhece. Só Cristo indicará as almas que devem ser salvas aos olhos do Criador.

Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim (João 14, 6).

Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mateus 11, 27).



Que ensinamentos Jesus nos deseja transmitir? No livro de Marcos, uma cena descreve um escriba, autoridade conhecedora das leis da época, interrogando Cristo. Observe:

Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? (Marcos 12, 28).



Essa pergunta pode conduzir à armadilha. Os 10 mandamentos hebraicos são igualitários, não existe primeiro, segundo ou último. Ao mesmo tempo, a questão pode referir-se a uma opinião subjetiva: “Se eu tivesse de escolher um dentre os 10 mandamentos, qual seria o mais importante a seguir?”.

Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele; e que amar a Deus de todo o coração, de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo, excede a todos os holocaustos e sacrifícios. Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém mais ousava interrogá-lo (Marcos 12, 29-34).



O amor é a mola que move *todas as coisas*! Esqueça os sacrifícios, os holocaustos, os pastores e líderes religiosos, os intermediários humanos entre seu espírito e a Força suprema do Arquiteto. Esqueça as promessas em vão, o consumismo da contemporaneidade globalizada, a falta de perspectiva e os falsos profetas.

Quando Jesus retornar, irá lhe despir de tudo o que existe e fazer uma única pergunta: “Você amou?” É através do amor chegaremos ao Criador, por intermédio de Cristo. Só o amor restabelecerá a ordem, porque é a energia fundamental e inexplicável que mantém a realidade funcionando.

O destino dos homens é entrar na corrida desenfreada para obter maior conhecimento de Deus, revelado em Jesus e seus mistérios e, por meio Deste, adquirir a vida eterna.

O passo seguinte será semear a vida em outros Universos Celestiais.

[...] com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro (Efésios 4, 12-14).



Os acontecimentos climáticos que antecedem a segunda vinda de Cristo à Terra, os Sinais do Filho do Homem, e o que sucederá quando Ele já estiver em nossa atmosfera estão narrados no livro do Apocalipse, que encerra os relatos bíblicos.

Ao que tudo indica, o Apocalipse foi escrito no século I de nossa Era, entre os anos de 68 e 98. O termo — muito apropriado — vem do grego *Apokalupsis*, que significa “revelação daquilo que estava anteriormente escondido” ou “revelação do que era desconhecido”. Sua autoria é atribuída a João que, preso na ilha de Patmos, como exilado do Império Romano para que não pregasse a doutrina de Cristo, escreve suas visões futuristas, reveladas por intermédio de um anjo.

Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as cousas que em breve devem acontecer, e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu. Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as cousas nela escritas, pois o tempo está próximo (Apocalipse 1, 1-3).



Repleto de referências ao Antigo Testamento e a profecias, o livro do Apocalipse é o mais difícil de ser estudado. São muitas as metáforas e os simbolismos; seus versículos são um aviso para a humanidade, imprimido em João pelas forças celestes.

O próprio João sente como se estivesse morto, entre um plano e outro e é compelido pelo anjo de Deus a escrever a narrativa, fortemente imagética e visual. Fala da história da humanidade quando esta se aproxima do retorno de Jesus, que encontra face a face, e da Nova Jerusalém ^[45]. De passado, presente e futuro.

Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candelieiros de ouro, e, no

meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes tálares, e cingido a altura do peito com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos como chama de fogo; os pés semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve, pois, as cousas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer (Apocalipse 1, 12 -19).



A figura de Jesus Cristo, no relato de João, é a de soberano dos reis terrestres, a de esposo e cabeça da Igreja, de leão da tribo de Judá, de Sumo Sacerdote, de Cordeiro que foi imolado, enfim, de Rei e Juiz da espécie humana.

O objetivo principal do Apocalipse é mostrar o cenário da revelação de Jesus. Por isto, antes do regresso, existe um obscuro período de tribulação, incluindo morte do corpo físico e a segunda morte — da alma. A época dos falsos profetas e guerras também está descrita em Mateus:

Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: Não vedes

tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derrubada. No Monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas cousas, e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século. E ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém, tudo isto é o princípio das dores. Então sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim (Mateus 24, 1-14).



Muito do que aparece nesses versículos já está acontecendo. Mas os que tiverem amor verdadeiro, os que compreenderem o sentido cósmico da vida, receberão a recompensa do projeto adâmico: a vida eterna.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas. Ao vencedor dar-lhe-ei que se

alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus (Apocalipse 2, 7).

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas. O vencedor, de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte (Apocalipse 2, 11).



Os motivos do regresso do Cristo, o Cordeiro imolado, são três. O primeiro deles é, através da manipulação da matéria, da energia e do espírito, ressuscitar os mortos que acreditaram em Sua palavra e ensinamento, além de dar abrigo aos fiéis vivos na ocasião da volta, dando-lhes corpo imortal.

Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: Nós, os vivos os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor (I Tessalonicenses 4, 14-17).



Em seguida, seremos todos levados ao Tribunal de Deus, no sentido de sermos expostos ao questionamento Divino, extraterreno. O que significa, e isto é importante, que um homem não tem competência para julgar outro homem, seu igual. Apenas o Criador e seu Filho, a Divina Inteligência, possuem essa prerrogativa:

Tu, porém, por que julgas a teu irmão? e tu, por que desprezas o teu? pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus. Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus. Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão. Eu sei, e disso estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma cousa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura (Romanos 14, 10-14).



O segundo motivo é fazer cumprir as profecias ainda não realizadas, as promessas ainda não cumpridas, ou seja, a unificação de Israel nas mãos dos filhos herdeiros de Abraão, selando o primeiro pacto com o Arquiteto. Jesus ainda distribuirá funções específicas para 144 mil (12 mil vezes as 12 tribos) judeus.

A última razão para o volta do Filho do Homem é a reestruturação da terra, de seus povos, de suas motivações e — finalmente — da atividade humana dentro do Cosmo. Cristo anulará o atual sistema político mundial e dará incumbências distintas a cada nação, convertendo-as a Ele.

Toda a humanidade receberá mandatos e obrigações. Cada país, cada território já possui, desde os tempos primordiais da criação, produtos e ambientes específicos para trabalhar com o Criador e começar a deixar a estratosfera em missões interestelares, ajudando outros pontos das galáxias, semeando a vida em outros planetas, como é a vontade de Deus. Ninguém sabe quando se dará o retorno:

Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai (Marcos 13, 32).



Mas podemos ter certeza de que sim, acontecerá:

Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu (Marcos 14, 62).



Fica claro que a humanidade está vivendo um interregno, um período intermediário entre a última interferência alienígena na terra e a próxima, que ocorrerá com a vinda de Jesus e de seu séqüito através das naves. Os homens estão sendo monitorados a distância há séculos. Muitas vezes perdidos, tudo o que possuem para lhes dar sustento são os livros antigos — como a Bíblia — e as narrativas ancestrais que passaram de geração em geração e desafiaram a lógica e o tempo. Por isso é tão importante interpretar corretamente os textos sagrados:



[...] porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados. Então se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas

operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto! não saiais: Ei-lo no interior da casa! não acrediteis. Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem. Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres. Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: quando virdes todas estas cousas, sabeis que está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão (Mateus 24, 21-35).



Em meio ao caos que se estabelecerá entre os povos terráqueos, um sinal luminoso cruzará o globo do Oriente — local dos contatos bíblicos — ao Ocidente. Será demorado, para que não haja dúvidas entre os mortais: algo está acontecendo. O planeta se

assemelhará ao cadáver que atrai aves de rapina, porque estará corrompido, sem amor, belicoso e mesquinho.

A essência do homem, aniquilada. Por isso a Inteligência celestial regressará.

A nave que transportará Cristo e a frota angelical será tão grande, como veremos, que sua presença na órbita da terra projetará sombra tão colossal que cobrirá o sol, a lua e o brilho das estrelas. E quando pairar no ar, o lamento tomará os corações daqueles que não acreditavam no Arquiteto, seu criador, porque desejarão mudar subitamente o rumo de suas vidas e de suas idéias, mas não haverá mais tempo.

Vencedores e vencidos não mais existirão, pois todos serão submetidos ao poder central e extraterreno. Além das guerras internas, um arsenal terráqueo estará apontado para a estratosfera, porque os homens identificarão um imenso objeto estranho aproximando-se da órbita e pensarão tratar-se de uma ameaça, como invasão hostil ou corpo celeste errante que vem para destruir o planeta em sua colisão.

O retorno do Filho do Homem será um acontecimento pessoal e corpóreo, não somente espiritual. Nosso corpo experimentará uma radical transformação, deixando de ser mortal — ou “corpo de humilhação”, exatamente porque morre — para ter a mesma essência do corpo de Cristo, com outra disposição atômica e vibração energética.

Vamos organizar as idéias:

- se o Arquiteto não pode ser criado ou explicado;
- se ao homem resta apenas sentir os atributos divinos;
- se Deus criou a terra para abrigar uma inteligência;
- se o espírito é eterno; se a possibilidade de encontro com o Criador em nosso atual estágio de evolução e com nosso corpo é impossível;
- se existe uma hierarquia crescente a fim de administrar os desígnios divinos, formada por seres que desejam estar cada vez mais perto do Pai;

- se o homem não consegue a vida eterna a não ser através dos conhecimentos e ensinamentos revelados pelos mistérios de Jesus;
- se o maior ensinamento de Cristo é o amor;
- se temos a possibilidade de crescermos intelectualmente nas coisas celestes até o contato direto com a sua volta;
- se definitivamente Jesus retorna;
- se iremos obter sabedoria através da árvore da vida, que traz a expansão da longevidade;

Então devemos ficar atentos ao *Sinal* e às palavras ancestrais. Devemos *abrir os olhos*.

Dentre os capítulos do Apocalipse, um em particular é interessante, porque amarra todos os raciocínios descritos em nossa discussão até aqui, observe:

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo (Apocalipse 21, 1-2).



A Nova Jerusalém será uma espaçonave de proporções tão desconuais que ficará no contorno do arco-íris que existe ao redor da terra desde o pacto do Criador com Noé, com função de protegê-la de qualquer tipo de invasão ou corpos externos.

É nessa estação espacial que a “nuvem gloriosa” de Cristo aportará, ataviada como “esposa” porque se trata de um meio de transporte bonito e sofisticado. O céu e a terra serão modificados, o passado corrompido será transmutado.

Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os

homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras cousas passaram (Apocalipse 21, 3-4).



Em tempos anteriores, quando os homens começaram a subir os degraus da evolução, as forças alienígenas, intimamente conectadas ao Criador, interferiram na história terrestre com as arcas — de Noé e da aliança. Por fim, enviaram o tabernáculo vivo, Jesus Cristo, que encerra em si a vida eterna, enxugando toda a lágrima. Este é o tabernáculo que não pode ser feito por mãos humanas.

E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as cousas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede darei de graça da fonte da água da vida. O vencedor herdará estas cousas, e eu lhe serei Deus e ele me será filho (Apocalipse 21, 5-7).



Numa seqüência de três impressionantes versículos, temos as respostas. O Criador é começo, meio e fim e, em nosso íntimo, ainda que inconscientemente, sabemos disso. Esta é a verdade que faz tremer moléculas! Jesus, conectado ao Arquiteto, tem nas mãos a fonte da vida eterna.

Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos,

aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte (Apocalipse 21, 8).



Velhaco, ou covarde, é todo aquele que não tem coragem de assumir completamente o compromisso de trabalho com Deus, de colocar-se sem medo na infinita malha que forma os Universos. É o indivíduo que só crê ou gosta de Deus quando tudo está bem. O Criador não quer criaturas indecisas, sem posição e opinião.

Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca (Apocalipse 3, 16).



Incrédulo é o que não acredita na existência da Inteligência única como fonte de tudo. Os abomináveis são os que ofendem o Espírito Santo. Assassinos são aqueles que traspassaram Jesus e mataram os profetas, até hoje, em nome de teologias e interesses mesquinhos e financeiros de manipulação de massas suscetíveis.

Contaminados com o sangue que sofreu as mutações realizadas pela tecnologia humana na manipulação genética, os impuros são uma afronta ao Arquiteto. Os feiticeiros são os que, através de métodos mantidos pela tradição oral, guardam instruções de deuses anteriores ao dilúvio, época de corrupção divina e mortal.

Os idólatras trocam sua conduta pelas coisas mundanas, materiais; e os mentirosos são os que conhecem a verdade e pregam outra. São os líderes religiosos — em busca de poder — de teologias como prosperidade, cura divina e liberdade.

Então veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva,

a esposa do Cordeiro; e me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha, e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jasper cristalina. Tinha grande e alta muralha, doze portas, e junto às portas doze anjos, e sobre elas nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Três portas se achavam a leste, três ao norte, três ao sul, e três a oeste (Apocalipse 21, 9-13).



João foi levado a ver a nave que trará Cristo de volta. Os seres mais evoluídos, como profetas e apóstolos, nela habitam e retornarão com o Cordeiro. As portas descrevem um quadrado perfeito. A cada líder cabe uma porta de entrada. Por elas, escapam os conhecimentos de Deus.

A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais. Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo (Apocalipse 21, 14-17).



Leia-se “Fundamento” como sinônimo de sustentação, de cada ordenação que foi transmitida a cada um dos 12 apóstolos, já que serão eles os julgadores das 12 tribos de Israel.

Observando as medidas realizadas pelo instrumento desconhecido do anjo, podemos pensar que se trata de um cubo — seu comprimento, largura e altura são iguais. Um sólido geométrico projetará enorme sombra no planeta se tiver também proporções gigantescas, como parece pela descrição bíblica. De que tamanho será a nave gloriosa do retorno do Filho do Homem? A cidade de Cristo foi medida em 12 mil estádios para cada um de seus lados. São 2.160.000 metros — 2.160 km — por lado, já que um estádio, segundo a Bíblia, equivale a 180 metros ($12.000 \times 180 = 2.160.000$). O volume de um cubo com estas medidas é de $2.160 \times 2.160 \times 2.160$. Acredite: 10.077.696.000.000.000 metros cúbicos.

A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido. Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda a espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda; o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista. As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente. Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todopoderoso e o Cordeiro. A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada. As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória (Apocalipse 21, 18-24).



O sistema político, como dissemos, será reformado e os povos aprenderão com Jesus a não fazer mais guerra e, também, a utilizar a nova tecnologia que ampliará a vida humana para mil anos ou mais, a quantidade de tempo que o homem costumava viver antes.

Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa de Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém. Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações; estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. (Isaías 2, 2-5).



As portas da Nova Jerusalém, a nave celeste, que estará pairada no ar, estarão permanentemente abertas, permitindo doravante que os 144 mil escolhidos por Deus levem, para todas as nações da terra, o conhecimento de uma ciência muitíssimo avançada.

As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque nela não haverá noite. E lhe trarão a glória e a honra das nações. Nela nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro (Apocalipse 21, 25-27).



O que chamamos de “apocalipse”, de “fim dos tempos”, não é, então, o fim de todas as coisas. É, antes, o início. Um recomeço para a espécie humana. O Criador está respondendo às perguntas que sempre nos inquietaram, e que foram feitas logo no início deste livro:

De onde viemos? — *Dos Céus.*

O que somos? — *Seres celestiais, como tantos outros.*

Para onde vamos? — *Semear e criar vida em outros planetas e universos, carregando a palavra do Arquiteto e o primeiro ensinamento de Cristo: o amor.*

Antes, porém, haverá o sinal. Seguido dele, o contato. Os telescópios em breve constatarão: algo se aproxima do planeta terra, em rota de colisão, com grandes proporções. Não será necessário se alarmar, apesar de muitos entrarem em aflição. É o Sinal do Filho do Homem. A chegada do começo e do fim fundidos em um único evento.

E todo o olho verá.

Todo espírito sentirá.

Seremos, enfim, completos.

Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima (Apocalipse 7, 16-17).

Aquele que dá testemunho destas cousas diz: Certamente venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus. (Apocalipse 22, 20).



" O homem de conhecimento é prudente. Por isso mesmo, mais forte que o robusto. "

MARCO DI PIETRO





APÊNDICE

SINGULARIDADES

Por isso mesmo, vós, reunindo toda vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (II Pedro 1, 5 ao 8).

SINGULARIDADES

Muitas pessoas têm medo de discutir as religiões à luz da razão e da ciência, como se isso fosse enfraquecê-las, tirar suas características. Há, geralmente, um abismo separando a duas, talvez porque se pense — erroneamente — ser necessário escolher entre a fé cega e a incredulidade, como se não houvesse possibilidade de meio-termo.

Não é preciso. Deus é sábio em sua totalidade. A Bíblia deve ser lida à luz da ciência. As forças da fé e da razão caminham desde o início para formar, no futuro, uma voz única.

É curioso notar o que disse o astrônomo, cientista e ateu do Século XVI, Johannes Kepler (1571-1630), da região que hoje é a Alemanha, quando formulou as três leis fundamentais dos movimentos dos planetas, ao descobrir suas órbitas: “Oh, meu Deus, estou pensando os teus pensamentos!”.

Física, química e matemática são chamadas “ciências perfeitas”; e o são todas as outras do Criador. Uma complementando a outra, porque tratam do mesmo material bruto.

Tudo quanto aprouve ao Senhor, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos. Faz subir as nuvens dos confins da terra, faz os relâmpagos para a chuva, faz sair o vento dos seus reservatórios (Salmo 135, 6-7).



A ciência vem demonstrando, com suas descobertas, que o entendimento sobre o mundo, simultaneamente simples e complicado, mas não impossível, requer perseverança e continuidade. Há muito já se contava que a terra era redonda. Não

haveria, em tempo nenhum, religioso que unisse conhecimento e boa intenção, ao mesmo tempo, que perseguisse cientista algum por esta afirmação. Pobre Galileu ^[46]. Está em Isaías:

*Acaso não sabeis? porventura não ouvis? não vos tem sido anunciado desde o princípio? ou não atentastes para os fundamentos da terra? Ele é o que está assentado sobre a **redondeza da terra**, cujos moradores são como gafanhotos; é ele quem estende os céus como cortina, e os desenrola como tenda para neles habitar; é ele quem reduz a nada os príncipes, e torna em nulidade os juízos da terra (Isaías 40, 21-23).*



Isaías, há 2.800 anos, usou a expressão “redondeza” evidentemente se referindo a terra como uma esfera. Deus é capaz de tamanha sutileza ante a ignorância do homem, que nos presenteia, já no início de sua Palavra, a Bíblia, com um poema, para fazer com que nosso coração seja tocado pela sensibilidade e serenidade, a fim de ajudar em nossa compreensão do que é divino e do plano que traçou para nós.

Deus é. Não pode ser simplesmente imaginado ou explicado pela nossa vã ciência. Criou uma vasta gama de partículas subatômicas e bilhões de estrelas e de espécies vivas. É óbvio que um punhado de átomos, organizados ou desorganizados, por si só não produzem quaisquer tipos de valores morais, comportamentos ou sentimentos. Isto significa que cada ser, animado ou não, é fruto de uma causa, de um motivo. Havia o nada, e Deus criou tudo e deu vida a todos. Ele não tinha a quem recorrer. Acima Dele nada há:

Quem guiou o espírito do Senhor? ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem

tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo e lhe ensinou sabedoria e lhe mostrou o caminho de entendimento? (Isaías 40, 13-14).



As idéias científicas, especialmente quando subvertem a ordem das coisas e a moral vigente, levam anos, algumas séculos, para serem aceitas. Sempre foi assim, e não é necessário que novas revelações causem confronto entre a fé e o que é científico: os dois falam a mesma linguagem: a de Deus. As teorias da evolução de Darwin, por exemplo, ainda criam polêmica, especialmente nos meios religiosos. A física quântica não surgiu para levar o homem à incredulidade, mas sim para mostrar matematicamente como o Universo funciona e comprovar, de modo científico, o que nos rodeia, aproximando, irreversivelmente, Fé e Ciência.

Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o seu entendimento (Isaías 40, 28).



Talvez esteja em Gênesis toda a atual controvérsia entre a religião e a ciência. É um livro que a um só tempo esclarece e confunde, pois muitos entendem seus textos ao pé da letra, ou apenas se aproveitam dos mais simples para fazer da religião uma boa fonte de renda.

O livro do Gênesis, aquele que trata da criação do Universo e da terra, dos animais e do homem, deve ser olhado com olhos investigativos para ser compreendido. É óbvio que entre um dia e outro há milhares, milhões de anos, e que o “dia” ao qual se refere é apenas uma analogia para o poderio de Deus ao explicar a cosmologia e a criação, uma maneira de apresentar o homem à sua

própria história. Fica claro que homem e animal são dotados da mesma essência até que Deus dá ao primeiro uma “alma vivente”, tornando-o diferente.

Há uma intervenção drástica de Deus em nossa evolução, explicada pela teoria do “elo perdido” de Charles Darwin.

Não há, neste ponto, divergência de verdades, mas apenas de egos, tanto de religiosos desatentos quanto de cientistas ateus. Bem antes de Darwin, os gregos acreditavam que o Universo emergia do caos e que os animais terrestres emergiam dos aquáticos. Um embrião, talvez, da teoria evolucionista. Empédocles^[47], (Séc. V a.C.) filósofo, médico, legislador, professor e profeta grego, mais de dois mil anos antes de Darwin, afirmou que animais imperfeitos eram substituídos por outros melhores. Os fósseis, aliás, eram a constatação de que a natureza tinha uma seqüência e mutação. Os mais simples são encontrados nas camadas sedimentares mais antigas, comprovando a ação do tempo e do Criador em sua evolução.

A leitura atenta de *A Origem das Espécies*, de Darwin, que era filiado à Igreja Anglicana, é reveladora. Ele esteve ao longo de três anos visitando a América do Sul, a bordo do navio “The Beagle”, dedicando-se à biologia e à geologia. Queria, na verdade, encontrar um mecanismo natural pelo qual a diversidade biológica pudesse surgir, e uma lei natural que produziria as espécies sem que Deus tivesse que criá-las uma por uma, a exemplo das leis mecânicas que regem o Universo. Começa lidando com a variação de espécies domesticadas.

O argumento é que, se é possível criar características novas em um animal, circunstâncias naturais também poderão alterar uma espécie. Há uma competição entre animais do mesmo gênero, e somente um pequeno número sobrevive para se reproduzir, formando a nova geração, mais adaptada à evolução da natureza, preservando as características otimizadas.

Esta chamada “seleção natural” traz em seu conceito a “persistência dos mais aptos”. Uma explicação bastante esclarecedora dessa carga hereditária guardada nos genes surge depois, com o monge austríaco Gregor Johann Mendel^[48] (1822-1884), o “pai da genética”.

Os religiosos em geral acreditam que as leis naturais são simples evidências da existência de Deus, e a teoria de Darwin fez estremecerem as bases religiosas, pois a Igreja, que parece crer na permanência de Deus em tempo integral, cuidando minuciosamente de cada pormenor de Sua criação, se sentiu ameaçada por perder seu lugar de controle sobre o divino no Universo. Mas o certo é que falta a Darwin o grande salto da evolução do homem, o chamado “elo perdido”, enquanto falta à religião alguma teoria um pouco mais realista.

Segundo revela a Teoria da Evolução, a vida começou há bilhões de anos, com a formação de aminoácidos, que depois produziram moléculas capazes de se reproduzir.

Essa reprodução de moléculas foi responsável por várias mutações como resultado de pequenos “erros” no processo de cópia. As características mais importantes são preservadas e desenvolvidas e, se os dois grupos se encontrarem depois de um milhão de anos, a tendência é que um tente exterminar o outro, ou, no mínimo, terão mudado tanto que não poderá haver cruzamento, pois ocorreu uma evolução completa.

Deus mostra aí Sua sabedoria, os fósseis comprovam que quase todas as espécies de animais se extinguem nesse processo de evolução. O milagre é que a vida biológica continua diante de drásticas alterações climáticas e desastres ecológicos provocados pelo planeta em evolução. E o Arquiteto dotou o homem, que receberá inteligência divina, de recursos genéticos capazes de se adaptar às novas realidades.

É inútil pensar que o ser humano apareceu na terra sem qualquer vínculo com o mundo animal. E dizer que ele é uma criação especial de Deus não o desvincula das características dos demais animais ao redor; que apenas possui uma “alma vivente”, exatamente por isso responsável por salvaguardar os demais. O profeta Jeremias já alertava, há 2.600 anos, que:

Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá? (Jeremias 17, 9).



A corrupção a que se refere não está apenas nos meios religiosos, nos meios políticos, econômicos e sociais, mas também nos meios científicos. Ele pede que observemos com a sensibilidade do coração tudo o que foi criado.

É uma forma de dizer que ciência e religião podem caminhar juntas — por que não? — de forma que ambas se expliquem reciprocamente. A verdade é lógica, e essa é a essência do trabalho de Deus. Um grupo de cientistas descobriu recentemente restos de primatas que podem ser os mais antigos ancestrais humanos. Os fósseis foram encontrados no Vale de Afar, Nordeste da Etiópia, e devem ter entre 5,2 e 5,8 milhões de anos. Isso significa que o registro fóssil dos homínídeos foi empurrado para trás em mais de um milhão de anos.

Os fósseis de pelo menos cinco indivíduos foram batizados de *Ardipithecus ramidus kadabba*. O mais interessante é que esses fósseis datam de um período nebuloso da pré-história humana: a era em que o primata que deu origem ao homem se separou definitivamente daquele que originou os chimpanzés. Outra descoberta, a do *Orrorin tugenensis*, de 6 milhões de anos, pode indicar uma espécie que tanto explicaria o “elo perdido”, como aumentaria as sombras ao ser reconhecido como apenas mais um primata que não deixou nenhuma descendência.

No meio científico, muitos defendem a idéia, ao julgar as recentes descobertas de homínídeos, da possibilidade de que várias linhagens de primatas tenham se perdido ao longo da evolução. E essa é uma possibilidade real. No entanto, certo é que, não havendo encontro entre a ciência e a religião, o “elo perdido” assim permanecerá.

Analisando superficialmente, Deus e a ciência parecem pertencer a mundos tão distintos e distantes que seria impossível aproximá-los. Engano! Os próprios cientistas desmentem isso e demonstram que Deus e ciência são *únicos e exatos*.

Observe alguns conceitos científicos importantes da atualidade, analisados sob a óptica do Criador:

- O homem é o único ser pensante, na terra; o único que enterra os seus mortos e também o único que pensa sobre a morte.

- Espaço e tempo são ilusões; uma partícula pode ser detectada em dois lugares ao mesmo tempo; a realidade não é causal nem local. Espaço e tempo são, portanto, meras abstrações.
- O “real” está velado, inacessível, e nossos sentidos captam apenas uma sombra de tudo isso.
- Diante do enigma da existência, só há como escolha o absurdo ou o mistério.
- Deus não é da ordem da demonstração, mas apoio científico aos conceitos da religião.
- O Universo se originou há 15 bilhões de anos. Tudo o que ele contém, sol, galáxias, bilhões de planetas, estão reunidos no “marco zero” de toda a Criação em uma mera centelha no vácuo, ou seja, no primeiro átomo (átomo da realidade).
- O Universo foi, inicialmente, bilhões de vezes menor do que a cabeça de um alfinete.
- O homem quer entender o porquê da força que dotou os universos da forma que se apresenta hoje.
- A idade do planeta terra hoje está avaliada em 4 bilhões e meio de anos.
- O homem quer descobrir por que um sol existiu antes do nosso e explodiu há 10 ou 12 bilhões de anos.
- Deus não tem começo e nem fim. Está necessariamente fora do tempo, ou seja, *Ele próprio é o tempo*.
- Os objetos cosmológicos afastam-se uns dos outros com velocidades tanto mais elevadas quanto mais distantes. Eles estão, seguindo este raciocínio dos astrônomos, sugerindo que as galáxias estiveram outrora reunidas em um único local no espaço.
- A vida é a história de uma ordem cada vez mais elevada e geral, e tudo deve se arranjar a fim de criar estruturas cada vez mais complexas.
- Existe uma espécie de trama contínua que une o inerte, o pré-vivente e o vivente. Há uma tendência da matéria para construir e estruturar-se, tornando-se matéria viva e esta estruturação se consagra em nível molecular.
- O Universo em sua imensa complexidade, com sua

aparência hostil, foi feito para gerar vida, consciência e inteligência. Eis que a matéria sem consciência não é senão ruína do Universo. Sendo certo que nós somos o Universo, sua vida, sua inteligência e sua consciência.

- As galáxias, os bilhões de estrelas, os planetas e as formas de vida não são um incidente, uma *singularidade*, ou simples “flutuação do acaso”.
- Na origem da Criação, *não houve* acaso, mas um grau de ordem infinitamente superior a tudo aquilo que podemos imaginar.
- Uma *ordem suprema* regula as constantes físicas, as condições iniciais, o comportamento dos átomos e a vida das estrelas.
- Há uma poderosa, livre, misteriosa, invisível, eterna e necessária força por trás dos fenômenos, acima do Universo e presente em cada partícula.
- A realidade, tal como a conhecemos, resulta de uma ordem transcendente, que subentende seu aparecimento e seu desenvolvimento.

Que a verdade não seja esquecida:

Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? Não se pode esquadriñar o seu entendimento (Isaías 40, 28).



*" Não há sabedoria, nem inteligência,
nem mesmo conselho que aplaque a
angústia, quando esta resulta da
incoerência irracional "*

MARCO DI PIETRO



APÊNDICE

2 OVELHAS

*E fui arrebatado em espírito
no dia do Senhor, e ouvi detrás
de mim uma grande voz,
como de trombeta, que dizia:
O que vês, escreve-o
num livro, e envia-o às sete
igrejas que estão na Ásia:
a Éfeso, e a Smirna, e a Pérgamo,
e a Tiatira, e a Sardo, e a Filadélfia,
e a Laodicéia. E virei-me para ver
quem falava comigo. E, virando-me,
vi sete castiçais de ouro
(Apocalipse 1, 10 ao 12).*

OVELHAS

“Ser” humano, no sentido de viver a fantástica experiência de comportar uma essência aparentemente imaterial dentro de um invólucro físico e corruptível, é doloroso e dignificante ao mesmo tempo.

Se, por um lado, o homem se arrasta sobre a própria sombra, procurando um conhecimento que lhe chega às pontas dos dedos para logo escapar, por outro, é corajoso e sua intrepidez encontra sempre os meios de sobrevivência.

Eterna moeda de dupla face, a humanidade é apenas uma característica observada de longe pelo Cosmo. Somos grãos, como que escorregando pelo funil da ampulheta, procurando saber das coisas que foram e que serão. Aos homens não cabe nenhuma garantia, nenhum conforto maior, nenhuma palavra definitiva. Sim, existe uma potentíssima força criadora, a Inteligência Superior, representada na figura do Arquiteto.

Sim, estamos todos interligados. Sim, nossos antepassados sofreram interferência direta da vida extraterrena — seus emissários, suas espaçonaves, seus comunicadores — de tal forma que há muito não ocorre. Contudo, a insegurança e o conseqüente desejo de retorno ao aconchegante útero materno fazem com que a população descendente do Projeto Adâmico fabrique o que chamamos de *religião*, e só nela encontre verdadeiro sentido de suporte para a vida.

Após meses dentro de um ambiente controlado, um universo especificamente projetado para fornecer alimento, calor, proteção e quantidade de luz adequada, o bebê tem de enfrentar o frio, as luzes, o som ruidoso e a atmosfera externa, tudo de uma só vez. De modo geral, os estudos psicológicos se referem ao nascimento como um momento de violência, gerador de um trauma futuro de extensões irreparáveis no inconsciente de cada indivíduo. Trata-se do maior rito de passagem que um membro da nossa espécie pode enfrentar, e pelo resto de sua existência o homem se ressentirá da falta do aconchego primitivo que o conectava diretamente com as forças do Criador.

Para sobreviver, erguerá barreiras e recalques, manias e medos. Testemunhará na carne o conflito entre consciência e instinto. Indefeso, construirá egos, visões de si, arquétipos, figuras maniqueístas, e outras tantas válvulas de escape ^[49].

Nesse contexto, de caminhada em trilha de alfinetes, uma mão companheira, boa, bela e justa, estendida em auxílio, dificilmente será negada. Essa mão, recheada com mil e um dedos, é a religião. A agonia de não compreender a vida e a morte — e, portanto, de não ser capaz de exercer controle sobre elas —, além da imobilidade diante da dor, da diferença, da matemática celestial da natureza e da origem de tudo o que existe, gerou no homem a necessidade de suporte.

O termo “necessidade” ora utilizado é legítimo, pois reflete a realidade histórica que as sociedades possuem profunda dependência de conforto espiritual vindo de fontes terceiras.

Em diversos momentos, da mesma forma que necessitam de alimento, água e outras coisas, também precisam da religião.

Tão importante quanto entender a importância histórica da religião para o homem é compreender que ela não é, de fato, veículo para conexão com O Celestial. As religiões existem há milênios e, em essência, nada mais são do que breviários de regras a serem seguidas por toda a comunidade que se declarar parte integrante de sua paróquia, e podem ser facilmente utilizadas como meio de manipulação de grandes massas por minorias mortais, que operam sobre aquelas o que nem os piores pastores lançam a suas ovelhas.

Funcionam de maneira simples: por meio de “mistérios” inquestionáveis, os *dogmas*, que não trazem consigo motivo claro pelo qual devem ser acreditados. As religiões impõem uma série de preceitos, e desrespeitá-los é sentir culpa, e a culpa, em especial a culpa judaico-cristã, é um instrumento poderoso para se castigar a essência.

O resultado é uma grande e intrincada rede de superstições, entraves de conhecimento, rituais, cerimônias, preconceitos, seitas secretas, medidas extremas, confrarias, monopólio de inteligência e mortes em nome de uma entidade criada.

Que fique claro: esta reflexão não pretende atacar uma ou outra instituição, mas entende que, para alcançar a conexão com Deus, cada indivíduo pode comungar com a essência cósmico-criadora *sem uso de intermediários*. Entretanto, significativos contingentes humanos preferem ser guiados, o que é, aparentemente,

menos problemático, abrindo pela fraqueza mortal uma vaga de poder, pela qual entra a religião como verdadeira palavra e único meio de conforto.

Como o homem não é capaz de forjar linhas de pensamento, não só uma, mas uma miríade de cultos foi formada durante a história, cada um deles pretendendo-se a única solução. Através dos séculos, religiões foram criadas e destruídas, por vezes fundidas entre si, gerando um crescente sincretismo. É possível encontrar, por exemplo, grande quantidade de referências a passagens da Mesopotâmia nos textos sagrados do Antigo Testamento, escrito pelos hebreus. As três principais e mais populosas vertentes, judaísmo, cristianismo e islamismo, iniciaram uma disputa histórica, gerando violentos choques entre iguais. As mais ferozes batalhas foram produzidas em nome do Onipotente.

Nas primeiras épocas, as associações humanas eram politeístas, ou seja, dependiam de uma gama de entidades espirituais para explicar os fenômenos naturais. Dessa forma, cada “deus” se tornava patrono de um aspecto da vida na terra: fertilidade, guerra, céu, sol, lua e assim por diante. O homem primitivo dispersava o cotidiano porque ainda não admitia a possibilidade de um controle único.

A história da humanidade mostra que o monoteísmo foi um avanço evolutivo para a espécie, porque difundiu a noção de que o Cosmo está submetido a um conjunto de leis imutáveis e justas, criadas e mantidas por uma *singularidade*. Também criou a idéia de grande fraternidade, de pertencimento ao mecanismo geral, postulando que somos todos filhos do mesmo Pai. Esta é uma maneira eficaz de, teoricamente, disseminar a justiça — pela igualdade, a paz e a cooperação.

A mesma história mostra que, na prática, porém, as ações foram um pouco diferentes. O monoteísmo não surgiu com os hebreus, seguidores de Javé, mas em algum ponto anterior.

Os egípcios experimentaram uma fase de Deus único, comandada pelo faraó Akhenaton, e os persas lidaram com um sistema bipolar de forças — o Bem e o Mal. De qualquer forma, o certo é que foi com os hebreus que a crença em uma única divindade tomou realmente cores mais fortes.

A Bíblia, fonte magnífica de conhecimento, porém envolta em superstição e ignorância, tem sua primeira parte, o Antigo Testamento, embasado no livro dos judeus, a Torá, ao que foi

acrescentado o Novo Testamento, que trata da vinda, atuação e ensinamentos de Jesus, forma o material de origem de tantas pregações e sermões em nome da fé.

Nossa primeira questão é refletir, em linhas gerais, sobre como foram escolhidos os textos que compõe o livro bíblico.

Por que vários evangelhos ficaram de fora, os “apócrifos”, em oposição aos “canônicos”, aceitos e incorporados? O que eles revelam? Quais os critérios utilizados pela religião para qualificar ou desqualificar escritos antigos?

Do modo como a conhecemos, a Bíblia é um conjunto de documentos históricos escolhidos e agrupados, mas há outro conjunto, que foi menosprezado, e, com o tempo, excluído e calado, que também é composto por documentação histórica relacionada ao Arquitecto, Seu Filho e Seus ensinamentos.

A confecção da Bíblia passou, então, por processos de manipulação humana, de acordo com as conveniências de um grupo minoritário, nem sempre tão religioso, tendo como principal finalidade garantir o controle sobre as massas. Ainda que diluída, peneirada e manipulada, a mensagem chegou aos que sabem ler, àqueles que entendem que vivemos um período intermediário, aguardando o sinal do Filho do Homem e a conexão de nosso planeta com o amplo Universo do Criador.

Não cabe mais manter a posição ingênua de que a Bíblia existe tal como é desde o início, e que não foi manipulada maciçamente por diversas mãos ao longo dos séculos. A realidade pode ser adulterada até o ponto de parecer outra.

O catálogo e escolha dos textos e dogmas da cristandade foram decididos aos poucos, em reuniões episcopais, os concílios. A data do primeiro concílio da comunidade de Cristo, nossa herança Divina, não é exata, gira entre 49 e 50 de nossa era. Tratou-se da discussão, entre as importantes figuras de Pedro e Paulo, acerca de quem faria parte do rebanho cristão e qual seria o destino de judeus e gentios, não hebraicos.

Entre o primeiro e o segundo concílio, o de Nicéia, em 325, prevaleceram as diretrizes de Ário de Alexandria, pelas quais Deus e Cristo não eram a mesma entidade, não existia unidade de Pai e Filho, muito menos a Trindade.

O imperador romano Constantino (280-337), em uma manobra política, convocou o concílio de Nicéia. Ali, condenou o

arianismo e mandou que fosse deliberada, por lei, a “unidade da substância”. Jesus e o Criador passavam a ser a mesma pessoa. Também em Nicéia ficaram definidos os evangelhos inspirados, canônicos, e os apócrifos, sem utilidade. Só quatro foram utilizados: Mateus, Marcos, Lucas e João. Os evangelhos de Tiago, Mateus, Pedro, Judas, Maria, o Livro Árabe da infância de Jesus, o Livro Armênio, o evangelho dos hebreus, de André, Paulo, Tadeu, Tomé, Matias, Barnabé, Felipe, Bartolomeu, Nicodemos e tantos outros, formando mais de 40 livros, foram excluídos pelo culto oficial.

Seitas externas, baseadas nesses escritos, foram ditas “heréticas”, e condenadas pela Igreja Católica de Roma. Observa-se, no livro de Lucas, que muitos antes dele escreveram de maneira ordenada sobre os ensinamentos de Jesus e a maquinaria do Universo:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído (Lucas 1, 1-4).



Para justificar as escolhas, mais que discutíveis, há diversas versões absurdamente utilizadas. Uma afirma que o próprio Espírito Santo adentrou no prédio do concílio, em forma de pomba branca, atravessando o vidro sem quebrá-lo.

Pousando no ombro direito de cada bispo da reunião a ave sussurrou em seus ouvidos quais eram os evangelhos inspirados. Outra afirma que, enquanto rezavam os clérigos, os evangelhos verdadeiramente inspirados pelo Espírito colocaram-se sozinhos sobre o altar, enquanto os apócrifos espalharam-se pelo chão.

Para homens como o bispo de Lyon, Irineu, “o evangelho é a coluna da Igreja, a Igreja está espalhada por todo o mundo, o

mundo tem quatro regiões, e convém, portanto, que haja também quatro evangelhos. O evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e pois, como há quatro ventos cardeais, daí a necessidade de quatro evangelhos. [...]

O verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, os querubins têm quatro formas, eis porque o Verbo nos obsequiou com quatro evangelhos”.

Em Constantinopla, no ano de 381, sob tutela do imperador Teodósio, o segundo concílio estabeleceu o dogma, em vigor até hoje, da Santíssima Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo seriam três pessoas co-iguais. É uma idéia de difícil compreensão e, ao mesmo, questionável. Se existe Trindade, é o Poder, a Sabedoria e a Inteligência reunidos em um só Criador. Teodósio iniciou a matança dos pagãos.

A intervenção de leigos, não iniciados nas palavras enigmáticas das escrituras, é constante na história. Movida por interesses terrenos, corrompida pelo poder ou tentada a formar alianças políticas com o “sagrado”, a camada laica se confundirá entre os versículos e capítulos bíblicos, distanciando a humanidade da verdade.

Quando as bases dogmáticas da cristandade estavam já cristalizadas, uma terceira força monoteísta entrou no caldo que já contava com judeus, católicos ocidentais e ortodoxos do Oriente: o Islamismo. Seguidores de Maomé e, em última e maior instância, de Alá, os fiéis originados das areias arábicas entraram em contato e em choque com a cristandade, nas cruzadas do período medieval.

Os papas de Roma se entregaram à vida e aos gostos mundanos, temporais, consumando relações carnavais com homens e mulheres, gerando filhos bastardos e corrompendo a função de representante do Senhor, nosso Deus, na terra.

A própria função de “representante” é estranha. O Arquiteto de todas as coisas não precisa de representante; o papa é, nesse sentido, mera criação, como todos nós.

Com apenas 11 anos, o papa Bento IX chegou a vender sua abdicação por mil liras de prata. Entre os séculos IX e X houve um total de 35 papas, que eram assassinados, seqüestrados, mutilados e envolvidos em contendas mundanas.

A própria escolha de quem ocuparia o lugar do principal bispo da seita católica se tornou uma questão política, gerando acirrada disputa entre o centro da península itálica e os imperadores do Sacro Império Romano Germânico.

Essa disputa foi, muito tempo depois, uma das razões para a eclosão da Primeira Guerra Mundial, conflito primeiro que dividiu o mundo em duas vertentes.

As reformas no clero, como a monástica e a gregoriana, aconteciam seguidamente, na tentativa de corrigir o comportamento da classe.

Começou a venda de indulgências; os pecados seriam perdoados se o fiel contribuísse monetariamente com a Igreja.

Em outras palavras, começou a venda de lugares no Paraíso e do perdão divino. Antes, os cruzados já eram levados a deixar suas posses e partir para a Terra Santa em troca de conforto e lugar no plano paradisíaco.

Aos que não podiam pagar pela indulgência, que era, obviamente, cara e destinada aos homens de posse, foi disponibilizado o comércio de amuletos, talismãs e pedaços de ossos, corpos e fluídos que diziam ser proveniente do Sagrado. Era o sacro comércio.

Pense nas forças alienígenas, interplanetárias, infinitamente maiores que a mesquinharia do homem, contemplando a peleja por poder e as justificativas inventadas para legitimar o controle. Um espetáculo!

O que dizer, então, quanto ao estudo das ciências? Para proteger suas idéias tacanhas e cegar os olhos de suas ovelhas, a Igreja perseguiu os inovadores, os que subiam um degrau acima no raciocínio mortal, chegando, por conseqüência, mais perto do Divino.

Galileu Galilei foi obrigado a abjurar de tudo o que tinha dito sob pena de arder na fogueira. Em 1163, o Papa Alexandre III proibiu solenemente o estudo da física pelos clérigos, considerando-a herética.

Em 1380, o parlamento francês, influenciado por Roma, proibiu o estudo da química. Em 1564, foi a vez de a Santa Inquisição condenar a morte o médico André Vesalio (1514 - 1564), fundador da anatomia moderna, por ter aberto um cadáver

masculino e verificado que *não faltava* uma costela de Adão, tema que a religião lecionava ao pé da letra.

A Igreja Católica do Ocidente entrou, enfim, em processo de Cisma com a Reforma Protestante. Dela derivaram diversas outras igrejas, e mais religiões povoaram o planeta, encontrando sempre grande número de adeptos, porque é mais fácil ser guiado do que enfrentar a realidade.

Batistas, mórmons, metodistas, quakers, anglicanos, luteranos, calvinistas. Também os islâmicos e judeus têm suas vertentes: xiitas, sunitas, sufistas, ortodoxos, etc. Vamos analisar três ideários em voga atualmente: Teologia da Prosperidade, da Libertação e da Cura Divina.

Para as duas primeiras, quanto mais o fiel prosperar e contribuir financeiramente com sua igreja, de modo que ela também prospere, mais recompensa espiritual obterá nesta e na próxima vida. Quanto maior o desapego ao dinheiro, que deve ser então doado à instituição, mais será o fiel notado aos olhos de Deus e, mais tarde, mais será gratificado. Note a distinção, com base censitária, dos filhos do Senhor: os que doam mais são melhores filhos ao Pai.

Para a Teologia da Cura Divina, todos os males físicos e espirituais podem ser curados por Deus, com intermédio dos homens, através de doações que elevem o santuário celeste na terra. É possível se livrar da cadeira de rodas, dos óculos, do alcoolismo, distúrbios de sexualidade e, inclusive, de uma horda de demônios e espíritos “perturbadores” que possuem o corpo dos fiéis, impedindo o desenvolvimento da vida.

Voltamos a vender indulgências? Ou, de fato, nunca paramos de comercializá-las? Isso não importa. As pessoas pagam porque necessitam desesperadamente de conforto psicológico.

Quem recebe o dinheiro sabe que a manipulação pelo medo mais primitivo pode render bons frutos.

Não esqueça: existe uma esperança supra-racional, maior e eternamente mais pura que qualquer construção de pedra, que é a força que move o Universo, aquela para a qual convergem a Fé e a Razão: o Arquiteto Criador. É preciso reler a Bíblia e reter

somente o que é benéfico, o que não afundou entre os dedos das mãos humanas, tão pequenas.

Dedicando-se a conhecer os mistérios de Deus, lendo os escritos sagrados, teremos mais chance de compreender o Sinal do Filho do Homem, que nos será entregue “de graça”, sem dinheiro e sem parcelas, pois isto é invenção mundana.

Aos olhos do mecanismo celestial, que nos criou, ele não vale nada. Seus inventores, os homens, ao contrário, valem tudo. Nosso prego tende, matematicamente, ao infinito!

Não devemos mais nos prender a coisas pequenas e causas levianas; temos, ao contrário, de procurar o conhecimento que nos encaminhará à vida eterna e a um trabalho nobre e superior. O Criador está em constante atividade:

Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também (João 5, 17).



É essencial ao ser humano a consciência de que, dividindo em três partes o desenvolvimento do Universo, o Planeta Terra surgiu apenas na terceira parte. O Big Bang, início do Universo, ocorreu há 13,7 bilhões de anos, enquanto a Terra tem pouco mais de quatro bilhões. Dividindo esses mesmos 13,7 bilhões de anos do Universo em 67.500 partes, temos que nosso aparecimento, enquanto *Homo sapiens sapiens* que somos, ocorreu somente na 67.500ª parte da História do Universo, que em nenhum momento deixou de se expandir e se desenvolver, enquanto nós mal conhecemos o pequeno Planeta em que vivemos.

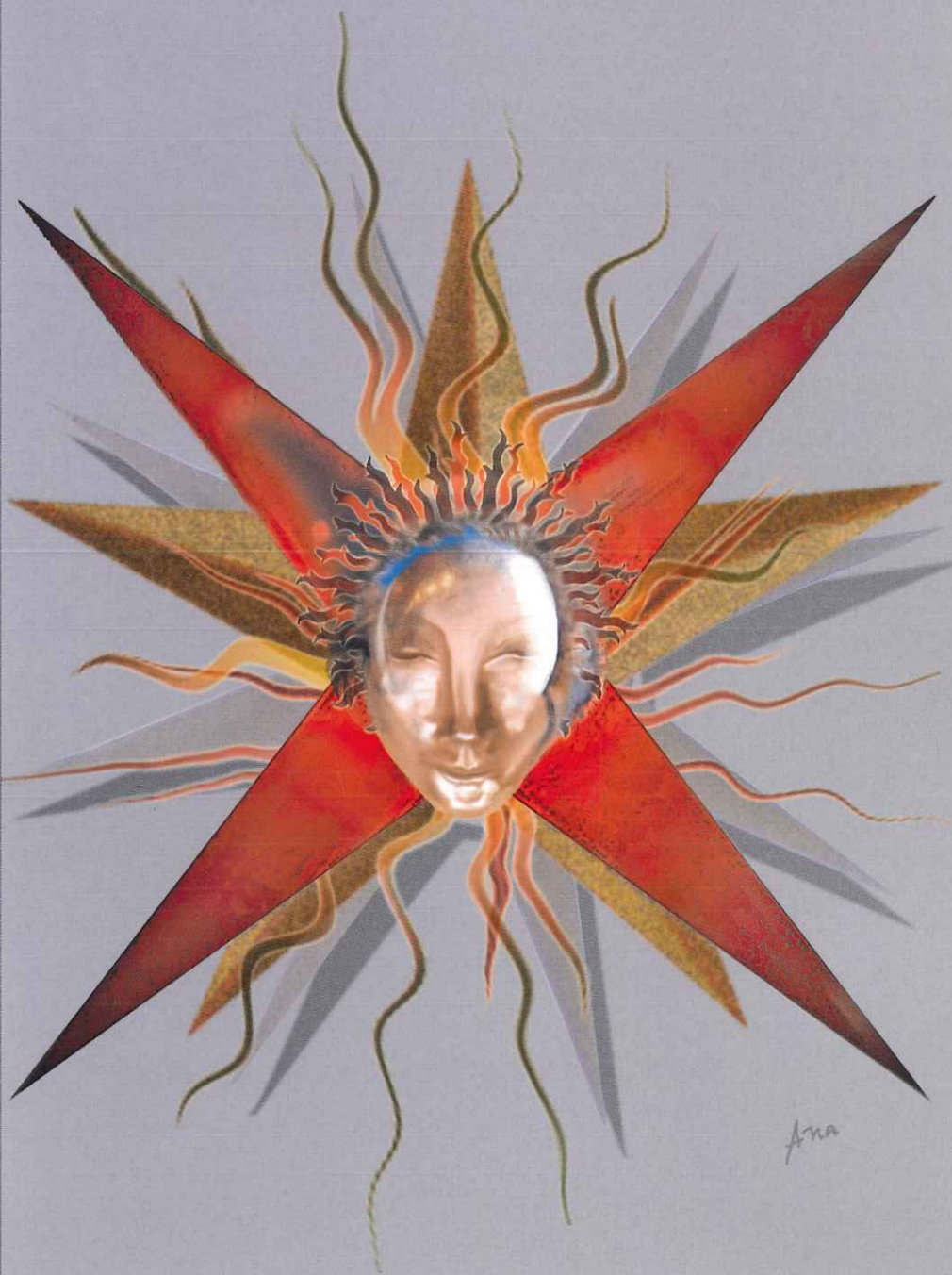
Para ultrapassar este ponto do livro, talvez seja necessário superarmos em nós mesmos algo que Nietzsche explicou de seguinte forma:

“Existe, freqüentemente, em suma, uma espécie de humildade receosa, que, quando nos aflige, nos torna para sempre impróprios para as disciplinas do conhecimento. Porque, no momento em que o homem que a transporta descobre uma coisa que o choca, dá meia volta seja como for, e diz consigo:

‘Enganaste-te! Onde é que tinhas a cabeça? Isso não pode ser verdade!’. De forma que em vez de examinar mais de perto e de ouvir com mais atenção, desata a fugir completamente aterrado, evita encontrar aquilo que o choca e procura esquecê-lo o mais depressa possível. Porque eis o que diz a sua lei: ‘Não quero dizer nada que contradiga a opinião corrente. Serei eu feito para descobrir novas verdades? Já há demasiadas antigas’” (Friedrich Nietzsche em ‘A Gaia Ciência’, 1882)

*" Não te mostres fraco no dia da angústia.
Combata-a com associação que funda
seus princípios, na crença de que não há
pecado que não seja perdoado "*

MARCO DI PIETRO



Ana

3

APÊNDICE

ODISSÉIA

*Ou poderás tu atar as cadeias do
Sete-estrela, ou soltar os laços do orion?*

*Ou fazer aparecer os signos do
Zodíaco ou guiar a Ursa com seus filhos?*

*Sabes tu as ordenanças dos céus, podes
estabelecer a sua influência sobre a terra?*

*Podes levantar a tua voz até às nuvens, para que a
abundância das águas te cubra?*

*Ou ordenarás aos relâmpagos que saiam e te
digam: Eis-nos aqui? Quem pôs sabedoria nas
camadas de nuvens?*

*Ou quem deu entendimento ao meteoro?
Quem pode numerar com sabedoria as nuvens? Ou
os odres dos céus, quem os pode despejar?*

(Jó 38, 31 ao 37)

ODISSÉIA

Ao longo da história da humanidade repetem-se as mesmas questões acerca do Universo: Quem somos? Qual nossa origem? Para onde vamos? O que é o tempo, como funciona, por quê? Como surgiu tudo isso? E no futuro, o que ocorrerá?

A lista de perguntas sem resposta é longa e, enquanto muitos buscam soluções para esses enigmas, diversos chegaram supostamente a encontrá-las, desde poetas e filósofos até os mais renomados cientistas.

Por outro lado, um ramo da Ciência denominado Cosmologia — que é o estudo da origem, estrutura e evolução do Universo, com princípio em aplicação de métodos científicos — em conjunto com a Astrofísica — ramo da Astronomia que lida com a Física do Universo, compreendendo as propriedades físicas, como luz, densidade, temperatura, composição química de objetos astronômicos como estrelas, galáxias e meio interestelar, e suas interações —, desenvolveu-se buscando respostas abrangentes para as tais questões. Mas isto ocorreu de forma lenta e historicamente desacreditada.

Desde os mais remotos estudos, ocorridos ainda na Antiguidade, com seus expoentes, ainda que divergentes, nos gregos Pitágoras e Aristóteles, quando a observação dos astros ainda era realmente primitiva, diversas teorias surgiram e foram ultrapassadas. Assim como Pitágoras^[50] e seus seguidores não estavam certos em suas teorias, falhou a teoria geocêntrica de Aristóteles^[51]. Três séculos antes do nascimento de Cristo, o grego Eratóstenes^[52], sob encomenda da corte Egípcia, descobriu, em Alexandria, o perímetro aproximado da esfera terrestre — note-se que a Terra já era sabidamente redonda! — a partir de sombras geradas pela luz solar.

Outros estudiosos, como o geógrafo grego Estrabão, já no início da Era Cristã, seguiram com novas descobertas a partir dos estudos de Eratóstenes, concluindo inclusive sobre a existência de habitação humana em outras partes do planeta, das quais não tinham notícias ou maiores conhecimentos.

No século II da nossa Era, Cláudio Ptolomeu, também em Alexandria, teorizou que esferas transparentes formadas de cristal giravam ao redor da Terra, subordinando o Sol e os diversos planetas.

Para ele, a Terra era o centro do Universo. Ptolomeu chegou a considerar a possibilidade do heliocentrismo, no qual o Sol seria o centro do Sistema Solar, mas abandonou a teoria em virtude dos estudos de Aristóteles. O santo católico Tomás de Aquino, um milênio depois, no século XIII, adotou esta teoria de Ptolomeu e Aristóteles, que foi seguida de modo intocável até o século XVI.

Neste período, os estudiosos aceitavam a teoria geocêntrica, conforme Aristóteles e Ptolomeu, de maneira que no centro do Universo estava a Terra, parada, ao passo que os demais corpos celestes a circundavam. Porém, por volta de 1500, Nicolau Copérnico^[53], ainda receoso, divulgou suas teorias cosmológicas, que demonstravam que o centro era o Sol, e que a Terra e os demais corpos celestes giravam ao seu redor.

Neste ponto da evolução não houve atrito, os religiosos da cúpula católica, surpresos e intrigados, chegaram inclusive a incentivar o desenvolvimento da idéia.

Contudo, no século seguinte, a Igreja passou a rejeitar a teoria de Copérnico, chegando a incluir seus trabalhos na lista de material proibido e realizar adaptações através de seus censores eclesiásticos aos trabalhos publicados. E foi neste cenário que surgiu Galileu Galilei.

A PRIMEIRA REVOLUÇÃO DA COSMOLOGIA: O TELESCÓPIO

Hans Lippershey^[54], um fabricante de lentes da região em que se situa a Holanda, inventou, em 1608, o que é considerado o primeiro telescópio. Sua finalidade inicial seria a utilização bélica do equipamento, que possibilitava a observação de pontos distantes. Rapidamente a notícia chegou ao estudioso astrônomo Galileu Galilei, na Itália.

Decorrido um ano, Galileu já havia desenvolvido algumas versões do equipamento através de suas experimentações e

vidro polido. Tornou-se o primeiro investigador astrônomo a observar o céu noturno com telescópio.

Com a utilização de seus telescópios, também conhecidos como lunetas, Galileu pôde observar e descobrir uma série de fenômenos celestes até então inéditos, como peculiaridades da Lua — chegando a mapear seu relevo, fases de Vênus, satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, características de formação da Via Láctea e suas incontáveis estrelas e constelações, além das manchas solares.

Dessa forma, o telescópio superou todos os arcaicos instrumentos de observação cósmica que já haviam sido empregados, como o astrolábio, por exemplo. E os estudos de Galileu evidenciaram de maneira definitiva a teoria heliocêntrica de Copérnico, fato este que lhe trouxe um grande conflito com a Igreja Católica, que, por motivação teológica, coagia o estudioso a tratar suas teorias como meras hipóteses.

Apesar da problemática com a Igreja e com outros estudiosos e filósofos de sua época, Galileu prosseguiu por duas décadas com seus estudos e divulgações de suas teorias e descobertas, o que o levou a ser julgado e condenado, em 1633, por crime de heresia, passando os últimos oito anos de sua vida em regime de prisão domiciliar, tornando-se o único homem condenado pela Santa Inquisição por motivo estritamente científico e, conseqüentemente, expoente máximo do debate que envolve Fé e Ciência.

Somente após mais de três séculos, em 1979, a Igreja Católica, através do Papa João Paulo II, inocentou Galileu das acusações de heresia.

Em seguida de Galileu, o alemão Johannes Kepler^[55] (1561-1630), desenvolveu um novo modelo de telescópio, utilizando duas lentes convexas. Seu invento veio a ser conhecido como o Telescópio de Kepler.

Kepler observou, no sistema solar, que os astros têm órbitas elípticas, e relacionou suas teorias à geometria. A Cosmologia só saiu do campo da filosofia a partir dos estudos do cientista inglês Isaac Newton (1643-1727), reconhecido notoriamente como o físico, astrônomo e matemático que descobriu e formulou a lei da gravidade, o que originou uma base mais sólida para o novo campo das ciências.

Newton comprovou as leis de Kepler sobre os movimentos dos planetas, demonstrando que todos os corpos celestes, assim como a Terra, têm seus movimentos regidos pelas mesmas leis naturais, aprofundando-se, ainda, na teoria do heliocentrismo.

O cientista difundiu também a noção de que as investigações científicas podem propiciar revelações sobre o funcionamento inerente de todos os componentes da natureza.

Saltando para o início do século XX, surge Albert Einstein (1879-1955), físico alemão judeu que, depois de fugir do nazismo de Hitler, viveu nos Estados Unidos, onde realizou grande parte de sua obra. Einstein é tido como um dos maiores gênios da ciência, e suas investigações possibilitaram, entre outros, o desenvolvimento da energia atômica, além de lhe render diversos prêmios, como o Nobel de Física.

Mas o ponto mais relevante de seus estudos se deu com a Teoria da Relatividade Geral, iniciada pelo cientista através de artigo publicado em 1917, cujo nome foi traduzido para Considerações Cosmológicas Sobre a Teoria da Relatividade Geral. No artigo, ao analisar o universo como um todo, sob a ótica da relatividade, Einstein introduziu sua tese de constante cosmológica, que exerceria uma força antigravitacional, impedindo um colapso no universo causado pela ação gravitacional, permitindo a estaticidade cósmica.

Três anos depois, Alexander Alexandrovich Friedmann (1888-1952), matemático e cosmólogo russo — reconhecido como um dos criadores da teoria da expansão e do Big Bang —, percebeu — através de soluções matemáticas que criou, conhecidas de forma genérica como soluções de Fridmann —, que apesar da constante cosmológica anunciada por Einstein, existia a possibilidade de se prever um universo dinâmico, seja em expansão ou contração.

A SEGUNDA REVOLUÇÃO DA COSMOLOGIA: OS GRANDES TELESCÓPIOS

Foi neste momento da História, início do século XX, que surgiu, com o desenvolvimento de novos telescópios maiores e mais potentes, a segunda revolução científica na observação astronômica, tornando possível a realização de estudos mais amplos e aprofundados do Universo.

Trabalhando no Observatório do Monte Wilson com um telescópio refletor recém-desenvolvido, na Califórnia, EUA, o astrônomo Edwin Hubble (1889-1953) foi pioneiro no estudo sobre a sistematização das galáxias, comprovando a existência de outras, além da Via Láctea, umas semelhantes, outras diferentes. Identificou diversas delas, classificou quanto a estrutura e formato, determinando suas distâncias.

Hubble comprovou que o Universo está em permanente expansão, notando que as demais galáxias estão se afastando em relação à nossa e entre si, de maneira que o espaço entre galáxias se expande ininterruptamente, o que veio a se tornar a lei de Hubble sobre a expansão do universo.

Em seguida passou a calcular a velocidade do movimento das galáxias no espaço.

Paralelamente, o padre, matemático e físico belga Georges Lemaître (1894-1966) introduziu a teoria da explosão do núcleo primordial, afirmando que todo o universo em expansão seria formado por fragmentos dessa explosão: as galáxias e os diversos corpos celestes. Dessa forma teve início a teoria do Big Bang^[56], ou a Grande Explosão, como explicação para a origem do universo, o que, a princípio, não foi muito bem recebido sequer pela comunidade científica.

Segundo a teoria do Big Bang, o universo emergiu, a cerca de 13,7 bilhões de anos, a partir de um estado extremamente denso e quente, através de uma espécie de explosão que causou expansão da matéria primordial. A teoria contou com a colaboração de trabalhos realizados por diversos estudiosos, entre eles se destacaram os já citados Alexander Friedmann e Georges Lemaître, além de Howard Percy Robertson e Arthur Geoffrey Walker, tendo como base a Teoria da Relatividade Geral, de Einstein; e Big Bang tornou-se o nome científico da fase inicial de formação do universo.

Por quase um século o mundo científico da cosmologia debateu e se aprofundou nesse tema, conquistando cada vez mais conhecimento acerca do universo e de sua constituição.

Alguns novos fatores de grande importância foram surgindo, como, por exemplo, a descoberta da possibilidade de estudar a radiação cósmica originada a bilhões de anos e ainda presente no espaço, prevista pelo físico russo George Gamow em

1948, observada acidentalmente por cientistas em 1965 e finalmente comprovada em observações possibilitadas pelo COBE, Cosmic Background Explorer, primeiro satélite lançado ao espaço com finalidade exclusivamente cosmológica, no ano de 1989.

Os resultados obtidos através desse satélite aumentaram a credibilidade da cosmologia no mundo científico, trazendo a confirmação de uma série de teorias, entre elas o Big Bang.

Como podemos perceber, a evolução desse período, que teve início com a revolução trazida pelos grandes telescópios e observatórios espaciais, levou rapidamente o homem e seus equipamentos ao espaço. Em outubro de 1957 a Rússia lançou o primeiro satélite, o Sputnik; um mês depois lançou um foguete, o Sputnik II, levando a cadela Laika à imortalidade, já que se tornou o primeiro ser terrestre a ir para o espaço.

Dois meses depois, início de 1958, os Estados Unidos enviaram seu primeiro satélite, e a seguir se deu uma grande corrida entre os dois países pela conquista do espaço, até que, em abril de 1961, a Rússia enviou o primeiro homem, o astronauta Yuri Gagarin^[57] (1934-1968), a bordo de uma nave; um mês depois foi a vez dos americanos.

Em meados da década de 1960 os dois países já haviam enviado inúmeros satélites de exploração e comunicação, até que, em julho de 1969, apenas onze anos após o primeiro lançamento de um objeto terrestre ao espaço, a missão americana Apollo 11 pousou na Lua e o mundo pôde ver, no que seria “um pequeno passo para o homem, mas um grande passo para a humanidade”, os astronautas Neil Armstrong^[58] e Edwin Aldrin caminhando sobre sua superfície. Outras seis missões da série Apollo pousaram posteriormente no satélite natural da terra; em cinco oportunidades astronautas desceram para reconhecimento.

De fato, essa evolução alcançou um ritmo bastante acelerado, o que podemos constatar pelo fato de que, pouco mais de meio século após o primeiro lançamento ao espaço, já encontramos registro de poluição espacial, como alertam a ESA, Agência Espacial Européia, e a americana NASA, Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço, que relatam a existência de nove mil fragmentos de lixo espacial ao redor da Terra, com um total superior a cinco mil toneladas de material flutuando, quantidade que tende a crescer muito, já que a tecnologia e o conhecimento avançam de maneira desenfreada.

TERCEIRA REVOLUÇÃO DA COSMOLOGIA: ALTA TECNOLOGIA

A evolução das tecnologias espaciais fez a Cosmologia virar o milênio alcançando uma revolução científica extraordinária que está apenas no início, mas que, através de equipamentos modernos, já foi capaz de sanar a maioria das dúvidas cosmológicas pendentes do século XX, levando o mundo científico a teorizar em busca de novos horizontes.

Com base na história da evolução desse ramo, não se espera que os leigos acreditem em todas as teorias emergentes, muito menos os religiosos, o que também não seria coerente, visto que nem todas se confirmarão no decorrer do tempo.

Mas já não há muito espaço para ceticismo científico nessa área. Uma quantidade exorbitante de novos instrumentos, de alta tecnologia, foi desenvolvida e está em uso, como detectores de ondas gravitacionais e telescópios de raio-x; e tem mais tecnologia, até de maior porte, em desenvolvimento.

A última década do século XX foi marcada pelo programa norte-americano de lançamento ao espaço de quatro grandes telescópios (observatórios) espaciais, no projeto Great Observatories Program. Cada um possui um foco investigativo, mas juntos se complementam nas análises sobre nascimento, funcionamento e desenvolvimento do Universo.

O programa segue em curso, os quatro observatórios cumpriram ou cumprem suas metas e já estão previstos quatro substitutos mais avançados para a continuidade dos estudos. Os resultados são fascinantes.

Inicialmente foi lançado o HST, Hubble Space Telescope, em 1990, para observar a luz visível e a luz ultravioleta. A idéia desse telescópio espacial foi recomendada em 1946 e passou a ser desenvolvida e aprimorada desde 1965 e, nesse período que o antecedeu, houve uma série de tentativas e aprimoramentos, ganhando corpo através do desenvolvimento da técnica de vaivém de tripulação nos ônibus espaciais, pois a possibilidade de reparos, assistência e recolhimento de dados se mostrava imprescindível.

O próprio HST por vezes recebeu manutenções e até a instalação de novos equipamentos sem que fosse necessário sua retirada do espaço. O recolhimento de dados foi substituído no meio da década de 1990 por um sistema de transmissão direta, via satélite, para a Terra e disponibilizados aos estudiosos, que repassam ao público suas observações baseadas em complexas análises.

Em 1991 foi lançado o segundo observatório espacial, o CGRO, Compton Gamma Ray Observatory, voltado para a observação da radiação gama dos corpos celestes, podendo registrar alguns dos processos físicos mais violentos. Pesando em torno de 17 toneladas, e tendo como medida 9,1 por 4,6 metros, o CGRO era formado por quatro instrumentos sofisticados que cobriram, em apenas uma, cerca de seis décadas de estudos sobre o espectro eletromagnético, detectando mais de 2.500 explosões de raios gama, e descobrindo centenas de fontes até então desconhecidas dos raios, desde buracos negros e estrelas que explodem ao próprio Sol.

Em 2000 o CGRO apresentou problemas técnicos e foi retirado com segurança do espaço. O terceiro observatório lançado foi o CXO, Chandra X-ray Observatory em 1999, com a missão de verificar a radiação de raio-X nos buracos negros, quasares e gases com elevada temperatura. O CXO é inteiramente controlado da Terra e transmite dados processados a cada oito horas para o centro de controle através de antenas, que são disponibilizados para as observações e estudos científicos.

Por último, foi enviado o SST, Spitzer Space Telescope, em 2003, com a finalidade de observar a ação dos raios infravermelhos que não chegam aos telescópios terrestres, devido à absorção ocorrida na nossa atmosfera.

O SST capta imagens de localidades do espaço que por diversos fatores não são visíveis da Terra, permitindo a observação, de forma muito sensível, da formação de estrelas, galáxias inteiras e sistemas solares, e a detecção, inclusive, de moléculas orgânicas dispersas no espaço.

Dos quatro observatórios lançados pelo programa da NASA, apenas um não está em operação, o CGRO, que sofreu problemas, mas os demais permanecem em pleno funcionamento e o programa já apresenta outros quatro sucessores.

O JWST, James Webb Space Telescope, com equipamentos extremamente avançados, com previsão de

lançamento para 2013, terá a missão de analisar os raios infravermelhos que resultaram do Big Bang, obtendo assim informações sobre o início da formação do Universo, há 13,7 bilhões de anos, possibilitando a observação da formação das primeiras estrelas e galáxias e a evolução conseqüente; o GLAST, Gammaray Large Area Space Telescope, em fase de lançamento, está programado para ampliar a exploração das galáxias e das diversas fontes extraterrestres de energia através da observação dos raios-gama; em seguida deve ir ao espaço o observatório Constellation-X, que investigará os buracos negros através de raios-x; e, por fim, há o INTEGRAL, International Gamma-Ray Astrophysics Laboratory, já em funcionamento, um telescópio de alta sensibilidade de detecção de radiação gama, que visa analisar a radiação energética espacial. O INTEGRAL foi concebido de maneira conjunta entre as agências espaciais da Rússia, da Europa e dos Estados Unidos.

Outros tantos telescópios espaciais foram colocados em funcionamento neste período pelas agências espaciais, mas os citados são até o momento os de maior destaque nessa linha.

Vale lembrar que a China, assim como a União Européia, a Rússia e os EUA, é também uma potência espacial, com uma enormidade de objetos no espaço.

WMAP: A ODISSÉIA NO ESPAÇO

A NASA enviou ao espaço, em 2001, através de um foguete, o Wilkinson Microwave Anisotropy Probe, WMAP, instalado a 1,6 milhão de quilômetros da Terra, uma sonda que tem como finalidade estudar profundamente o espaço, mensurando as diferentes temperaturas observadas na radiação cósmica de fundo — um espectro térmico de radiação que preenche os espaços do Universo — remanescente do Big Bang.

Este equipamento detecta a fraca radiação das microondas que banham o Universo, e possui tanta sensibilidade que pode fotografar, minuciosamente, o brilho da radiação de microondas gerada pela Grande Explosão.

Dois anos depois, em 2003, a comunidade científica ficou perplexa com os dados recebidos do WMAP. A NASA divulgou resultados precisos sobre a origem do universo que os cientistas interpretaram através de imagens do Big Bang. As imagens

confirmaram a idade exata do Universo, 13,7 bilhões de anos, e mostraram que em sua composição há apenas cerca de 4% de átomos de matéria. Surpreendeu pelo fato de descobrir que as primeiras estrelas brilharam somente 200 milhões de anos após a Grande Explosão, muito antes do que imaginavam os estudiosos.

Os cientistas da Nasa haviam capturado imagens que detalhavam a “infância” do Universo, que a partir de então poderia ser descrito precisamente, contendo informações acerca da natureza do que é chamado de energia escura, que age como uma espécie de força antigravitacional e representa 74% de toda a matéria. A matéria escura, um tipo de matéria ainda pouco conhecida, também foi mensurada, e representa 22% da matéria presente no Universo.

A inquietação gerada pelo desconhecido é provavelmente o grande apelo da ciência da cosmologia, e toda a matéria do Universo efetivamente conhecida representa entre 1 e 4% do volume total existente, pois o restante é “matéria escura” e “energia escura”.

Matéria escura e energia escura são os maiores componentes do Universo, recém-descobertos, e preenchem todo o espaço aparentemente vazio, e os cientistas atualmente empenham-se em desvendá-los.

Mesmo o conhecimento acerca do que já se supunha conhecido evolui e mostra à Ciência algo desconhecido, ainda a ser esclarecido. A física quântica, por exemplo, já chegou ao sétimo elemento que compõe o átomo enquanto as escolas regulares mal chegaram ao sexto e se atêm a apenas um. Um átomo depende de uma harmonia entre seus elementos.

Depois de reconhecer seis elementos (Neutrinos, Elétrons, Quarks, Glúons, Bósons e Fótons), os físicos chegaram aos Grávitons, que, apesar do desconhecido mistério que ainda representa, já se sabe que é o elemento responsável pela ação da gravidade — aquela mesma que teve as leis formuladas por Isaac Newton três séculos atrás.

A radiação cósmica de fundo, objeto do estudo, viajou durante esses 13,7 bilhões de anos até ser captada pela sonda WMAP, e trouxe consigo amostras do que veio a ser o Universo, com suas galáxias e toda a estrutura presente, possibilitando o início de uma nova etapa, bastante avançada, do estudo cosmológico.

A partir desse momento, toda a comunidade científica teve que rever suas teorias.

Em 2005, Michio Kaku, renomado autor e professor de Física, escreveu o livro “Mundos Paralelos: Uma jornada através da criação, das dimensões superiores e do futuro do cosmo”, no qual considerou e consultou diversos dos mais conceituados cientistas (entre físicos, astrônomos, cosmólogos, astrofísicos e outros), incluindo vencedores do Prêmio Nobel e titulares das mais importantes cadeiras institucionais, acadêmicas e governamentais, do mundo.

Ou seja, o livro reúne o que há de mais importante e atual nesse início da terceira revolução cosmológica, com base em leis físicas e biológicas.

Segundo Kaku, o mundo científico sabe, desde Edwin Hubble, no início do século XX, que o Universo está em expansão, de forma que as distâncias se ampliam, porém o pensamento recorrente até pouco tempo era o de que, ao envelhecer, o Universo reduziria o ritmo da expansão até o zero, porém ocorre o inverso.

Já em 1998 um grupo de cientistas tinha calculado o ritmo da expansão através da observação em fortes explosões de supernovas em galáxias longínquas, mas os resultados, até então, eram inacreditáveis, pois haviam encontrado uma força ainda desconhecida que estava causando um distanciamento entre as galáxias, de forma a acelerar o processo de expansão.

Relutaram inclusive em publicar a descoberta, pois seriam provavelmente muito contestados.

O WMAP confirmou — através de dados coletados e interpretados pelos estudiosos em 2003 — que o espaço vazio é na verdade preenchido por uma energia escura repulsiva capaz de fazer com que o Universo continue se expandindo até explodir, já que a expansão aumenta a quantidade dessa energia escura, que, por sua vez, acelera o processo de expansão, intensificando-o incessantemente.

Outra descoberta recente mostra que devido à quantidade exorbitante de energia escura e matéria escura, o ensino regular escolar de química é errado, pois o Universo não é formado majoritariamente por átomos, uma vez que a quase totalidade do Universo é constituída desta matéria que, por sua vez, não é formada por átomos.

A segunda lei da termodinâmica — que diz que o calor de um corpo quente se transfere para um corpo frio, mas não o contrário — é imutável, e, segundo sua teoria, tudo se esgota até um final, de maneira que o caos e a desordem tendem sempre a

aumentar no Universo. Ou seja, os ciclos levam sempre ao fim: o ferro termina em oxidação; poderes políticos caem, e assim por diante.

Os novos conhecimentos adquiridos pela ciência demonstram que a expansão do Universo faz diluir o teor de energia, de maneira que a tendência é que a temperatura caia em direção ao zero absoluto, levando até a paralisação dos átomos. Esta seria uma forma de esgotamento do Universo, o que parece inevitável em algum ponto distante no futuro.

Os estudos atuais sobre o processo de aceleração da expansão do Universo levaram a comunidade científica a perceber que o Universo encontra-se fora de controle, e que a perspectiva de um fim chegará à vida inteligente através do congelamento do Universo.

Esta constatação, embora lide com um futuro bem distante, levou a ciência a buscar uma saída, encontrada em uma espécie de fuga para um universo paralelo, o que julga-se possível para uma civilização futura, avançada. As próprias leis da evolução prevêm que quando ocorrem mudanças radicais no meio ambiente, surgem três opções: adaptação, fuga e morte. A fuga, nesse caso, mostra-se mais coerente, e, embora possa hoje parecer utópica, é uma opção que não está descartada, nem fere qualquer lei da física quando a proposta lida com um universo paralelo.

Albert Einstein já previa, em sua Teoria da Relatividade Geral, a existência de passagens ou portais interligando os universos; na metade do século passado o físico americano John Wheeler teorizou sobre uma passagem, com base em estudos de 1921, do cientista e matemático alemão Hermann Weyl, a qual denominou wormhole, em português “buraco de verme” ou “buraco de minhoca”.

Embora os estudos sobre a possibilidade de utilização de algo como esse buraco ainda esteja em fase inicial, e mesmo a idéia de universos múltiplos ainda seja algo muito novo, cujos estudos apenas engatinham — apesar de todo o interesse recente que despertou na Ciência —, a posição de desprezar as idéias correntes no mundo científico apenas por serem estranhas ou parecerem talvez surreais ou demasiadamente ficcionais, pode até ser muito comum, mas não é mais cabível em uma sociedade contemporânea. Isto, considerando a História da Ciência, onde os horizontes foram alargados superando desprezos, desconfianças e barreiras como o autoritarismo religioso, e as verdades físicas superaram, comprovadamente, o imaginário de muita gente.

Uma idéia bastante considerada sobre os múltiplos universos diz que há um ciclo no qual universos geram novos universos. Esta é uma teoria inflacionária que se baseia na teoria quântica para o Big Bang, onde as temperaturas elevadíssimas do processo da explosão ligam o acontecimento à energia nuclear atômica.

No primeiro instante do Big Bang, o Universo era do tamanho de uma pequena partícula subatômica, de forma que no processo subsequente foram predominantes os efeitos da radiação, o que deixa a teoria da relatividade de Einstein num segundo plano para este momento específico da formação do Universo. Esta situação levou a Ciência a buscar uma solução que unificasse as teorias, quântica e da relatividade, e o melhor que conseguiu foi chegar ao que é chamado de teoria das cordas, ou teoria-M (a forma mais atual da teoria das cordas), que explica a questão dos múltiplos universos.

A teoria-M revela que tudo é formado por membranas, ou universos — talvez infinitos, e que há no Universo 11 dimensões, sendo três de espaço (comprimento, largura e altura), uma de tempo e sete de outras propriedades, como energia e massa, por exemplo. Esses universos paralelos não são vistos, mas podem estar coexistindo muito próximos, a menos de um centímetro, como também podem estar distantes.

O meio científico já utiliza essa teoria, e há cientistas importantes afirmando que novos Big Bangs ocorrem através de colisões entre duas membranas, gerando um novo Universo, e que isso ocorre com frequência.

A detecção dessas membranas é um dos grandes objetivos atuais da Ciência. Se houver uma dessas membranas muito próxima à nossa, provavelmente será descoberto em breve.

Em maio de 2008 entrou em funcionamento o LHC, Large Hadron Collider (Grande Colisor de Hádrons), que é um acelerador de partículas avançado que está sendo utilizado em uma pesquisa que envolve dois mil cientistas de 35 países. O equipamento é tão potente que há cientistas tentando proibir a experiência por meios jurídicos, alegando que o mesmo pode causar uma catástrofe cósmica capaz de destruir a Terra.

Está previsto para 2012 o lançamento do Laser Interferometer Space Antenna, LISA (Antena Espacial de Interferômetro a Laser), um sistema formado por três satélites. Trata-se de um poderoso detector de ondas gravitacionais, capaz de

observar as ondas emitidas no exato primeiro instante do Big Bang, provavelmente capaz de colocar em teste todos os cenários já teorizados: o Universo, sua formação e sua origem.

A energia necessária para a interação com outros universos é inconcebível para a nossa civilização atual, e é imprevisível o dia em que chegaremos a ela, mas é certamente algo imaginado para um futuro muito distante.

É algo imaginável apenas para uma civilização superavanzada.

Mas a fuga do congelamento do Universo já é discutida, de forma que quando chegar o momento, algo como daqui há bilhões ou trilhões de anos, a vida inteligente deste Universo deverá estar preparada, talvez até circulando e, quem sabe, fazendo turismo pelos Universos.

No momento se faz necessário buscar uma lei da gravidade quântica comprovada, que talvez seja a teoria-M, para que possa se tornar possível utilizar algum tipo de portal, que pode ser um “buraco de verme” em um buraco negro, por onde seriam enviadas sondas de reconhecimento e exploração a outros universos.

A tecnologia e o conhecimento certamente teriam que ser bem avançados, mas vimos que ambos caminham a passos largos. Um exemplo é a potência na geração de energia que vem sendo praticamente dobrada a cada cinco anos, favorecendo a elevação constante no rendimento do mais diversos equipamentos científicos.

O fato é que, cada vez mais rápido, mais é revelado, e que o desenvolvimento intelectual da humanidade torna-se cada vez mais necessário, assim como a consciência sobre as mais diversas leis do Universo, incluindo as leis da natureza, sejam biológicas, físicas, humanas ou divinas, mas, sobretudo, as leis cósmicas que finalmente surgem numa realidade incontestável e necessária, não apenas para o desenvolvimento do Universo, como também para sua preservação.

A cosmologia e seus utensílios básicos, como a eletrônica e a informática, estão aumentando em muito seus níveis de complexidade; faz-se necessário estar atentos para não cairmos na alienação.

POST SCRIPTUM

Em meados da década de 1970, a NASA lançou para fora do sistema solar duas naves não tripuladas, a Pioneer 10 e a Pioneer 11, que transportaram algumas mensagens supostamente enviadas a seres extraterrestres.

Porém a agência espacial americana tinha consciência sobre as remotas chances de conseguir contato com outros planetas através daqueles foguetes e a operação não passou de um exercício experimental.

Todo o Universo, com suas diversas galáxias, é composto por vastos vazios — hoje sabe-se que preenchidos por energia e matéria escura — e esparsos corpos materiais, como planetas, estrelas e outros, de maneira que mesmo que duas galáxias se cruzassem seriam pequenas as chances de colisões entre seus componentes.

Não há congestionamento de matéria no Universo. Pelo contrário. Há muito espaço livre entre as estrelas: um foguete lançado da Terra aleatoriamente possui uma chance em um bilhão de trilhões de atingir alguma estrela ou planeta.

Mais difícil ainda seria atingir justamente um planeta habitado por seres dotados de inteligência.

Realmente, um contato iniciado pela Terra com seres extraterrestres ainda é algo distante, que exigirá maiores avanços do nosso conhecimento.

Mas não há, talvez com raras exceções, cientista que lide com questões espaciais e exclua a possibilidade de vida extraterrestre, muitos falam inclusive em evidências.

O próprio astrônomo-chefe do Vaticano, diretor do Observatório Espacial do Vaticano, padre jesuíta Gabriel Funes, que presta consultoria direta ao Papa, concilia ambas as possibilidades, o cristianismo e a crença na existência de seres alienígenas em outros planetas, tendo, recentemente, declarado ao jornal católico oficial *L'Osservatore Romano* que “assim como há uma multiplicidade de criaturas na Terra, pode haver outros seres, até

mesmo inteligentes, criados por Deus. Isso não está em contraste com nossa fé porque não colocamos limites à liberdade criativa de Deus”.

O estudioso da Bíblia e da Ciência ainda destacou a possibilidade de nossas condições serem inferiores, como uma espécie de ovelhas desgarradas, e que além dos limites da Terra “poderia haver outros que tenham permanecido em amizade plena com o Criador”.

Enquanto isso, apenas um terço da população mundial pode ver o céu estrelado a olhos nus, por causa do excesso de poluição e iluminação artificial urbana.

Destes, poucos fazem uso da possibilidade, já que muitos estão ocupados demais para pensar.

NOTAS

Prefácio

[1] *O Poder do Mito*, p.06, Editora Palas Athena.

[2] Os dados matemáticos apresentados e o aparecimento da vida celular a partir de elementos químicos são discutidos em Erich von Däniken, no livro. *Somos todos filhos dos deuses: se os túmulos pudessem falar...*, tradução de Airton Gandolfi. O suíço Von Däniken tem um interessante trabalho, composto por várias obras, algumas *best-sellers* e traduzidas em diversas línguas, como “*Eram os Deuses Astronautas?*”. Seu foco de estudo é sempre a influência extraterrena celestial nos passos do homem na Terra, de tempos pré-históricos aos dias atuais.



CAPÍTULO 1

Supernovas

[3] Dentro da imensidão de tudo o que existe, chamamos de “nova” a estrela que chegou ao fim de sua vida útil, sofrendo implosão do núcleo, liberando quantidade enorme de energia luminosa. Muito mais raras que as novas são as “supernovas”, estrelas bem maiores e mais pesadas que a nossa — o Sol — que explodem no firmamento, gerando luz em expansão absurda: em pouco tempo, questão de dias terrestres, a supernova alcança brilho tão intenso quanto o de uma galáxia inteira! Após o auge, o sistema inicia um movimento contrário, perdendo temperatura e brilho, originando um núcleo de nêutrons denominado “pulsar”.

Se o núcleo for muito pesado, uma singularidade pode ser gerada: o “buraco negro”. Da demolição do que não tem mais utilidade, da renovação da matéria no tempo-espaço, emerge o novo.

O supernovo. Assim como as idéias que serão aqui apresentadas e discutidas, sem maiores pretensões além de uma única: conhecimento pessoal.

[4] A sinistra vida de Édipo foi contada por Sófocles, um dos célebres escritores de peças de tragédia da Grécia, ao lado de Ésquilo e Eurípedes. No mito, a Esfinge era a criatura questionadora que apavorava a cidade-Estado de Tebas. Aos que se dispunham a enfrentá-la, lançava sempre a mesma charada: “Que ser vivente caminha por quatro patas pela manhã, duas patas ao meio dia e três patas ao cair da tarde?”. Somente Édipo decifrou o enigma. Olhando para si, disse: “É o homem. No começo da infância, engatinha utilizando mãos e pés; adulto, caminha ereto e, já ancião, anda com ajuda do cajado”. A Esfinge enlouqueceu e atirou-se do alto de seu precipício (em outra versão, o monstro se devorou, aplicando o castigo que dispensava aos humanos: “Decifra-me ou te devoro!”). A solução do mistério edipiano é, não nos esqueçamos, o *próprio homem*.

[5] *Teoria Geral da Relatividade* foi a obra de Albert Einstein (1879-1955) publicada no ano de 1916. Segundo as novas idéias, que ampliaram o pensamento sobre gravidade de Isaac Newton, os sistemas acelerados e aqueles submetidos a campos gravitacionais são equivalentes fisicamente. Como conseqüência prática, a teoria admite que a matéria energética cause curvaturas no espaço-tempo. Sobre Deus, Einstein parecia acreditar na existência de uma força que regulava a natureza com equilíbrio e perfeição, mas que nada tinha a ver com a figura religiosa do Deus único.

[6] Uma galáxia é a reunião de centenas de bilhões de corpos celestes, dentre eles estrelas, que gravitam em torno de um único centro de massa. Nossa galáxia tem o formato de uma espiral e seu nome provém de “leite”. Várias culturas, na Antiguidade, procuraram explicar a origem da Via Láctea. Para gregos e romanos, Zeus, senhor dos deuses do Olimpo, havia enganado a esposa Hera colocando seu filho bastardo e semi-mortal, Heracles (ou Hércules) para sorver-lhe o leite divino, tomando assim características olímpicas. Quando Hera se deu conta de que amamentava um filho que não era seu, afastou Heracles violentamente. O leite jorrado

formou a Via Láctea. Para egípcios, a galáxia constituía a piscina de leite da divindade Hathor, parte humana, parte vaca, deusa da fertilidade. Perceba como nos dois casos, a Via Láctea está associada àquilo que dá vida, que fertiliza e sustenta.

[7] O premiado e respeitado astrônomo norte-americano Carl E. Sagan (1934-1996) conduziu seus estudos e pesquisas no sentido de favorecer a desmistificação do mundo científico para a comunidade em geral. Apoiava, disseminava e colaborava com ramos como a Exobiologia, sempre lidando com a imensidão do Universo que nos cerca. A citação em nosso texto é de uma de suas maiores obras, “Cosmos”.

[8] Podemos ir além. Existe uma relação teórica que fornece o número de civilizações existentes no Universo visível. O Universo visível é aquele que podemos, a partir da Terra, “enxergar” (não apenas a nossa galáxia). Na equação: $N(r)$ é o número de civilizações, por volume, capazes de serem vistas no raio r e R_g é o raio da galáxia. A primeira integral calcula a quantidade de civilizações visíveis na Via Láctea porque começa no raio zero e avança até o raio galáctico. A segunda informa o número de civilizações que estão *fora* da Via Láctea, começando pelo raio galáctico e expandindo até o infinito.

[9] Von Däniken, Erich. *Eram os deuses astronautas*, cap. XI.

[10] Em Hawking, Stephen W. *Buracos negros, universos-bebês e outros ensaios*, Editora Rocco, 1ª edição, 1995.

[11] Há uma edição em língua portuguesa. Newton, Isaac. *Óptica*, Editora EDUSP, 1ª edição, 2002.



CAPÍTULO 2

Anjos entre nós

[12] Para o povo hebreu, *Torá* é a denominação dada ao Pentateuco, ou seja, os cinco primeiros livros do que os cristãos entendem como Antigo Testamento. São eles: *Bereshit* (Gênesis), *Shemot* (Êxodo), *Vaicrá* (Levítico), *Bamidbar* (Números) e *Devarim* (Deuteronômio). Pela tradição, a *Torá* foi escrita por Moisés, influenciado pelo Deus único. Os fatos, porém, mostram que as cinco partes foram provavelmente escritas após longa tradição oral e recortada, compartilhada e assimilada entre os antigos povos da Palestina. A *Torá* é a base do judaísmo, religião com grande número de fiéis nos dias de hoje. Por toda a História, os “judeus” sofreram com a perseguição e animosidade, fechando-se em uma comunidade que, mesmo enfrentando as maiores dispersões, sobreviveu aos séculos. Há influências do judaísmo no cristianismo e no islamismo.

[13] Representante da Escolástica medieval, que tornou a função de professor um ofício e o ambiente da escola um meio diferenciado, Tomás de Aquino (1225-1274) foi um italiano estudioso de teologia e frade da Ordem dos Dominicanos. Sua obra mais reconhecida é a *Suma Teológica*. As sumas pretendem analisar e descrever todos os lados de uma mesma questão (originando a expressão “em suma”). Na *Summa Theologiae*, Aquino discorre sobre as bases da fé cristã. Foi canonizado santo em 1323.

[14] No início, os persas da Antiguidade, habitantes da área que corresponde, aproximadamente, ao Irã atual, adoravam o Sol, a Lua, os astros e a Terra. Foi o profeta Zaratustra (chamado pelos gregos de Zoroastro) quem reorganizou a religião medo-persa, inserindo a dualidade das luzes e trevas, expressa nas figuras do bem (o deus Ormuz) e do mal (o deus Arimã). O zoroastrismo falava de sete entidades, que seriam emanações da figura central de poder. Essas entidades estão paralelamente relacionadas aos anjos do judaísmo, cristianismo e islamismo. Ainda hoje, existem seguidores de Zoroastro e sua filosofia.

[15] Maomé nasceu em Meca e iniciou-se no lucrativo comércio de caravanas da região árabe. Em suas viagens, conheceu as grandes religiões monoteístas da época: judaísmo e cristianismo; na Pérsia, conheceu o zoroastrismo. Agregando fundamentos de cada seita e aspectos tradicionais da Arábia, Maomé iniciou as pregações do que se tornaria uma das grandes religiões da atualidade, o Islamismo, fundado nas palavras do Corão, livro sagrado do Islã — termo que significa “submissão à vontade de Alá”. Os anjos também fazem parte da doutrina islâmica.



CAPÍTULO 4

Homo Novus: Projeto Adâmico

[16] Homem novo, onde “Homo” refere-se ao ser humano de modo geral, independente de gênero.

[17] A teoria da abiogênese, segundo a qual seres vivos se originam da matéria-bruta, espontânea e rapidamente (surgindo, por exemplo, a partir de água, lixo, sujeira e outros restos), iniciada por Aristóteles em cerca de 400 a.C., foi derrubada inicialmente por Redi e depois por Pasteur, dando lugar à biogênese, teoria que diz que a vida só se origina a partir de outra preexistente, desde que encontre meio favorável ao seu desenvolvimento.

[18] Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia.



CAPÍTULO 5

Aquele que lutou com Deus

[19] Os especialistas classificaram como *semitas* os povos com línguas formadas a partir de uma mesma raiz. O vocábulo deriva de um dos filhos de Noé, Sem. A Bíblia conta que o Oriente foi sendo repovoado após o dilúvio pelos vários filhos do sobrevivente, o construtor da fabulosa arca. As famílias dos filhos de Noé, através de inúmeras gerações, fundaram nações e repartiram terras: *São estes os filhos de Sem*, segundo as suas famílias, segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações (Gênesis 10, 31). As especulações, no entanto, continuam gerando conflitos sobre onde e como surgiu o ramo semita. De qualquer modo, falaram — ou falam — “línguas de Sem” os acadianos, assírios, caldeus, babilônicos, hebreus, moabitas, fenícios e árabes antigos, entre outros. Uma segunda grande árvore lingüística, também dos primórdios das civilizações, é a dos *Indo-europeus*, de onde provém, por exemplo, o latim, grego, francês, italiano e português.

[20] A fascinante civilização hebraica ganhou rumos históricos, numa primeira etapa, com os grandes *Patriarcas*. Abraão, Isaac e Jacó (não Esaú, como seria por direito) foram, de acordo com os registros dos quais dispomos, sendo o maior deles o Antigo Testamento, o primeiro, segundo e terceiro dos patriarcas. Após a fase patriarcal, ocorreu a segunda etapa, monárquica, de *Reis* como Salomão e Davi, antes do *cisma* hebraico, que dividiu as doze tribos de Israel em dois reinos, o de Judá e o de Jerusalém, manobra que levou, inevitavelmente, às conquistas externas e cativo. Para a posteridade, os hebreus legaram, principalmente, a religião monoteísta em torno da entidade YHWH e as palavras do Testamento. A Inteligência extraterrena, centrada na figura do Criador dos Universos e das coisas que são, manteve contato pessoal e prolongado com os israelitas. O resultado dessa correspondência foi o preciso texto dos cinco primeiros livros da Bíblia. Por que os seres intergalácticos escolheram os descendentes de Abraão, naquele tempo e naquele espaço?

[21] Estela de Merenpta, também conhecida como Estela de Israel, é a única referência sobre Israel em documentos egípcios, referindo-se ao povo israelita. Foi encontrada nas ruínas do templo funerário do Faraó Merenpta (1236 a.C. a 1223 a.C.) em Tebas Ocidental e encontra-se exposta no Museu Egípcio do Cairo. Pertenceu originalmente a Amenófis III (1417 a 1379 a.C.), que nela fez gravar uma descrição sobre a construção de templos em honra do deus Amon-Rá. A estela em pedra de granito foi aproveitada por Merenpta para mandar esculpir a sua imagem e do deus Amon-Rá, seguindo-se 28 linhas de texto poético hieroglífico. A escrita é datada do 5.º ano de Merenpta e descreve a vitória sobre os Líbios que invadiram o Egito.



CAPÍTULO 6

Sob o signo do cajado

[22] Existem diversos debates e discussões sobre a autoria do *Pentateuco*. Enquanto uma corrente afirma que os livros foram todos escritos pelo próprio Moisés, a outra entende que os relatos foram *atribuídos* a Moisés, contando sua história e feitos, dentre outras narrativas, mas não escritos pelo patriarca (pelo menos não inteiramente, para alguns). O Pentateuco estabeleceu, em nome de “Deus”, um conjunto de normas e leis, rígidas e estritas, reconhecidas pelos historiadores como reformulação de códigos como o de Hamurabi, da Mesopotâmia, baseadas na prerrogativa do “*olho por olho, dente por dente*”. Vários pensadores já criticaram o governo de Moisés, chegando a se referir ao profeta como o “maior vilão da Humanidade”.

[23] Os Hicsos foram um povo asiático, provavelmente semita ou indo-árico que invadiu o Delta do Nilo, iniciando o segundo período intermediário do Antigo Egito. O termo grego Hicsos deriva do egípcio Hik-khoswet, e significa “governantes de países estrangeiros”.

[24] Sarça (acácia “Seneh” em hebraico, origem do topônimo “Sinai”) é uma planta espinhosa da família das fabáceas, gênero Acácia. Esta árvore, também conhecida pelo nome de “Shittim”, é citada na Bíblia Sagrada como a que, ateadada de fogo, não se consumia, quer dizer, não se queimava.

CAPÍTULO 7

Arcas e tabernáculos



[25] O termo “reliquia” remete ao vocábulo “religião”. Na prática, um não funciona sem o outro, seja literalmente, seja nas exaltações aos antigos objetos sacros.

[26] Na mitologia grega, Pandora foi a primeira mulher, dada de presente por Zeus astucioso, em uma armadilha para os mortais. O titã irmão de Prometeu tomou Pandora que, por sua vez, havia recebido dos deuses as maiores virtudes e, do pai das divindades, uma caixa. A ordem era expressa e imperativa: a caixa não deveria ser aberta. Curiosa, assim como Eva no Paraíso, Pandora abre a arca. De dentro do objeto escapam todos os males que as solam a humanidade: ódio, miséria, doença, guerra, etc. A mulher, assustada e arrependida, logo fecha o baú, não deixando escapar seu último conteúdo, a esperança. A caixa de Pandora tem paralelo com a Arca da Aliança.

[27] Comuns são os casos de pessoas que, arrebatadas por religiões, tornam-se as mais fervorosas fiéis do culto. A fraqueza humana se mostra aí por completo. Por incontáveis gerações um grupo menor manipulou, indiscriminadamente, o legado deixado pelas relações homem-Inteligência extraterrena, criando uma miríade de superstições, figuras de culpa (como a representação de Satanás), rituais, liturgias, cerimônias, cerimoniais e tradições moralistas que nada correspondem ao viver humano; que só nos afastaram do centro criador dos Universos. Com punho fechado e pulso firme, esses homens souberam oprimir as massas tal qual rebanhos de ovelha, produzindo uma nebulosa que turva e cega os olhos, desviando da verdade. É preciso reler o documento sacro, formado pelos testamentos, sem a lente preconceituosa e amedrontada.

[28] Mais uma vez, cabe dizer que outras culturas produziram, por tradição oral, mitos correlativos aos da Bíblia. Grandes inundações, com a água tomando tudo o que se conhecia, lavando, promovendo a higiene e instaurando um novo ciclo, aparecem em relatos ancestrais de enorme quantidade de povos (mesopotâmicos,

egípcios, hebreus, chineses, indianos, australianos, gregos e romanos, astecas, incas, maias, hopi, polinésios, entre outros). Tanto é assim que o episódio do dilúvio é caracterizado como “universal”: em algum ponto da narrativa, uma determinada cultura sofrerá a enchente, reiniciando todas as coisas, dandolhes novo fôlego. Algumas chegam a sucumbir, como o mítico Estado de Atlântida. Muitos estudiosos afirmam que os relatos referem-se aos degelos da última era glacial, período em que o nível de oceanos e mares aumentou significativamente, mudando a geografia e as paisagens.

[29] Em hebraico, *Dávid*, que significa amado, querido.

[30] Nome que deriva do hebraico, *Shlomo*, e significa, grosso modo, “pacífico”, “paz”, “próspero”. Salomão também foi chamado *Jedidas*, algo como “o amado de Yah” na linguagem dos hebreus. Yah é uma outra forma de Yahweh, YHWH ou Jeová, o Deus único que se auto-denominou “Aquele que é”.

[31] Podemos distinguir três períodos históricos na trajetória dos hebreus pela Antiguidade: a era de Patriarcas, como Abraão e Moisés, o governo de Juízes, como Sansão e Samuel e a monarquia de Reis, como Saul, Davi e Salomão. Após o reinado de Salomão, as instituições hebraicas entraram em uma verdadeira crise de valores (o poder material e o luxo da corte de Salomão geraram controvérsias profundas na comunidade), que culminou no cisma entre dois grupos. Ao norte surgiu o reino de Israel; ao sul, o reino de Judá.



CAPÍTULO 8

A palavra

[32] Todo material é feito, na verdade, de muitas partículas, átomos, moléculas, núcleos, prótons e elétrons, e há espaços proporcionais entre eles, que se movimentam sem tocar um ao outro. Tentando elucidar essa questão aparentemente complexa, pense que todo átomo tem seu funcionamento similar ao sistema solar: o centro, núcleo, é o sol e os elétrons são os planetas e há um espaço entre eles. Mas, devido à sua mínima dimensão, temos a sensação de ver

algo totalmente sólido, quando se olha a certa distância. Somente ao vê-los de perto, microscopicamente, ou telescopicamente, na comparação, é que se percebe sua real composição e o espaço que os separa. Olhe para um aglomerado de estrelas. A primeira sensação é de que se trata de uma mancha, mas, atentamente, você percebe que não é. Faça a seguinte comparação do átomo para o quaker: se a cidade de São Paulo é um átomo, o quaker é uma cereja. Compreende a magnitude da Criação ao dispor de átomos e minúsculas partes tão próximas e separadas e tão harmoniosas no espaço?

[33] Define-se lógica, na tradição aristotélica, como um conjunto de estudos que visa determinar os processos intelectuais que são condição geral do conhecimento verdadeiro. O corpo humano é animado por comandos oriundos do sutil, denominado de sutil, uma tênue energia gerada pela autodeterminação que está interagindo no conjunto do corpo. Ora, se tudo está organizado em determinada lógica, é porque a Inteligência agiu e trabalhou. Pense: o que é imortal no homem? Para onde ele vai depois de tudo o que vivenciou no planeta terra? Imagine outros universos, outros céus... Que tipo de forma de energia os animaria? Afinal, não existe o vazio absoluto.

CAPÍTULO 9

O sopro da vida

[34] Ácido desoxirribonucleico (DNA), em inglês, Deoxyribonucleic acid é uma molécula orgânica que contém a “informação” que coordena o desenvolvimento e funcionamento dos organismos vivos. O seu principal papel é armazenar as informações necessárias para a construção das proteínas e RNAs. Os segmentos de DNA que são responsáveis por carregar a informação genética são denominados genes. RNA (ácido ribonucleico, em inglês, ribonucleic acid), é uma composição muito semelhante ao do DNA, com algumas diferenças: trata-se de um polímero de nucleótidos, geralmente em cadeia simples, formado por moléculas de dimensões muito inferiores às do DNA.

[35] O Projeto Genoma Humano (PGH) teve por objetivo, através de um esforço mundial, o mapeamento do genoma humano, e a

identificação de todos os nucleótidos que o compõem. A iniciativa partiu do National Institutes of Health (NIH) dos EUA, e contou com centenas de laboratórios de todo o mundo para a tarefa de seqüenciar, um a um, os genes que codificam as proteínas do corpo humano e também aquelas seqüências de DNA que não são genes. O projeto foi fundado em 1990, com um financiamento de 3 milhões de dólares do Departamento de Energia dos Estados Unidos e dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos, e tinha um prazo previsto de 15 anos. Devido à grande cooperação da comunidade científica internacional, associada aos avanços no campo da bioinformática e das tecnologias de informação, um primeiro esboço do genoma foi anunciado em 26 de Junho de 2000, dois anos antes do previsto. Em 14 de Abril de 2003, um comunicado de imprensa conjunto anunciou que o projeto foi concluído com sucesso, com a sequenciação de 99% do genoma humano, com uma precisão de 99,99%.

[36] Fundada pelo cientista americano Craig Venter, a empresa Celera Genomics, com financiamento particular, tinha como um dos principais objetivos seqüenciar todo o genoma humano antes do Projeto Genoma Humano. Para realizar a pesquisa, a Celera usou como amostra DNA de pessoas anônimas, pois para Venter, não importa de quem vem o DNA, pois todos têm o mesmo conjunto de genes, exceto pelo fato de alguns terem predisposição para algumas doenças e outros não, o que acarreta numa variação de pessoa para pessoa. No dia 26 de junho de 2000, portanto quase três anos antes do Projeto Genoma Humano, a Celera anunciou que havia seqüenciado 100% do genoma humano.

CAPÍTULO 10

Nos subterrâneos de Moriá



[37] A palavra “Moriá” possui vários significados. Em hebraico, *Moriya*, significa “Ordenado por Yahweh” ou “Considerado por Yahweh”. Outras versões traduzem o termo como “A terra da visão”, “O lugar do medo” e “A terra da mirra”. Observe que todas as expressões caracterizam um mistério. Moriá é misteriosamente fascinante.

[38] Do segundo templo de Jerusalém restou apenas um pequeno fragmento — o “Muro das Lamentações”, local de peregrinação de judeus de todas as partes. Lá, eles oram e relembram do passado individual e coletivo.

[39] As obras do Templo de Salomão, fosse em respeito a Deus ou ao Monte que era de calcáreo, aconteceram em silêncio e, portanto, as pedras da edificação não foram talhadas na Elevação de Moriá, mas sim fora: *Edificava-se a casa com pedras já preparadas nas pedreiras, de maneira que nem martelo, nem machado nem instrumento algum de ferro se ouvia na casa quando a edificavam* (I Reis 6,7). Deve-se imaginar que reinou o silêncio absoluto no Monte durante a construção, que levou sete anos e meio. A edificação dos prédios próximos — acomodações dos sacerdotes, o Palácio de Salomão etc. — demorou 13 anos, somando 20 anos de obras, portanto.



CAPÍTULO 11

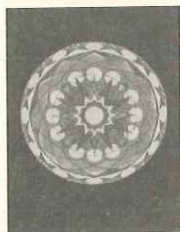
O cerco de Israel

[40] A História convencional costumou denominar períodos para a continuidade da sobrevivência dos homens na Terra. Assim, “Idade Antiga” ou “Antiguidade” foi a que se estendeu do advento da escrita nas comunidades primitivas ao fim do Império Romano do Ocidente, em 476; “Idade Média” foi a que ocorreu desde a queda romana no Ocidente até o fim do autocontrole do Império Bizantino, com a tomada da cidade de Constantinopla, no ano de 1453; a “Idade Moderna” estendeu-se da tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, muçulmanos, à Revolução Francesa de 1789 e a “Idade Contemporânea” é a que estamos vivendo no presente, que teve seu início com a revolução nas terras de França.

[41] O estudo da linguagem dos povos modernos e suas denominações para sistemas reais ou abstratos sempre revela muito do passado da humanidade. O dicionário Aurélio, de 1986, define: “**Judiar**. De judeu+i+ar, ‘tratar como antigamente se tratavam os judeus’: escarnecer, maltratar, vt.i. 1. Escarnecer, mofar, zombar:

judiar com alguém. 2. fazer judiaria: fazer sofrer; atormentar, maltratar: judiar dos animais”. O Houaiss, por sua vez, de 2001, informa: “**Judiar**. 1. judaizar adotar práticas judaicas 2. t.i. (1789) tratar com escárnio; zombar j. com a infelicidade alheia 3. t.i. (1881) tratar mal, física ou moralmente; atormentar, maltratar”. Para “judiaria”, diz o Aurélio: “**Judiaria**. 1. [De *judia* + *-aria*.] sf 1. Grande porção de judeus. 2. Bairro destinado aos judeus. **Judiaria** 2. [De *judiar*.] s f. Ato de judiar; maus-tratos; apoquentação. (Sin. Bras.: judiação.)”. Segundo o Houaiss, “**Judiaria** s.f. (1529 Atenr 86) 1. grande número de judeus; judaria 2. bairro de judeus 3. (1858) fig. Ato de zombar de alguém; chacota; *judiação*, zombaria 4. fig. Ato de maltratar alguém, física ou moralmente; *judiação* # etim judeu + *ária*”.

[42] As torres podem, inclusive, ser entendidas como símbolos dos dois povos que tiveram a mesma raiz, saídos da mesma fonte, mas que se desentenderam e se separaram no decorrer da História: hebreus (judeus) e árabes.



CAPÍTULO 12

O sinal do filho do homem

[43] Perceba que, como já foi dito anteriormente, os termos “Deus”, “Criador”, “Arquiteto” e “Senhor” são *convenções lingüísticas*. Uma vez que o homem compreenda que existe a Inteligência única, fonte inesgotável de amor e energia criadora, pode se referir a ela do modo que achar melhor: “Jeová”, “Alá”, a “Força”, a seu critério, pois nesse caso a denominação não exerce grande influência. Não é preciso chamar a cadeira de “cadeira” para que ela continue existindo e sendo cadeira.

[44] Na verdade, Deus Todo-Poderoso nunca poderá ser explicado ou decodificado por nenhum ser vivente da terra, porque é insondável e inacessível. Simplesmente E aquilo que É, e nada pode criá-Lo. Se isso fosse possível, o intérprete-codificador de Deus, nosso Senhor, deveria ser uma entidade superior a Ele e isso

é certamente impossível, além de inadmissível por parte de muitas religiões. O conceito do Criador envolve superioridade e inteligência absolutas.

[45] Não é a toa que várias das culturas humanas tratam do fim seguido do recomeço das coisas, como em um ciclo. Para muitos especialistas, é como se todas as sociedades primitivas tivessem sido avisadas do momento no qual a Inteligência retornaria e integraria a terra ao firmamento.

APÊNDICE 1

Singularidades

[46] Galileu Galilei (1564-1642) foi um grande físico, matemático e astrônomo italiano. Durante sua juventude escreveu obras sobre Dante e Tasso. Ainda nesta fase, fez a descoberta da lei dos corpos e enunciou o princípio da Inércia. Foi um dos principais representantes do Renascimento Científico dos séculos XVI e XVII. Fez a balança hidrostática, que, posteriormente, deu origem ao relógio de pêndulo. A partir da informação da construção do primeiro telescópio, na Holanda, construiu a primeira luneta astronômica e, com ela, pôde observar a composição estelar da Via Látea, os satélites de Júpiter, as manchas do Sol e as fases de Vênus. Morreu cego e condenado pela Igreja Católica por suas convicções científicas sobre o heliocentrismo, teoria que diz que o sol fica parado e os corpos celestes se movem ao seu redor, e que a terra é redonda. Suas obras foram censuradas e proibidas. Contudo, o primeiro a defender que a terra era redonda foi Nicolau Copérnico (1473-1543).

[47] Para o grego Empédocles, que foi filósofo, médico, legislador, professor, místico, e profeta, duas forças fundamentais são responsáveis pela manutenção do universo: O AMOR que une os elementos e o ÓDIO que os separa. A morte é apenas a desagregação dos elementos. Ele afirmava que todos nós fazemos parte do todo que se renova em ciclos; reunindo-se, nascimento, e separando-se, morte. Seu pensamento posteriormente influenciaria os pensadores da escola atomista.

[48] Mendel, monge agotisniano, estudou no Instituto de Filosofia de Olmütz e na Universidade de Viena. Foi um célebre botânico e meteorologista; dedicou-se ao estudo do cruzamento de muitas espécies, entre elas feijões, chicória, bocas-de-dragão, plantas frutíferas, camundongos abelhas e ervilhas no mosteiro onde vivia, analisando os resultados matematicamente. Foi inspirado pelos professores e colegas do mosteiro, que o pressionaram a estudar as variações do aspecto das espécies. Propôs que a existência de características, como a cor das flores, deve-se à existência de unidades elementares de hereditariedade, hoje conhecidas como genes. Em 1865, apresentou as Leis da Hereditariedade, hoje conhecidas como Leis de Mendel, que regem a transmissão das características hereditárias. Seus trabalhos compõem a base da genética moderna, por isso é chamado “pai da genética” entre os estudiosos.



APÊNDICE 2

Ovelhas

[49] A psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) admite a existência de três “degraus” de consciência (ou inconsciência) que se sobrepõem: o id (do latim, “isso”), centro das pulsões, dos desejos mais primitivos de bem ou mal, o instinto; o superego, entidade moralista e ética interna que estabelece permanente conflito com o id; e ego (“eu” em latim), a esfera consciente que, se equilibrada e saudável, saberá dosar as demandas do id e do superego, de modo a conviver harmoniosamente com o meio exterior. Freud descreveu duas pulsões básicas: Eros e Tanatos. Eros é o desejo pela vida, bem como sua preservação a qualquer custo. Tanatos, ao contrário, é o desejo pela morte, pela aniquilação e destruição. Quando e como nos tornamos tão complexos? Por quais mecanismos o Criador deixou sua marca em nosso id? Qual dos três degraus mais se conforta nas mãos dos pastores, bispos, monges e outras figuras religiosas?



APÊNDICE 3

Odisséia

[50] Pitágoras de Samos (571 a.C. - 496 a.C.), filósofo e matemático grego, fundador de uma importante escola de pensamento grega, a pitagórica. Interessava-se pelo estudo das propriedades dos números que, na sua visão, eram a essência de tudo, de todas as coisas, eram sinônimos de harmonia, constituídos então da soma de pares e ímpares, noções opostas (limitado e ilimitado) respectivamente números pares e ímpares expressando as relações que se encontram em permanente processo de mutação, criando a teoria da harmonia das esferas (o cosmos é regido por relações matemáticas). A observação dos astros evidenciou-lhe a idéia de que uma ordem domina o universo, como era de se supor pela alternância de dia e noite, das estações e no movimento circular e perfeito das estrelas. O filósofo concluiu que o mundo poderia ser chamado de cosmos, termo que contém as idéias de ordem, de correspondência e de beleza. Nessa cosmovisão, concluiu ainda que a terra é esférica, estrela entre as estrelas que se movem ao redor de um fogo central. Alguns de seus seguidores chegaram a falar da rotação da Terra sobre seu eixo, mas a maior descoberta de Pitágoras deuse no domínio da geometria e se refere às relações entre os lados do triângulo retângulo. Foi ele quem cunhou o termo “filósofo”.

[51] A teoria do universo geocêntrico ou geocentrismo é o modelo cosmológico mais antigo. Na Antiguidade era raro quem discordasse dessa visão. Entre os filósofos que defendiam esta teoria, o mais conhecido é Aristóteles. Mas, foi Ptolomeu quem, na sua obra “Almagesto”, deu a forma final a esta teoria, que se baseia na hipótese de que a Terra estaria parada no centro do Universo, tendo todos os corpos celestes, inclusive o Sol, girando ao seu redor. Essa visão predominou no pensamento humano até o resgate, feito pelo polonês Nicolau Copérnico, da teoria heliocêntrica criada pelo astrônomo grego, Aristarco de Samos (310 a.C. - 230 a.C.).

[52] Eratóstenes de Cirene (276 a.C. - 194 a.C.), matemático, geógrafo e astrônomo grego, foi apelidado por seus contemporâneos de “Beta” (a segunda letra do alfabeto grego) porque o consideravam o segundo melhor do mundo em vários aspectos. O sábio estudou em Atenas, mas passou boa parte da sua vida em Alexandria. Em 236 a.C., foi escolhido como diretor da famosa Biblioteca de Alexandria. Com auxílio da trigonometria, Eratóstenes mediu o perímetro da circunferência máxima da Terra e, engenhosamente, chegou a sua forma esférica. Entre seus estudos estão a criação da esfera armilar, o primeiro cálculo, com espantosa precisão para a época, da distância entre a Terra e o Sol; criou, ainda, um catálogo com 675 estrelas fixas. O historiador, geógrafo, matemático, astrônomo, filósofo, poeta e crítico de teatro tratou com igual profundidade todas as ciências de seu tempo, pois suas obras tratam desde A Libertação da dor até a Astronomia.

[53] Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo e matemático, foi cônego da Igreja Católica, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Sua teoria do Heliocentrismo, que colocou o Sol no centro do Sistema Solar, contrariando a então vigente teoria de que a Terra era o centro, é considerada uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, tendo constituído o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana permitiu também a emancipação da cosmologia da teologia. Suas teorias encontram-se no compêndio *De revolutionibus orbium caelestium* (Sobre as revoluções dos orbes celestes), que data de 1530, mas que esperou, por mais dez anos, a aprovação do autor para ser publicado, e que teria chegado as suas mãos no dia de sua morte, 24 de maio de 1543.

[54] É creditado a Lippershey (1570 - 1619) a criação e disseminação de projetos dos primeiros telescópios práticos. Telescópios crus e lentes especiais podem ter sido criadas antes, mas acredita-se que Lippershey foi o primeiro a aplicar uma patente de seu projeto, tornando o produto disponível para uso geral em 1608.

[55] Na Universidade, Johannes Kepler (1571-1630), quando teve a oportunidade de conhecer as correntes intelectuais predominantes na época, aproximou-se da teoria copernicana do universo

heliocêntrico. Chegou a dizer a seguinte frase em uma de suas aulas: — “Deus geometriza! A geometria é o próprio Deus!”. Vale ressaltar que Kepler foi, mais tarde, expulso da Áustria católica, não apenas por ser protestante, mas também por ser acusado de cometer heresia com seus estudos.

[56] O termo Big Bang foi cunhado de maneira irônica por Sir Fred Hoyle, um importante cientista inglês que desdenhava e combatia a teoria.

[57] Após rodear, em órbita, o planeta Terra em uma hora e quarenta minutos, o cosmonauta, piloto e pára-quedista da Força Aérea Soviética, Major Yuri A. Gagarin, então com 27 anos, o primeiro homem na órbita terrestre, constatou: “A Terra é Azul”.

[58] A frase dita por Neil Armstrong ao pisar pela primeira vez na superfície lunar, uma das mais conhecidas na história mundial recente, só veio à cabeça do cosmonauta poucos momentos antes de descer da nave, já pousado na Lua.

REFERÊNCIAS E SUGESTÕES DE LEITURA

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1998.

ANDREWS, Richard. *Sangue sobre a montanha*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

BENÍTEZ, Juan José. *O OVNI DE Belém*. Rio de Janeiro: Record Nova Era, 1993.

BENÍTEZ, Juan José. *Os astronautas de Yaveh*. São Paulo: Mercury, 1989.

BÍBLIA SAGRADA. Antigo e novo testamento. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1987.

BRIGHT, J. *A história de Israel*. São Paulo: Paulus, 2004.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

COQUET, Michel. *A arca da aliança: de Noé a Moisés*. São Paulo: Ibrasa, 1986.

COUSINS, Peter James. *Ciência e fé: novas perspectivas*. São Paulo: Abu, 1997.

Crer em extraterrestres não ofende a fé, diz padre. *O Estado de São Paulo*. Caderno Vida&, 14/052008.

DROSNIN, Michael. *O código da Bíblia*. São Paulo: Cultrix, 1997.

ELLAM, Jan Vall. *Fator extraterrestre*. São Paulo: Zian Editora, 2004.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GARELLI, Paul. *O Oriente próximo asiático*. São Paulo: Pioneira/ EDUSP, 1982. (2 volumes)

GUITTON, Jean. *Deus e a ciência*. São Paulo: Nova Fronteira, 1992.

HAWKING, Stephen W. *Buracos negros, universos-bebês e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KAKU, Michio. *Mundos Paralelos: Uma jornada através da criação, das dimensões superiores e do futuro do cosmo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KELLER, Werner. *E a Bíblia tinha razão*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

NEWTON, Isaac. *Óptica*. São Paulo: Edusp, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

PRETTI, Lucas. Para astrônomos, universo faz homens se conhecerem mais. *O Estado de São Paulo*. Caderno: Link, p. L10, 19/05/08.

RESENDE, Rodrigo. Os 7 elementos. *Revista Super Interessante*. Edição 252, maio, p. 84-87. São Paulo: Editora Abril, 2008.

SAGAN, Carl. *Bilhões e bilhões*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. *Cosmos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

SATINOVER, Jeffrey. *A verdade por trás do código da Bíblia*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1998.

TERESI, Dick. *Descobertas Perdidas: As raízes antigas da Ciência Moderna, dos babilônios aos maias*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Cia das Letras, 2004. (Volume 1).

VERMES, Geza. *Os manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Mercuryo, 2004.

VON DÄNIKEN, Erich. *As aparições*. Rio de Janeiro: Record, 1991

_____. *Eram os deuses astronautas*. São Paulo: Melhoramentos, 2005

_____. *Somos todos filhos dos deuses: se os túmulos pudessem falar*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre.

Direção editorial
RITA DE SOUSA

Pesquisa
ANDRÉ RIBEIRO VIEIRA

Capa e ilustrações
ANA CLAUDIA LEITE DANTAS FERREIRA

Mapas
ANDRÉ RIBEIRO VIEIRA

Revisão
PEDRO LEITE DE SOUSA

Projeto gráfico e editoração eletrônica
ANA CLAUDIA LEITE DANTAS FERREIRA

Produção Gráfica
AGPM - Agência Global de Pesquisa e Marketing

Impressão
Art Graphic Gráfica e Editora

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2009

Formato 15 x 21 cm
Mancha 11 x 17 cm
Tipologia Copperplate Gothic Bold: 22 título;
Tipologia Copperplate Gothic Light: 10 subtítulo;
Souvenir Lt BT: 11 texto;
11 notas; 15,5 aberturas.
Papel Pólem 75 g / m² (miolo)
Papel Couche 90 g / m² (miolo)
Cartão Supremo 250 g / m² (capa)
Páginas 272

*"Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o
Senhor Deus, aquele que é, que era
e que há de vir, o Todo-poderoso"*
(Apocalipse 1, 8)

